VOTE NOS MELHORES DE 87

EDITORA AZUL
Nº 30
Janeiro 1988
Cr$ 130,00

BIZZ

LEGIÃO
A HISTÓRIA SECRETA

EXCLUSIVAS:
TINA TURNER
CHRISSIE HYNDE
METALLICA

DURAN DURAN

OS NOTÓRIOS NO BRASIL

REPLICANTES • DEPECHE MODE • ARRIGO • KUBRICK • PICASSOS FALSOS • PUBLIC ENEMY • STING AO VIVO

EMI-ODEON
1913 / 1988

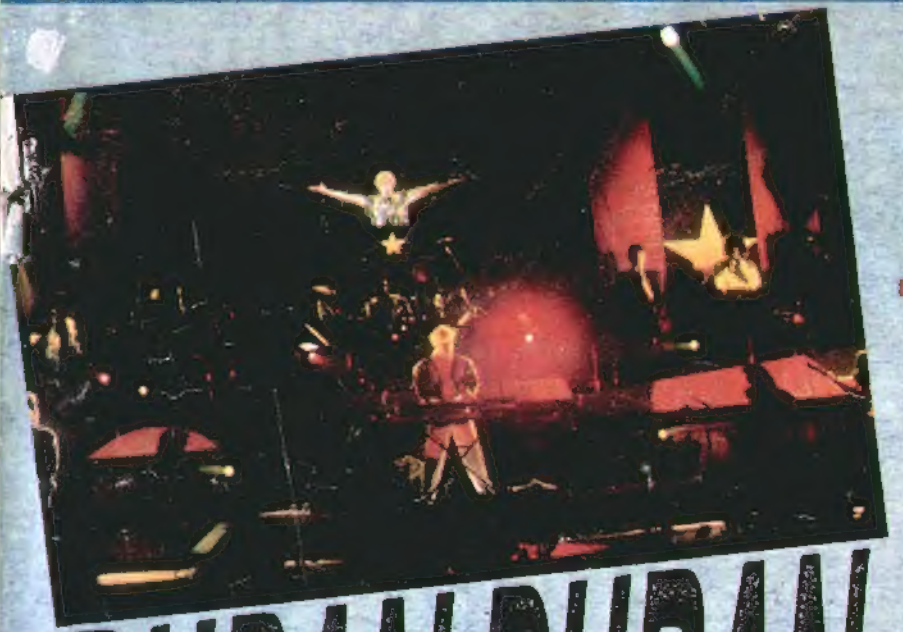
TINA

SP: PACAEMBU - 09 e 10 JAN
RIO: MARACANÃ - 16 JAN

NOVO LP - K7
BÔNUS 2 MÚSICAS A MAIS NO K7

Que festa!

75 ANOS
DE BRASIL



DURAN DURAN

RIO: APOTEOSE - 08 JAN ● SP: MORUMBI - 15 JAN

NOVO LP - K7

250.000

Ai, Caramba!

SÓ DÁ LA BAMBA!

Mentira. O disco *La Bamba* (trilha sonora do filme) já passou das 250.000 cópias vendidas no Brasil. Ao reunir, em 12 faixas, o melhor do rock sulista norte-americano dos anos 50 (segunda metade), *La Bamba* virou febre, mania, sensação. Mais: consagrou, também no Brasil, o grupo *Los Lobos*, responsável por 8 faixas do LP. É isso "señor". *La Bamba* começa a chegar às 300 mil cópias vendidas, por enquanto.

Gravado e mixado em processo digital, *La Bamba* conta essa louca história com os seguintes personagens:
Los Lobos, Bo Diddley, Howard Huntsberry, Brian Setzer e Marshall Crenshaw.

Em discos e fitas PolyGram

BIZZ

A força da tribo frente à quinquilharia do rock atual. Metallica, da nova geração heavy, está na página 66

Janeiro, 1985. Enquanto o rock fervilhava lá fora, aqui no Brasil, embora tivéssemos já um time respeitável de roqueiros, sofríamos um cruel jejum de apresentações internacionais. O rock no Brasil nunca tinha se colocado cara-a-cará com seus colegas. O Rock in Rio preencheu (parcialmente) este vácuo e, de certa forma, foi um dos responsáveis pelo estouro do rock nacional em 85/86. Janeiro, 1988. Um novo festival se prepara, o Hollywood Rock. Só que agora as coisas já não são como eram antes. Os grupos nacionais saíram das gatinhas e agora caminham a passos largos, ombro a ombro com as atrações internacionais. E estas foram selecionadas mais cuidadosamente, embora alguns dos nomes mais ansiados tenham ficado de fora por suas agendas lotadas. Para esta edição, o assunto não poderia ser outro: as ilustres visitas de **Duran Duran** e dos **Pretenders** ao Brasil. **Pepe Escobar** atravessou o Canal da mancha para entrevistar os Durans, e tomou chá com Chrissie Hynde em Londres.

Um repertório que inclui "Eduardo e Mônica", "Será", "Geração Coca-Cola" correu o risco de ficar sem continuidade... A **Legião Urbana**, que já passou por cima da crise, contou todos os percalços pelos quais passou só para **Sônia Mais. Tina Turner**, outra que vem esquentar ainda mais o verão, deu uma carona e uma entrevista para **Ana Maria Bahiana.** E ainda tem mais: **Metallica** capturado por **José Emilio Rondeau, Arrigo Barnabé** por **Marcel Plasse, Andy Summers** por **Thomas Pappon, Picassos Falsos, Replicantes...**

É para quem já está morrendo de saudade, **Jean-Yves de Neufville** fez o relatório completo da turnê de **Sting** no Brasil, com entrevistas exclusivas com o próprio e com o Capital Inicial. Não se esqueçam de votar nos **Melhores do Ano.** Se não sairem as Diretas/88, em alguma coisa pelo menos os leitores de BIZZ já terão votado... *Bia Abramo*

5 **ÍNDICE**
Você está aqui
6 **SHOWBIZZ**
Notas, notícias e boataria
12 **PARADA**
EUA, Grã-Bretanha e Parada do Leitor
17 **LANÇAMENTOS**
Discos quentinhos da boca do forno
24 **VÍDEO**
Maruschka Detmers e os principais lançamentos
26 **LEGIÃO URBANA**
A história do "quase fim"
32 **DURAN DURAN**
Flagrados no estúdio antes de embarcar para o Brasil
38 **REPLICANTES**
Os "calhordas" falam de sexo e violência
40 **TINA TURNER**
Uma carona no avião da pérola negra
46 **PICASSOS FALSOS**
Quadro a quadro
48 **DEPECHE MODE**
As técnicas do tecnopop
50 **NEI LISBOA**
O gaúcho na corda bamba
51 **ENTREVISTÃO**
Chrissie Hynde, a mulher forte dos Pretenders
58 **PUBLIC ENEMY**
Hip-hop da pesada
62 **ARRIGO BARNABÉ**
Um tubarão nas ondas do rádio. Suspeito?
86 **METALLICA**
O insustentável peso do metal
68 **ANDY SUMMERS**
O ex-Police capturado em sua breve passagem pelo Brasil
70 **AO VIVO ESPECIAL**
A cobertura completa da turnê brasileira de Sting
78 **AO VIVO**
Homenagem a Jaco Pastorius, Rush Hour, R.E.M., Hüsker Dü, Cars, Fábrica Fagus, Pink Floyd, Camisa de Vênus e Gun Club
84 **CINEMA**
Stanley Kubrick e seu Vietnam
92 **EM CARTAZ**
Projeto Secreto — Macacos, Ishtar, Sem Saída, Atração Fatal e *S.O.S — Tem um Louco Solto no Espaço*
98 **LETRAS**
"Seattle", do PIL
100 **MEU INSTRUMENTO**
Os sopros de Paulo Moura
102 **AIR MAIL**
Direto de Londres
104 **DISCOTECA BÁSICA**
Nightclubbing, de Grace Jones
105 **CARTAS & SERVIÇOS**

Arte de José E. Carvalho

JAGGER AQUECE AS TURBINAS

Jagger solo: tirando as pedras do caminho

Parece que **Mick Jagger** já escalou o time que irá acompanhá-lo em excursão solo. Depois da gravação do clip de "Throwaway", realizada no Country Club de Los Angeles, ele acabou mandando brasa numa jam session só para convidados. A banda tinha **Jeff Beck** (guitarras), **Terry Bozzio** (bateria, ex-Zappa e Missing Persons) e **Doug Wimbish** (baixo).

O Mission: Craig (baixo), Simon e Wayne (guitarras) e Mick (bateria)

NOVIDADES NO VINIL

Já está pronto o segundo LP do **Mission**, produzido pelo ex-Led Zeppelin **John Paul Jones**. O título (provisório) é *Children*.

E os **Sisters of Mercy** finalmente lançaram seu segundo LP (isso mesmo! O primeiro é o *First, Last & Always*, lançado no Brasil, que ainda tem Wayne Hussey e Craig Adams, hoje no Mission). É o *Floodland*, produzido por **Jim Steinman** (americano que já trabalhou com Meat Loaf).

E atenção, que a notícia é quente: vem aí mais um LP do **King Crimson**! Nossos espiões ultra-secretos pegaram a informação com **Robert Fripp** em pessoa. Ele disse que já tem algumas músicas gravadas com **Tony Levin** no baixo (e stick), **Jerry Marotta** (que toca com Peter Gabriel) na bateria e outro músico que Fripp não quis revelar sob hipótese alguma. Ela cabra misterioso! Aguardem maiores detalhes...

Bowie, o homem que assusta as texanas sem usar serra elétrica

BOWIE ESTUPRADOR?

Wanda Nichols é a mulher de 30 anos que afirma ter sido estuprada por **David Bowie** num hotel em Dallas, no dia 9 de outubro, após um show do cantor. Ela ainda disse que, logo após o estupro, o cantor teria dito "agora você tem AIDS". Um tribunal em Dallas esteve cuidando do caso, enquanto Bowie declarava que "tudo não passa de mais um caso de pessoas querendo chamar atenção sobre si. É tudo mentira!". O júri, ainda bem, não engoliu os argumentos da senhora Nichols. Resultado: Bowie foi inocentado.

METENDO A MÃO NO CABEÇA

Na abertura do Entrevistão com os Titãs publicado na BIZZ passada, um erro de revisão transformou as "300 mil cópias vendidas de *Cabeça Dinossauro*" em "mil cópias"... Sorry, boys!

A islandesa Bjork: um cubo de açúcar entre os icebergs

OUÇA ESSA

"As notícias sobre minha morte são bastante exageradas"

Lux Interior, cantor dos **Cramps**, sobre a notícia de que tinha morrido de overdose de heroína

CURTAS E GROSSAS I

Olho vivo nos **Sugarcubes**, grupo da Islândia (!!!) que fez recentemente sua primeira excursão ao continente europeu. Tem um compacto lançado na Inglaterra que foi muito bem nas paradas. Seus shows foram aclamadíssimos pela crítica, e quase todas as publicações musicais respeitáveis fizeram matérias de capa sobre eles. Detalhe: a cantora é uma exótica ninfeta chamada **Bjork** (!).

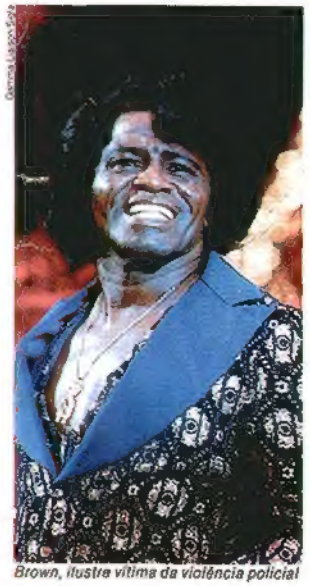
O **Stiff Little Fingers**, um dos pioneiros do punk inglês, se reagrupou para alguns shows na Inglaterra. "Pura nostalgia", dizem eles.

O **R.E.M.** está no auge de sua popularidade. O recém-lançado LP *Document* já está entre os dez LPs mais vendidos nos EUA — é a primeira vez que conseguem isso — e a *Rolling Stone*, na sua primeira edição de dezembro, botou o grupo na capa com o entusiasmado título de "R.E.M., a melhor banda de rock'n'roll da América".

TERENCE, O RADICAL

O Arby, o que abomina modéstia e nazistas

Enquanto uns vão à Sun City, outros se recusam até a tocar na Áustria (!). O gênio autodeclarado **Terence Trent D'Arby** cancelou um concerto em Viena, causando um prejuízo considerável para o próprio bolso. Mesmo assim, Terence bateu o pé mostrando firmeza nas suas razões: "Não quero que façam dinheiro às minhas custas, num país que em sã consciência elegeu um conhecido conspirador nazista para dirigir a nação". Ele se refere ao atual primeiro-ministro austríaco e ex-secretário geral da ONU, Kurt Waldheim, acusado de colaborar e conspirar com os nazistas na Segunda Guerra Mundial, quando os alemães ocuparam a Áustria.



Brown, ilustre vítima da violência policial

CURTAS E GROSSAS II

Carl Wilson, integrante fundador dos **Beach Boys**, casou-se com **Gina Martin**, filha do ator e cantor Dean Martin. A cerimônia foi em Las Vegas.

James Brown foi detido no dia 7 de novembro passado, depois que seu veículo bateu num carro dentro de um estacionamento em Aiken County, na Carolina do Sul. Detalhe: ele teve suas mãos e pés brutalmente amarrados com arames pelos policiais que o prenderam. Segundo eles, isso foi necessário porque o *Godfather of Soul* se recusou a ser levado pra delegacia.

Mick Taylor, ex-Stones, está preparando demos e deverá gravar em breve. Sua nova banda inclui **Max Middleton** nos teclados, **Wilbur Bascomb** no baixo e o baterista **Steve Jordan**.

OUÇA ESSA

"Polir nossa música é que nem pintar uma lata de lixo"

Nikki Sixx, vocalista do **Mötley Crüe**

DAS CAPITAIS I

Tessália é o nome da nova coqueluche de Curitiba. Nosso homem na "terra dos pinheirais", Luiz Cláudio, manda algumas dicas sobre os garotos.

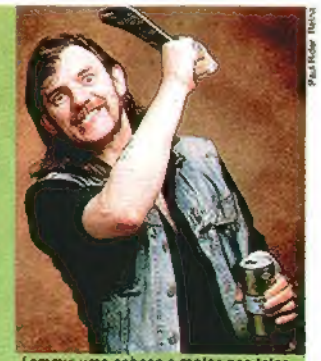
Trabalhando no terreno da música climática, eles optaram por determinadas posturas que, se não originais, parecem, no mínimo, peculiares. Primeiro: o Tessália fala uma língua que ainda não foi codificada. As músicas não têm letras — apenas palavras insinuadas, de uma maneira cool, como se a voz fosse mais um instrumento. Segundo: eles se recusam a aparecer — geralmente tocam atrás de um pano — ou dar nome aos bois. A formação instrumental contém, além do vocal, teclado, bateria, guitarra, baixo e um computador rítmico. Parece impossível não associá-los a Cocteau Twins ou Durutti Column. Mas o resultado é outro. É mais estranho...

Um dos grupos mais batalhadores de Curitiba, o **Beijo AA Força**, se cansou do papo furado e das promessas não cumpridas das gravadoras e resolveu fundar uma produtora própria, a **Homem de Ferro Produções**. Para os primeiros trabalhos estão planejados uma fita-"demo" do grupo com uma hora de duração, o término do vídeo **Me Enterrem Vivo**, dirigido por Walter Silveira, da The Achademia Brasileira de Vídeo, instalada em São Paulo e, ainda, esperam fechar uma possível apresentação em Curitiba de um grupo europeu ainda este ano. O nome da banda ainda não está confirmado, mas, com certeza, não fará parte do eixo britânico.

ROCK'N'CINE

Lemmy, o líder do **Motorhead**, é uma das grandes atrações do filme *Eat the Rich*, que estreou há poucas semanas em Londres. A direção da fita — cuja trilha sonora, aliás, é do Motorhead — é de **Peter Richardson**.

Taylor Hackford, responsável pela produção de *La Bamba* e *Hail! Hail! Rock'n'Roll* (o filme sobre Chuck Berry, ainda inédito no Brasil), já tem outro projeto musical. Ele vai filmar a vida da compositora/letrista **Linda Creed**, falecida em 86, vítima de câncer. Linda é autora de "Greatest Love Of All", grande sucesso na interpretação de Whitney Huston, e de inúmeros clássicos dos Spinners e Stylistics.



Lemmy: uma cabeça-a-motor nas telas

ARTO LINDSAY NO RIO

O guitarrista americano/nordestino **Arto Lindsay** fez uma rápida passagem pelo Rio de Janeiro no início de dezembro. Ele ficou dois dias trancado no estúdio Nas Nuvens, gravando percussões tocadas por ritmistas locais. As gravações serão utilizadas no aguardado segundo LP dos Ambitious Lovers, banda formada atualmente por Arto e o tecladista Peter Scherer (que também esteve no Rio). O LP será concluído em Nova York e lançado pela Virgin, nova gravadora do grupo, em março. Surpresa: a RCA vai lançar o LP no Brasil! No Rio, Arto esteve hospedado na casa de seu amigo Caetano Veloso — que dedicou a faixa "Eu Sou Neguinha?", do seu último disco, justamente para este guitarrista americano.

CABINE NA LUTA

Fabiana Figueiredo - Abril

Cabine C: depois das decepções, bola pra frente

Outra banda em outra forma que está renascendo quase das cinzas é o Cabine C. A tentativa do RPM de bancar um selo independente deu com os burros n'água. E o Cabine sofreu as consequências disso. Seu primeiro LP, *Fósforos de Oxford*, foi mal distribuído e não chegou às rádios. Obrigados a uma hibernação de meses, eles voltaram há pouco a transitar pelas casas noturnas de São Paulo. Mas esse período que amargaram não os deixou enferrujados. Pelo contrário, a parte de execução voltou mais firme e as novas composições consolidam o estilo climático e lírico do Cabine. Uma simpática versão de "Sete Nomes", do extinto trio Smack (buá!!!) reafirma o lado sombrio da banda, sem darquismos fabricados. O Cabine está entrando na Justiça para resolver seus problemas contratuais com o selo RPM e já está com propostas de contrato com outra gravadora.

Iain McNatt / Retna

Mr. Idol e Sra. (Perri Lister): esperando nenem

CURTAS E GROSSAS III

Eddie Van Halen foi pego mais uma vez dirigindo embriagado em alta velocidade — e fugindo da polícia. ● **Ad Rock** (Adam Horowitz), o Beastie Boy que atirou uma lata de cerveja na platéia e — aparentemente — feriu uma garota num show em Liverpool, foi declarado inocente pelo tribunal local. ● Nasceram os filhos de **André Jung** e **Ricardo Gasparini**, baterista e baixista da Ira! O filho de André chama-se Enzo, e o de Gaspa, Guilherme. Os deuses da fertilidade ainda abençoaram o guitarrista **Edgard Scandurra** e **Tuciana Barros** (da **Gang 90**): eles esperam um novo membro na família. E a **Legião Urbana** também vai aumentar: **Marcelo Bonfá** e **Dado Villa Lobos** se tornarão papais. No setor internacional, **Billy Idol** já sabe a data em que vai nascer seu filho: será em maio. Sejam bem-vindos!

Mark Edgar (LP)

Ziggy, filho do saudoso Bob Marley

NOVIDADES NO VINIL II

Tina Weymouth e **Chris Frantz**, o casal "cozinha" dos Talking Heads, produziram o primeiro LP de **Ziggy Marley** (o filho de **Bob**) **& the Melody Makers**. O disco tem participação de **Keith Richards** em uma faixa, e sai pela Virgin.

Continuam surpreendendo os lançamentos da série Peel Sessions (aqueles gravados pela BBC) da gravadora independente Strange Fruit. Acabam de sair outras sessões gravadas em 81 do **New Order**, e outros do **Damned**, gravados em 76. Na lista de espera, logo na sequência, estão inéditos do **Wire**, **Syd Barrett** e os **Buzzcocks**! OOOOOBAAAAAAAAAAA!!!!!

Jello Biafra lançou um LP duplo — todinho falado — chamado *No More Cocoons*. A gravação foi feita ao vivo, com Jello declamando seus sempre cínicos textos. Coisas intituladas "Porque Estou Feliz em a Challenger Ter Explodido" ou "O Vietnã Nunca Aconteceu".

CAÇA AO LOBÃO

"Cariocas cabeludos, vocês vieram passar Aids para as meninas daqui", foi a frase que desencadeou o espancamento de dois músicos da banda de **Lobão** — **José Luiz Oliveira** (sax) e **Roberto Lee** (baixo) — no dia 6 de dezembro último, num local próximo ao canal de São João Del Rey (MG).

O atentado partiu da chamada "turma do Kibon", quando os dois músicos saíam de um bar, algumas horas após a apresentação de Lobão no Ginásio Athletic local. Segundo Lobão, José Luiz ficou desacordado até chegar à Santa Casa. "Ele estava num estado deplorável. Tinha evacuado durante o espancamento porque pisaram no intestino dele. Ele ficou com o rosto deformado". Lee conseguiu fugir resistindo aos agressores com um porrete que caiu dos céus nas suas mãos naquele momento.

Ainda na primeira semana de dezembro, o Ira! foi convidado a cobrir algumas datas de shows de Lobão, cancelados no interior de Minas. Entramos em contato com o produtor responsável e ele nos informou: "Não era 'censura'. Simplesmente algumas mães fizeram ressalvas ao show de Lobão, por ser um mal exemplo para seus filhos. Com isso, alguns prefeitos — que aprovam ou não qualquer tipo de manifestação artística — proibiram apresentações de Lobão em suas cidades", disse Joselino Gomes Seixas. Nome aos bois: o boicote ocorreu em Três Corações, Lavras e Viçosa.

Marcio Baraldi/Abril

Lobão: caçado por defensores dos "bons costumes"

NOVO FILME DE PRINCE

Prince: enfim, o terceiro filme

Sign O'The Times, o filme que reúne momentos da turnê européia de **Prince**, estreou em grande estilo nos EUA. Enquanto roe as unhas com os resultados da bilheteria (seu último filme, *Under a Cherry Moon* foi um tremendo fracasso), o pequeno astro já prepara seu quarto filme, a ser escrito e dirigido por **Albert Magnoli** (o diretor de *Purple Rain*).

Columbia

Earth, Wind & Fire: sorrisos em novo visual clean

NOVIDADES NO VINIL III

O **Earth, Wind & Fire** voltou à ativa, depois de uma pausa de quatro anos. A patota de **Maurice White** lançou o LP **Touch the World** — que recebeu críticas bem positivas — e prepara uma excursão mundial para 88.

O novo LP de **Malcolm McLaren**, com participações de **Jeff Beck**, **George Clinton** e **Bootsy Collins** (ambos ex-Funkadelic), deverá sair — lá fora — no início do ano. Já tem nome: é **Surferiad**.

A casa noturna **CBGB's**, de Nova York, por onde passaram inúmeras bandas de new-wave, no-wave, punk e outras tantas maravilhas, acaba de lançar um selo próprio (o CBGB's Records). Seus discos serão distribuídos pela Celluloid (que está tendo seu catálogo lançado aos poucos no Brasil pela WEA). As primeiras bolachas, todas gravadas ao vivo no clube noturno, são dos grupos **Damage**, **Ed Gein's Car** e **Ritual Tension**.

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

Janeiro, tempo de praias cheias e estúdios vazios. Mesmo assim, algumas gravadoras preferiram cancelar as férias de verão e ir à luta. A Continental coloca em estúdio, de uma só vez, **Itamar Assumpção**, **Eliete Negreiros**, **Ná Ozetti** e **Dominguinhos**. Pela RCA gravam **Lulu Santos** e **Gonzaguinha**. A Odeon aposta em mais uma banda de Brasília, a **Arte no Escuro** (Ponto BIZZ 14), e os **Heróis da Resistência** tentam novamente pela WEA.

Do lado independente, o selo Ataque Frontal, de São Paulo, entra com o **Não Religião** — produzido pelo Inocente Clemente — para um LP só deles. A paulistana Baratos Afins grava **Centúrias** e **Golpe de Estado**. A Vortex, de Porto Alegre, promete a estréia em K7 da banda feminina **3-D**. Pela Devil Discos, também de São Paulo, grava o **Histeria**, enquanto a Woodstock, da mesma capital e especialista em heavy metal, agita os estúdios com quatro bandas. **Baphomet**, **MX**, **Desaster** e **Cavalo a Vapor**.

FESTÃO BAIANO

Arthur de Souza

Gil e Chico: animando a festança...

Mais de 500 mil pessoas compareceram à Feira do Interior, realizada no Parque de Exposições de Salvador de 24 a 29 de novembro, para ver de perto dança, teatro, artesanato e mais um mundo de atrações culturais. Os grandes destaques foram os shows de Chico Buarque, João Gilberto e Camisa de Vênus (também tocaram Luiz Caldas, Gerônimo e os grupos de afro-samba-reggae Olodum e Mel). O show de Chico Buarque — o primeiro em Salvador depois do histórico concerto com Caetano Veloso no Teatro Castro Alves, realizado há quinze anos — culminou com a galera ensaiando um tremendo carnaval ao som de "Não Existe Pecado do Lado de Baixo do Equador". João Gilberto estava bem-humorado e até permitiu que o público cantasse junto. Ele interrompeu as gravações do seu novo disco em Nova York, especialmente para participar do evento.

NOVOS LANÇAMENTOS

Já está nas bancas a SET 7, que traz na capa o mais recente longa do diretor Stanley Kubrick — *Nascido para Matar*. Seria o filme definitivo sobre o Vietnã? E mais: Adrian Lyne, o diretor de *Flashdance* e *9 1/2 Semanas de Amor*, que agora lança *Atração Fatal* — numa entrevista exclusiva; a sensação do encerramento do FestRio — *O Último Imperador*, de Bertolucci; e o personagem Tarzan, que comemora 70 anos de cinema. Além disso, uma seleção dos melhore filmes políticos, onde passeiam diretores do calibre de Glauber Rocha, Fellini e Eisenstein.

A BIZZ Especial Hollywood Rock vem para esclarecer quem é quem nessa maratona de rock, que vai aquecer ainda mais o verão de paulistas e cariocas. E continua nas bancas o Calendário do Rock, com fotos exclusivas e todas as datas importantes do ano que já está aí. Força, 88!

FLASH BACK

Rita Pavone — a espevitada intérprete juvenil italiana que estourou alguns hits no início da década de 60, como "Datemi un Martelo", esteve no Brasil em novembro passado. E foi uma surpresa — madura e afinada, ela impressionou pela garra nas apresentações. Depois do show, num bate-papo informal, Rita reclamou do repertório — imposto pelo empresário Waldomiro Saad, e composto só de seus antigos sucessos — e da falta de um espetáculo a preços populares — os do Palace, em São Paulo, giravam em torno de Cz$ 2.500,00, nada menos que o show mais caro do ano. Rita garantiu ainda que retomará as rédeas de sua carreira, desde a composição do repertório até as produções ao vivo.

Rita Pavone: requentando a marmita

CURTAS E GROSSAS IV

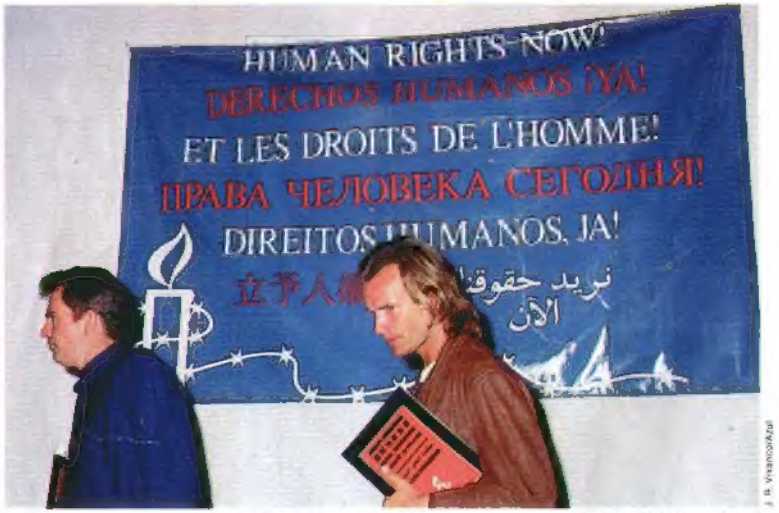
Sting desistiu de fazer Poncius Pilatos no filme bíblico de **Martin Scorcese, The Passion.** Em seu lugar entrou **David Bowie**. As filmagens estão rolando em Marrocos. • **David Johanssen,** vocalista dos New York Dolls, mudou seu nome para **Buster Poindexter** e lançou um LP homônimo • Saiu o novo LP de **Dolly Parton,** *Rainbow*, que destaca um dueto da bem nutrida cantora country com um dos ícones vivos da Motown, **Smokey Robinson.** • Finalmente! **O Devo** planeja sua volta! Eles assinaram com a gravadora independente Enigma, e já preparam um novo LP.

DIVÓRCIO E GRAVIDEZ

O casal Penn: guerra e paz, de novo...

Finalmente aconteceu. **Madonna** deu início ao processo de divórcio de seu marido, o ator **Sean Penn.** Faz algum tempo que ela vinha se queixando do temperamento do superestimado marido, que por duas vezes teve que responder processos por ter agredido fotógrafos em diversas situações. Isso sem contar os muitos fotógrafos e fãs vítimas de sua fúria. Também, pudera, ser marido de Madonna não deve ser mole. Parece que a gota d'água para o fim desse casamento de dois anos, foi um sumiço de quatro dias de Penn, deixando a estrela a ver navios. Resta um consolo para Penn: ele vai ser pai. Madonna está grávida e espera o bebê para maio próximo. E atenção: acabamos de saber que Madonna voltou atrás e cancelou o pedido de divórcio. O casal fez as pazes.

DIREITOS HUMANOS JÁ!!!



Gabriel e Sting: astros da música pop e militantes da Anistia Internacional

No dia 9 de dezembro, o auditório do Hotel Hilton, em São Paulo, foi o palco de um acontecimento histórico. Neste dia, Sting, Peter Gabriel, o músico senegalês Youssou N'Dour, Milton Nascimento, Herbert Vianna e Beth Carvalho uniram-se a vários dirigentes da Anistia Internacional para anunciar o lançamento da campanha *Human Rights Now*. A movimentação começará em março desse ano, com um apelo mundial que levará o texto da Declaração Universal dos Direitos Humanos — comemorando seu 40º aniversário em 88 — a todos os cantos do globo. Mas o clímax deverá acontecer mesmo em agosto, com o início de uma gigantesca turnê que levará astros da música pop aos países do Terceiro mundo. Nomes e datas não foram definidos — as negociações ainda estão em andamento — mas é o certo que haverá um grupo fixo (com as presenças confirmadas de Sting, Peter Gabriel e Youssou N'Dour) que percorrerá mais de vinte países na África, Ásia e América do Sul (o Brasil é parada obrigatória). Em cada país, artistas locais se juntarão ao evento, dividindo o show com as estrelas do primeiro mundo. Com essa turnê, a Anistia Internacional — entidade que vem lutando pelos direitos humanos há 26 anos — pretende alcançar resultados semelhantes aos obtidos com a *Conspiracy of Hope* — série de shows realizados nos EUA em 86 —, quando a organização ganhou mais de 40 mil novos membros. Na entrevista coletiva, o destaque ficou para Peter Gabriel, que abandonou o seu ar tímido para falar sobre as razões de sua adesão à Anistia Internacional. "Quando você olha dentro dos olhos e aperta a mão de alguém que foi torturado, é muito difícil virar as costas e ir embora."

DAS CAPITAIS II

Grafonréia Xilarmônica... ...e Cascavelettes: audácia e estilo

Um público, idade média em torno dos 15 anos, se espremeu para assistir ao show comemorativo de um ano de existência dos **Cascavelletes**, no Teatro Renascença de Porto Alegre nos dias 10 e 11 de novembro passado. No palco, Flávio e Nei, auxiliados pela guitarra de Frank Jorge e pela poderosa bateria de Alexandre Baréa, gritavam que "ela usa minissaia sem calcinha", ou frases do hit "Menstruada": "Tá menstruada/ Mas mesmo assim eu vou transar".

Nosso homem no sul, Jimi Joe, manda, ainda, um *briefing* do que há de bom nas garagens gaúchas. A **Grafonréia Xilarmônica** surgiu esse ano. Imagine uma canção de Odair José com um solo de Robert Fripp. A Grafonréia é isso — uma espécie de tê-iê-iê progressivo. O grupo tem Carlo Pianta (ex-DeFalla) na guitarra, Frank Jorge (também Cascavelletes) no baixo e vocal, mais Marcelo Birck na outra guitarra e a voz e bateria de Alexandre Ograndi.

Chamando a atenção na Ipanema FM de Porto Alegre o grupo **Barata Oriental**, vindo de Novo Hamburgo, cidade próxima da capital gaúcha. Eles fazem um som rispido, rude, estilo anos 60 sem glamour. As letras são puro nonsense, ou achaques contra a vidinha burra. Frases como "Eu não quero virar couve-flor" ou "Céus, o céu pode cair" já deixam suas marcas nos ouvintes.

Paddy McAloon, Wendy Smith: vozes do Prefab Sprout

NOVIDADES NO VINIL IV

Está pronto o terceiro LP do **Prefab Sprout** (o segundo, *Two Wheels Good*, foi lançado aqui em 86 pela CBS). Com faixas gravadas na Inglaterra e em Los Angeles, o disco tem participação de **Stevie Wonder** — tocando harmônica — na faixa "Nightingales". *Sorry*, mas não temos o título do disco...

Saiu o LP de estréia da **Gaye Byskers on Acid,** banda inglesa que inaugurou o *greba*, um movimento que assola a Grã-Bretanha com seus rocks básicos, cabelos compridos, roupas rasgadas, falta de educação, drogas, cerveja, porcarias mil e muita diversão. O disco chama-se *Drill Your Own Hole* ("Fure Seu Próprio Buraco"), e terá uma edição especial de mil cópias *sem* o buraco do meio! *Holy shit!*

MELHORES GUITARRISTAS DE 87

Steve Vai: o melhor do mundo em 87

Anualmente os leitores da revista americana *Guitar Player* escolhem o melhor guitarrista do mundo e os melhores de cada gênero. **Steve Vai,** ex-Zappa e atual guitarrista da banda de David Lee Roth, foi escolhido o melhor do mundo, e também melhor guitarrista de rock em 87. Ainda foram escolhidos **Andy Summers** (pop), **Ry Cooder** (blues acústico), **Robert Cray** (blues elétrico), **Stanley Jordan** (jazz) e **Ricky Scaggs** (country).

OBRAS ILUSTRES

Ron Wood: The Works (Harper and Row) é a autobiografia lançada pelo Rolling Stone, ex-Faces, que contém uma série de desenhos e retratos feitos pelo guitarrista, de amigos como **Mick Jagger, John Belushi** e **David Bowie.**

What the Songs Look Like (Harper and Row) é o nome da publicação em que conceituados artistas contemporâneos de Nova York fazem interpretações gráficas de mais de 50 músicas dos **Talking Heads.** São nomes como **Nam June Paik, Robert Longo, Robert Rauschenberg** e por aí afora. O livro foi vistoriado pelos Heads, e o prefácio é de **David Byrne.**

Foto CBS

Michael, assumindo o segundo posto e deixando Bob Smith para trás

Parada do Leitor (LPs)

1	(2)	*The Joshua Tree* — **U2** (WEA)
2	(14)	*Bad* — **Michael Jackson** (CBS)
3	(4)	*Vida Bandida* — **Lobão** (RCA)
4	(3)	*Nunca Fomos Tão Brasileiros* — **Plebe Rude** (EMI-Odeon)
5	(7)	*Independência* — **Capital Inicial** (Polygram)
6	(8)	*Sexo!!* — **Ultraje a Rigor** (WEA)
	(R)	*Every Breath You Take* — **Police** (Polygram)
8	(11)	*Closer* — **Joy Division** (Stilleto/Eldorado)
9	(5)	*Echo & The Bunnymen* — **Echo & the Bunnymen** (WEA)
	(N)	*Tomate* — **Kid Abelha** (WEA)
11	(5)	*Brotherhood* — **New Order** (WEA)
	(11)	*The World Won't Listen* — **Smiths** (WEA)
13	(1)	*Kiss Me...* — **Cure** (Polygram)
14	(9)	*Crocodiles* — **Echo & the Bunnymen** (WEA)
15	(N)	*D* — **Paralamas do Sucesso** (EMI-Odeon)

SAMOA

Convenções

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno à parada

Leitor! Sua Participação é Importante na Parada BIZZ!
Escreva para BIZZ, Caixa Postal 60081, CEP 05096, dizendo quais os discos que você comprou neste mês.
Acrescente seu nome e endereço para que possamos voltar a consultá-lo.

LPs (EUA)

1	(N)	*Tunnel of Love* — **Bruce Springsteen** (Columbia)
2	(8)	*Dirty Dancing* — **Trilha Sonora — Vários** (RCA)
3	(1)	*Bad* — **Michael Jackson** (Epic)
4	(4)	*A Momentary Lapse of Reason* — **Pink Floyd** (Columbia)
5	(2)	*Whitesnake* — **Whitesnake** (Geffen)
6	(7)	*Hysteria* — **Def Leppard** (Mercury)
7	(5)	*Whitney* — **Whitney Houston** (Arista)
8	(9)	*The Lonesome Jubilee* — **John Cougar Mellecamp** (Mercury)
9	(6)	*The Joshua Tree* — **U2** (Island)
10	(10)	*Document* — **REM** (MCA)

Compactos (EUA)

1	(N)	"Mony Mony" — **Billy Idol** (Chrysalis)
2	(N)	"I Think We're Alone Now" — **Tiffany** (MCA)
3	(N)	"(I've had)..." — **Bill Medley & Jennifer Warnes** (RCA)
4	(N)	"Brilliant Disguise" — **Bruce Springsteen** (Columbia)
5	(N)	"Heaven is a Place on Earth" — **Belinda Carlisle** (MCA)
6	(N)	"Breakout" — **Swing out Sister** (Mercury)
7	(7)	"Causing a Commotion" — **Madonna** (Sire)
8	(1)	"Bad" — **Michael Jackson** (Epic)
9	(N)	"Little Lies" — **Fleetwood Mac** (Warner Bros.)
10	(9)	"Shoud've Known..." — **Richard Marx** (EMI-Manhattan)

LPs (GB)

1	(N)	*Tango in the Night* — **Fleetwood Mac** (Warner Bros.)
2	(8)	*Bridge of Spies* — **T'Pau** (Siren)
3	(9)	*Nothing Like the Sun* — **Sting** (A&M)
4	(N)	*Faith* — **George Michael** (Epic)
5	(N)	*The Best of UB 40* — **UB 40** (Dep Int)
6	(N)	*The Singles* — **Pretenders** (WEA)
7	(N)	*All the Best* — **Paul McCartney** (Parlophone)
8	(N)	*The Christians* — **The Christians** (Island)
9	(N)	*Crazy Nights* — **Kiss** (Vertigo)
10	(9)	*E.S.P.* — **Bee Gees** (Warner Bros.)

Compactos (GB)

1	(2)	"Whenever You Need Somebody" — **Rick Astley** (RCA)
2	(4)	"China in your Hand" — **T'Pau** (Siren)
3	(5)	"You Win Again" — **Bee Gees** (Warner Bros.)
4	(N)	"Got my Mind Set on You" — **George Harrison** (Dark Horse)
5	(N)	"Faith" — **George Michael** (Epic)
6	(N)	"Never Can Say Goodbye" — **Communards** (London)
7	(N)	"Barcelona" — **Freddie Mercury** (Montserrat Caballe)
8	(9)	"Love Is the First Degree" — **Bananarama** (London)
9	(6)	"My Baby Just Cares for me" — **Nina Simone** (Charly)
10	(N)	"Little Liss" — **Fleetwood Mac** (Warner Bros.)

LPs Independentes (GB)

1	(1)	*Strangeways, Here We Come* — **Smiths** (Rough Trade)
2	(8)	*George Best* — **Wedding Present** (Reception)
3	(N)	*Children of God* — **Swans** (Product Inc.)
4	(N)	*Box Frenzy* — **Pop Will Eat Itself** (Chapter 22)
5	(N)	*Mother Juneo* — **Gun Club** (Red Rhino)
6	(7)	*The Circus* — **Erasure** (Mute)
7	(3)	*Substance* — **New Order** (Factory)
8	(N)	*I Am a Wallet* — **McCarthy** (September)
9	(6)	*Foxheads Stalk this Land* — **Close Lobsters** (Fire)
10	(N)	*Come on Pilgrim* — **Pixies** (4AD)

Compactos Independentes (GB)

1	(10)	"Blue Water" — **Fields of the Nephilim** (Situation Two)
2	(3)	"Birthday" — **Sugar Clubes** (One Little Indian)
3	(N)	"I Started Something..." — **Smiths** (Rough Trade)
4	(N)	"Peel Sessions II" — **Joy Division** (Strange Fruit)
5	(2)	"Big Rock Candy..." — **Motorcycle Boy** (Rough Trade)
6	(6)	"The Circus" — **Erasure** (Mute)
7	(N)	"Delilah Sands" — **Brilliant Corners** (SS20)
8	(1)	"Pump Up the Volume" — **MARRS** (4AD)
9	(N)	"Beats & Pieces" — **Coldcuts** (Ahead of our Time)
10	(N)	"24 Hour Party People" — **Happy Mondays** (Factory)

Fonte: Cash Box & Billboard (EUA), New Musical Express e Melody Maker (GB); de 7 a 28/11/87.

O QUE ESTÁ FALTANDO AQUI

VIROU VERÃO AQUI.

SAMOA high

VOCÊ VIRA VERÃO.

E VOCÊ ENCONTRA AQUI.

ALAGOAS
MACEIÓ
Hiper Bom Preço
AMAZONAS
MANAUS
Mesbla
BAHIA
SALVADOR
ADI Calçados
C&A
Hiper Paes Mendonça
Mesbla
CEARÁ
FORTALEZA
Calceatos Calçados
Lojas Pecary
Mesbla
Sapataria Belém
Sapataria Goretti
DISTRITO FEDERAL
BRASILIA
C&A
Passarela Calçados
ESPÍRITO SANTO
CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM
Itapuã
VITÓRIA
C&A
Dadalto
Itapuã
Mesbla
GOIÁS
GOIÂNIA
C&A
MARANHÃO
SÃO LUÍS
Lojas Pecary
Mesbla
MINAS GERAIS
BARBACENA
Casa Moreira
BELO HORIZONTE
Benito Calçados
C&A
Elmo Calçados
Mesbla
CONTAGEM
Frank Calçados
GOVERNADOR VALADARES
Dragão dos Calçados
IPATINGA
Dragão dos Calçados
ITAJUBÁ
Aqua Moto Modas
UBERLÂNDIA
Reis & Costa
PARÁ
BELÉM
Casa Barbosa
Mesbla
PARAÍBA
CAMPINA GRANDE
Hiper Bom Preço
JOÃO PESSOA
Mesbla
PARANÁ
CURITIBA
C&A
Irmãos Mendes
Janjão Art. Esportivos
Pag Menos Calçados
FOZ DO IGUAÇU
Calce e Pague
GUARAPUAVA
Pitol Calçados
PARANAGUÁ
Livinha Calçados
PERNAMBUCO
OLINDA
Rosário Calçados
RECIFE
C&A
Casas Esperanças
Do Maia
Exótica Calçados
Hiper Bom Preço
Marcos Calçados
Melina Calçados
Mesbla
RIO DE JANEIRO
CAPITAL
A Imperdível
C&A
Formozinho
Gambier
Lojas SIR
Mesbla
Sapasso
Scarpia
Polar
NITERÓI
A Samaritana
C&A
Mesbla
VOLTA REDONDA
Mesbla
RIO GRANDE DO NORTE
NATAL
Hiper Bom Preço
RIO GRANDE DO SUL
CAMPO BOM
Julinha Magazine
CAXIAS DO SUL
Fedrizzi & Fedrizzi
Mariani
ESTEIO
Lojas L.C.
ESTRELA
Lojas Heemann
LAJEADO
Lojas Heemann
MONTE NEGRO
Lojas L.C.
NOVO HAMBURGO
Julinha Magazine
PORTO ALEGRE
C&A
Gastão
Paquetá
SÃO LEOPOLDO
Lojas L.C.
SAPIRANGA
Julinha Magazine
SAPUCAIA
Lojas L.C.
SANTA CATARINA
CRICIUMA
Calçados Pavoni
Mazuco Calçados
LAGES
Lojas V.F.
SÃO PAULO
CAPITAL
Babuch
C&A
Casas Eduardo
Confiança Calçados
Mappin
Rob's Sports
ARAÇATUBA
Lojas Tanger
Oriental Calçados
ARARAQUARA
Nasser Calçados
ARARAS
Calçados Sonia
Casa Firenze
ATIBAIA
Casa Salles
BARRETOS
Tecidos Jóia
BEBEDOURO
Calçatodos
Casa Viola
CAÇAPAVA
Jô Calçados
CAMPINAS
Baby Calçados
C&A
Morenninha Calçados
CATANDUVA
Casa Facci
DRACENA
Barravelli Calçados
Center Modas
FRANCA
Açan Artigos Esportivos
Palácio dos Esportes
GUARATINGUETÁ
Jô Calçados
ITAPETININGA
Center Matarazzo
ITATIBA
Só Tênis
JABOTICABAL
Sapataria Tavares
JACAREÍ
Jô Calçados
JALES
Casa Pegolo
JUNDIAÍ
A Passarela
A Vencedora
Casa Martini
LIMEIRA
Borelli Calçados
Maluf Calçados
MATÃO
Priosti Calçados
MOGI DAS CRUZES
Flex-Pé
PIRACICABA
Governador Calçados
Lilly Calçados
Rainha Calçados
Sapataria Santana
RANCHARIA
Santana Calçados
RIBEIRÃO PRETO
C&A
Calbotas
Esporte Total
Micalce
Pezão
RIO CLARO
Sapataria Santana
Universo Calçados
SANTO ANDRÉ
C&A
Mappin ABC
SANTOS
C&A
Mesbla
SÃO BERNARDO
C&A
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
Lojas Brasil
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
Eliesporte
SERTÃOZINHO
Calbotas
SOROCABA
Casa Latorre
Center Calçados
Taquari Calçados
TAUBATÉ
A Escolatica
Jô Calçados
UBATUBA
Sapataria Central
SERGIPE
ARACAJU
Hiper Bom Preço

Você encontra os novos modelos Samoa num desses endereços, ou na loja de sua preferência, pois a relação acima foi elaborada até a data do fechamento dessa edição.

SAMOA high

VOCÊ VIRA VERÃO.

JESUS NÃO TEM DENTES NO PAÍS DOS BANGUELAS — Titãs (WEA)

Os baba-ovos já teceram suas loas ao novo vinil dos Titãs. Mas o que este disco, que foi objeto de adjetivos tão equivocados como "difícil", tem para ser destacado como uma pérola na lama? Uma ótima capa e um encarte ainda melhor. Branco/preto, sombra/luz — elementos básicos que compõem o todo instigante. Ao longo das doze canções, regidas pelas preciosas mãos de Liminha, essa sintaxe continua, embora de forma algo irregular. Há exemplos de como o lugar comum do pop pode ser recriado num "lugar nenhum" — a tríade "Todo Mundo Quer Amor"/"Comida"/"O Inimigo", excelente; "Nome aos Bois", um achado singular de humor; "Diversão" e até "Mentiras", apesar da letra frouxa.

Em *Jesus...*, os elementos que diferenciam os Titãs do ranking das estrelas do rock nacional estão mais explícitos do que nunca. Em primeiro lugar, a capacidade de se apropriar das referências de uma maneira pessoal. Em segundo, um despojamento no discurso, que nas melhores letras é um petardo nas mistificações "poéticas". Afinal, o que é que as zilhões de músicas de amor queriam falar além de "todo mundo quer amor de verdade"? *Jesus...* demonstra que facilidade não é sinônimo de diluição. *Bia Abramo*

A MOMENTARY LAPSE OF REASON — Pink Floyd (CBS)

Durante duas décadas, desde os tempos das canções lisérgicas de Syd Barrett, passando pela fase das trilhas cinematográficas, até chegar o rock dito "progressivo" ou "espacial", o Pink Floyd sempre cultivou uma imagem de isolamento em relação à mídia. Seus esparsos álbuns, shows e entrevistas, mesmo quando a banda alcançou os píncaros do sucesso, atestam este fato. Por isso é de se estranhar que agora, após a separação, Roger Waters e o trio remancescente do Floyd venham a público lavar a roupa suja. Gilmour, Mason e Wright reclamando da paranóia e do jugo ditatorial de Waters, dizendo que podem passar muito bem sem ele. Roger, por sua vez, reivindicando a direção musical do quarteto desde *The Dark Side...* (73) até *The Final Cut* (83), e afirmando que o grupo sem ele não é o Floyd.

Mas a se julgar pelos últimos LPs de ambos os lados desta briga, a balança da razão penderá fatalmente para os artífices de *A Momentary Lapse of Reason*. Afinal, o disco — sob a produção impecável de Gilmour e Bob Ezrin (também co-produtor de *The Wall*, 79) — resgata com vigor a sonoridade característica do Floyd dos anos 70. O grosso da parte musical, agora nas mãos de Gilmour, se não é original, funciona com eficiência e consegue empurrar o trio (e mais um time de quinze convidados) para fora do pântano onde tantos dinossauros continuam chafurdando. *C.P.*

SOMOS AMÉRICA — Tim Maia (Continental)

Os discos dele são cobertor para sentimentos amorosos. A voz acalenta, persuade e torna o ouvinte cúmplice. Talvez a banalidade que às vezes canta não tenha peso para quem frui romantismo. Este 17.º LP em 33 anos de carreira, porém, padece de uma espécie de elefantíase da produção, aliada a um conjunto pouco imaginativo de canções românticas. Lincoln Olivetti, o "Flagelo dos Ouvidos", coordenou todo o trabalho, munido de seus teclados e sua *vitrinha-karaokê*. As dez faixas estão engolfadas no efeito fácil, como riffs tipo "joga fora no lixo" no bom funk "Esse Amor Termina". Há também canções de felicitações sinceros, como "Parabéns" e "Amigo Verdadeiro", mas que não deveriam chegar ao público na forma de música. No todo, o disco flui como um rio artificial. Daí a impressão de estarmos sendo persuadidos pela ótima voz de Tim a comprar artefato por inspiração. *L.A.G.*

KIKO ZAMBIANCHI (EMI Odeon)

Se Kiko Zambianchi viesse à Terra sob a forma de um instrumento musical, este certamente haveria de ser um sampler. Ele já havia aplicado o *xerox approach* no LP anterior, lesando, entre outros, Lloyd Cole, Cure e Prince. Seu novo disco segue a mesma diretriz, com o autor entregando o ouro na faixa "Prazer", onde canta: "Foram tempos de mentira em 86, eu sabia que erraria pela 2.ª vez"... Sinal dos tempos: o modelo a ser seguido agora é Sign O' the Times. A tentativa de apropriar-se do estilo do mago de Minneapolis é rigorosa, indo dos falsetes na voz aos arranjos. E até mesmo os trocadilhos numéricos nas letras não foram esquecidos. Tudo em vão. O resultado é caricatural, funk branco-azedo e diluído carente de personalidade. Príncipe do terceiro mundo? Pelo mostrado neste terceiro LP, Zambianchi terá de se contentar em ser o bobo da corte. *A.G.C.D.*

POSSESSED — Venom (Continental)

É o último trabalho do Venom como power-black-trio (contando, ainda com o guitarrista Mantas). E é aquilo lá mesmo: Cronos vomitando suas pregações satânicas e profanas regadas de palavrões; Mantas e Cronos tocando (tocando?) seus riffs com fúria máxima; e Abbadon derrubando tudo. Enfim, os fãs do estilo se sentem envolvidos no clima deles como possessos filhos do demo. E dane-se a raça humana, principalmente em "Powerdrive", "Burn this Place" e "Possessed". *L.R.*

AFRODITE SE QUISER (CBS)

O popinho fácil desse novo trio feminino é uma resposta ao atrevimento machista das paradas. Um de seus refrões: "Eu não sou só peito e bumbum..." Não esquecem sequer de brincar com *standards* machos, via *covers* da Jovem Guarda (todo o lado B), mudando apimentadamente o sentido das letras. Nada de mais ou de menos. Seu maior inconveniente é a xaroposa locução FM entre algumas faixas. De qualquer forma, se Bananarama pode barbarizar com "Vênus", por que não "Pobre Menina"? *M.P.*

BÊTE NOIRE — Bryan Ferry (Virgin/RCA)

Há anos mais mágicos que outros — são os que assistem ao lançamento de um álbum de Bryan Ferry. Neste fim de 87, depois de uma pendência entre gravadoras (pode uma mesquinha questão contratual privar-nos de tanto?), aí está ela: a trilha de alguns de nossos próximos momentos mais intensos... Melhor: livre do tira-teima de provar qualquer coisa em relação ao Roxy Music (*Boys and Girls*, seu LP anterior, soava muito como o último do Roxy, *Avalon* — o que, pelo amor de Deus, não desmereceria disco algum!), Ferry mostra-se tão novo e arrebatador quanto há quinze anos. O LP todo nutre-se de uma cozinha luxuriante: baixos, baterias, guitarras rítmicas (inclusive a de Johnny Marr) e muita percussão, latina, branca, negra, acústica ou programada (até excentricidades como a máquina de escrever sampleada em "Kiss & Tell"). É de onde emergem os melódicos teclados e guitarras (inclusive a de David Gilmour) que sustentam os lamentos de Ferry. Mas entre as deliciosas faixas dançantes surgem também clímax, em "New Town" e "Zamba", como não se viam desde as fases iniciais do Roxy (com Eno e logo após sua saída). A orgia sonora culmina na faixa-título, onde violinos e acordeões impulsionam um elegante tango-*chanson*, que exorciza o mal de amar.

Recomendar, com que palavras? *Alex Antunes*

SONHO DE UM ANARQUISTA — Bocato (Baratos Afins)

Este vai para o anedotário pitoresco da música brasileira. O trombonista e compositor paulista resolveu musicar criticamente a crítica. Como? Montando uma capa onde consta um texto arrasador de José Emílio Rondeau sobre o disco anterior de Bocato e uma curiosa observação do psiquiatra Roberto Freire: "Não acho possível escrever sobre música. Quem se arrisca a isso acaba cometendo tolice e fica parecendo tão ridículo como os teóricos do amor".

Pena que música seja uma linguagem codificada conscientemente, diferente do amor, e que Bocato tenha de racionalizá-la tanto neste segundo LP de sua vida. O disco é todo *cool*, estruturado com leveza instrumental e nove boas faixas. O resultado lembra o *fusion* e é agradável ao ouvido. Acho, no entanto, que o sonho do anarquista Bocato poderia ter sido mais ousado. *L.A.G.*

STORIES WITHOUT WORDS — Spyro Gyra (WEA)

O grupo do saxofonista Jay Beckenstein parece que confunde *Latino-América* com *Los Angeles*, e o resultado é um disco estiloso, metido a latino. O que um nova-iorquino chamaria de "som da Califórnia". Os caras precisam, ao menos, ouvir os discos do Santana dos últimos 15 anos. O *release* da gravadora diz que "a banda fica na estrada 150 dias por ano". É, talvez eles não tenham mesmo tempo para escutar nada. Bob Cuspe neles!!! *L.T.*

IN THE WOODS — The Call (WEA)

Salvo engano, este *In The Woods* chega até nós irremediavelmente fadado ao pó das prateleiras dos saldões. Nada mais injusto, pois The Call faz parte de uma espécie hoje em extinção, que fez questão de abraçar a música por algo mais que fama e fortuna. Seu quinto LP, forjado dentro do espírito "o inferno é aqui", traz o mundo permanentemente nublado do cantor e compositor Michael Been, pelo qual perambulam personagens desesperançados entregues às violentas dilacerações existenciais. O som do grupo é tenso: baixo e bateria musculares entrecortados por teclas sinuosas e guitarras semidissonantes. Um rock'n'roll de talhe clássico, em vislumbres de puro fel. *A.G.C.D.*

FEITIÇO CARIOCA — MPB 4 (Continental)

O melhor dessa antologia de sambas de Noel Rosa (1910-1937) é a capa, desenhada pelo grande caricaturista Nássara, que só seria reconhecido depois de morto. O resto é ruído. O MPB 4 teima nos arranjos standardizados de Magro e Maurício Maestro. Daí não ser capaz de dar conta da grandeza dos 15 sambas interpretados. Em vez de adotar o estilo acústico dos anos 30, o quarteto repetiu o erro de ser anacrônico em relação ao hoje e ao ontem. *L.A.G.*

STRAWBERRY MOON — Grover Washington, Jr. (CBS)

Com nome respeitado entre uma parcela mais jovem dos admiradores do jazz moderno, e um dos principais *cults* entre os que elegeram o sax como um dos instrumentos mais *in* do momento, Groover Washington Jr. certamente encheria qualquer teatro se fosse convidado para tocar nesse lado das Américas.

Enquanto isso não rola, ele segue lançando discos cada vez mais acessíveis a esse novo público. Como *Strawberry Moon*, em que Groover namora com o rhythm'n'blues (na faixa "Caught a Touch of Four Love", voz e guitarra de B.B. King) e com o pop (o cantor Jean Carne interpreta a clássica "The Look of Love"), tudo com boa produção. *T.L.*

OVNIS NO ÓBVIO — Sérgio Rojas (Boas Produções)

Mistura, mistura... Disposto a regenerar a geléia geral, este compositor e guitarrista carioca não poupou ingredientes. No mesmo liquidificador jogou bosse nova, jazz, música erudita e atonal e até mesmo Prince e Sting (sic). As boas intenções, todavia, não correspondem ao produto final — uma "gelatina transcendental" de sabor vago, coloração artificial e pouca consistência. Aqui, música de fusão acabou rimando com congestão. *A.G.C.D.*

THE UNTOUCHABLES — Ennio Morricone (Polygram)

As orquestrações grandiloqüentes reencontram a tela. E nada melhor do que um filme de gangsters para este namoro ser reatado. O italiano Ennio Morricone, responsável por mais de 50 composições para cinema (entre elas, a trilha de *A Missão*, pela qual concorreu ao Oscar), realizou o melhor trabalho de sua carreira neste filme de Brian De Palma. Sua música funciona para o "melhor aluno" da mesma forma que a de Bernard Hermann para os filmes do mestre Hitchcock, envolvendo o espectador na trama, conjurando tensão e não apenas ilustrando as cenas. Ou seja: a trilha de *Os Intocáveis* não é pop. É uma delícia! Uma trilha sonora como as trilhas deveriam, sempre, ser. *M.P.*

GREATEST HITS — Duke Ellington / SUMMERTIME — Sarah Vaughan / I GOT RHYTHM - BENNY GOODMAN PLAYS GERSHWIN — Benny Goodman (CBS)

A série *I Love Jazz*, que já lançou quatro discos históricos de Miles Davis, acaba de lançar esses três LPs. Somente o solo de sax-alto de Johnny Hodges em "Prelude to a Kiss", de Ellington, vale a coleção inteira. Os arranjos de Duke mostram que uma big-band não precisa soar necessariamente como uma fanfarra de fuzileiros. Já o disco de Sarah Vaughan traz na orquestra que a acompanha nada menos que Miles Davis. São gravações do início dos anos 50. Sarah está impecável explorando os mais diferentes *moods* das canções. A coletânea de gravações de Benny Goodman vai de "I Got Rhythm" (em 2 versões, a segunda com um improviso antológico de clarinete) com Lionel Hampton, Teddy Wilson e Gene Krupa, um quarteto único, até a grande orquestra. Enfim, um autêntico ABZ do jazz. *L.T.*

BALEIA AZUL — Victor Biglione (WEA)

O título do segundo LP do guitarrista carioca deveria ser *Elefante Branco*. O trabalho tem competência, as seis faixas desencadeiam-se unitariamente e o sexteto que acompanha guitarras e violão não necessita de retoques. Tudo belíssimo, mas o elefante não é só branco. É também bobo. Autor de todas as músicas e produtor do disco, ao lado do tecladista Zé Nogueira, Biglione transita pela invenção fácil demais, como se fizesse música descontraída para ambientes contraídos — salas de espera de dentista, elevadores etc.

A fusão brasileira não passa de um arremedo medíocre da *fusion* americana. Biglione, bom instrumentista, prova o gosto insosso disso. *L.A.G.*

DOOMSDAY FOR THE DECEIVER — Flotsam & Jetsam (Woodstock)

É um grupo que faz de tudo em matéria metálica para não deixar a peteca do estilo cair. E já deveria ter estourado no cenário. Presente nesse trabalho o baterista Jason Newsted (atualmente no Metallica). Seu estilo é próximo dos trabalhos de Metallica e Megadeth. Os guitarristas E. Carlson e M. Gilbert não só se desafiam como às vezes um vai melodioso e o outro rasga tudo. E a voz potente e aguda de Erik A. K. enfrenta o instrumental. *L.R.*

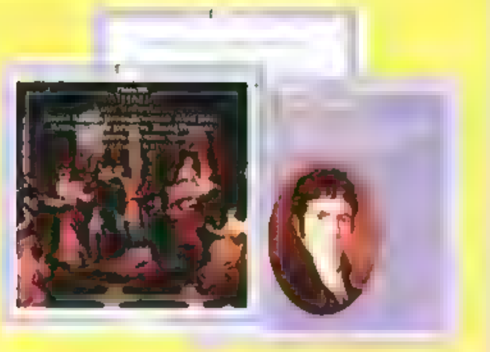
SUSPEITO — Arrigo Barnabé (3M)

Arrigo disse que este disco foi feito para o mercado, já que quem não entra nele corre o risco de desaparecer. Procede. Só que entrar no mercado com timidez ou com arremedos de sucessos também pode significar o caminho mais fácil para o olvido. Tudo bem. Ele agora ouve música pop, deixou de lado as intrincadas texturas dodecafonistas, soa mais claro. Mas construiu, no máximo, uma ponte para o chamado mercado. Percebe-se, de saída, em "Êxtase" (uma baladinha cuja abertura nada fica a dever a Lincoln Olivetti), que falta soltura na voz e cintura para modulações. Na faixa seguinte, "Amor Perverso", mais uma vez a abertura derruba. Depois dela, ninguém ficaria espantado ao ouvir a voz da Xuxa. Outra balada, "Suspeito", poderia ser cantada perfeitamente por Ivan Lins. A dançante "Uga Uga", muito executada nas FMs, soa como uma volta no tempo: Arrigo + diluição = Blitz, Blitz reinterpretado = Arrigo. Ninguém nega, no entanto, as qualidades e as virtudes musicais do compositor, presentes aqui e ali num LP que peca pela linearidade (apesar da fusão de estilos, onde há desde heavy a bossa nova). Elas estão mais presentes, por exemplo, no hip hop "Dedo de Deus", com uma letra espertíssima. Se a ponte seguir esse caminho, muito bom. Teremos num insosso mercado pop um compositor de talento. E, quem sabe, solto como Itamar Assumpção na melhor faixa do disco, "Já Deu pra Sentir". *J.E.M.*

ELECTRIC AFRICA — Manu Dibango (Celluloid/RCA)

Ele é o mais aventureiro entre todos os músicos africanos. Um dos primeiros a ter se familiarizado com qualquer estilo musical moderno e a ter dominado todas as técnicas de gravação em estúdio. Ele já tocou de tudo: do twist à rumba congolesa, do rhythm & blues nos anos sessenta até o free jazz com Don Cherry, sem nunca se afastar do que ele chama seu "lado étnico", injetando *soul* no *makossa*, uma combinação de ritmos tradicionais do sul de seu país, a República dos Camarões, com *highlife* e música congolesa. Em 72, "Soul Makossa" se tornou um dos raros *hits* africanos a estourar no mundo inteiro. Hoje, Manu Dibango aponta claramente para o futuro. Para gravar *Electric Africa*, ele juntou sua Soul Makossa Gang, composta por nove músicos, ao Material, do produtor e baterista Bill Laswell, reforçado por Herbie Hancock. Quatro faixas, quatro mantras com bastante espaço para a teia de improvisações instrumentais e efeitos pirotécnicos da cozinha armada pelos sintetizadores.

Mas essa reunião de família impressiona mesmo quando Mori Kante pede passagem para abrir com a kora "L'Arbre A Palabres", um reggae-highlife-free jazz tórrido, enriquecido pelo sax de Manu. Os assoalhos vão rachar... *Jean Yves de Neufville*



OBRAS DE VIVALDI, HAENDEL, MOZART E BEETHOVEN (oito albuns simples e dois duplos) — Academy of Ancient Music (Polygram)

Ha vinte anos as interpretações com instrumento de epoca estão em moda. Conjuntos como The Baroque Soloists, Musica Antiqua de Colônia e esta Academy of Ancient Music atuam no universo dos concertos e discos como criativos salteadores do passado. Trata-se de revolver o antes, para dali arrancar espetáculo. Não um show qualquer, mas uma exibição de perícia na arte e na restauração. Como tocar musica do seculo XVIII e XIX tal e qual imaginaram os compositores da época?

Para responder ao desafio quase impossivel, a Academy, dirigida pelo musicologo Christopher Hogwood e fundada em Londres há quinze anos, abandonou vicios de duzentos anos de evolução das formulas e dos instrumentos musicais, desprezou o coração e a concepção interpretativa do romantismo, os laboratorios de vanguarda e passou a tocar instrumentos de museu. O resultado esta nesses doze LPs, onde se ouvem os "Concertos op. 4", "La Stravaganza" e o "Stabat Mater", de Vivaldi, o oratorio "Athalia" e a "Musica Aquatica" de Haendel, as sinfonias Ouense ... Alte Lambach ... as Sinfonias n. 38 e 39 e o Requiem de Mozart numa especie de linguagem secreta ignorada pelos interpretes anteriores.

Nessas viagens hipoteticas, a Academy consegue mostrar novo no velho. Mas não se limita a arqueologia. Alem de executar trazendo para a vida aquilo que parecia roido, o conjunto cria zonas de fantasias, como tocar as tres primeiras sinfonias de Beethoven na pele de imaginarios musicos mais antigos que o proprio compositor. O passado soa, então, ainda antes. Doze LPs para desautomatizar sensibilidades.

Luís Antônio Giron

(INTRODUCING THE HARDLINE ACCORDING TO) TERENCE TRENT D'ARBY (CBS)

Para quem conhece as obras de Sam Cooke, Marvin Gaye, Wilson Pickett e Stevie Wonder, a estreia em vinil do cantor/compositor Terence Trent D'Arby não passa de uma pastiche ... reciclagem dessa linguagem. Embora ... ser um gênio, e para isso conte com o apoio de uma certa parte da imprensa, seu trabalho não condiz com essa afirmação. Pelo contrario, torna-se, além de pretensioso, um tanto quanto ridículo.

O que ele faz é uma mera recuperação da sublime estética da soul music modelada ao pop ortodoxo dos 80, onde, sob uma produção bem ao feitio dos usuais *hitmakers*, mistura elementos de reggae e funk. Os musicos esbanjam técnica, mas carecem do feeling absolutamente imprescindível ao antigo da soul music. Sua voz é boa entretanto ainda ... aquém dos mestres da negritude. Quanto à interpretação, deixa a desejar pela previsibilidade de seus contorcionismos vocais.

Nas onze faixas que compõem o LP, o que mais se evidencia é uma maçante uniformidade. A exceção ocorre quando Terence aparece a nu na canção à capella "As Yet Untitled", a única que difere da mesmice. No mais, quem é gênio não precisa dizer.

F. N.

A ERA DA INCERTEZA — Biquini Cavadão (Polygram)

O Rio de Janeiro sempre ... prodigo na descoberta das chamadas "overnight sensations". Mesmo assim, nunca pude entender muito bem o porquê de tamanha paparicação em torno de um grupo não mais que mediano como o Biquini Cavadão. Em ... novo disco ... menos algo já não pode mais ser posto em dúvida: a debilidade musical do quinteto. Novamente entram em cena letras recheadas com inquietações ... vinhetinha insossa e arranjos mais do que convencionais. Tais artifícios apenas servem para nos provocar bocejos monumentais.

Só podemos lamentar o desperdício de Bruno Gouveia, dono de uma das vozes mais peculiares do país. Enquanto isso ... festivais ... continuam rolando por aí.

A. C. C. D.

OPERA SAUVAGE — Vangelis (Polygram)

Oriundo dos Aphrodite's Child (ou seja, a única banda pop grega a ter conseguido um real sucesso internacional nos anos 60), o compositor, arranjador, produtor e tecladista Vangelis Papathanassiou (e esse mesmo) atravessou a decada seguinte acompanhando, de perto, os experimentos do rock dito "sinfônico" (Yes, ELP, Pink Floyd) e os trabalhos da escola "espacial" alemã (Tangerine Dream, Klaus Schulze, Popol Vuh), permanecendo sempre à margem desses movimentos. Uma década que explorou ... as possibilidades ... dos ... sintetizadores é que Vangelis concerta com *Opera Sauvage*. A gama fantástica de recursos e timbres, e o lirismo das composições fazem deste disco um convite irresistível à contemplação. Uma obra-prima.

J. J. N.

VISIONS OF EXCESS — Golden Palominos (RCA/Celluloid)

... Palominos. O nome ... esdrúxulo David Thomas (ex-vocalista do Pere Ubu), em seu primeiro LP solo. Depois ... banda ... Nova York ... baterista Anton Fier ... entre todas as formações) a guitarra e vocais de Arto Lindsay ... Bill Laswell ... Jamaaladeen Tacuma e os sopros de John Zorn. Ou seja, a nata da vanguarda ... do primeiro LP ... a nova Fred Frith ... apresentações memoráveis ... com parceria ... assume a banda ... com a neo-tradicionalismo do rock americano Michael Stipe, voz do R.E.M., e Chris Stamey, guitarra e voz dos DB's ... funciona ... pela bateria ... e eletrônica de Fier ... rock moderno ... Fier realiza outros sonhos ... convidando o venerável Jack Bruce para vocais e guitarra em uma faixa e John Lydon para um numero tipicamente Pistols. Só "Omaha" e "One Party" com Arto é que filtra algo do antigo som anarquico dos Palominos. No conjunto, um disco curioso e recomendável ... se um tiquinho bem comportado demais.

A. A.

E.S.P. — Bee Gees (WEA)

Deixando os preconceitos de lado, quem vestiu a camisa da *discotheque* deve ter rebolado muito nos sabados à noite ao som dos Bee Gees e suas ... canções. Eles foram importantes naquele momento.

Mas agora, mesmo com toda a ... produção que traz o grupo de volta após seis anos de afastamento, o máximo que se pode dizer deste seu 25.º LP e que não passa de um disco a mais no congestionado corredor do pop fácil. Só mesmo para fãs convictos e com carteirinha do clube.

T. L.

CREST OF A KNAVE — Jethro Tull (CBS)

O Jethro Tull está de volta. Depois de oito anos de ausência, o grupo lança o LP *Crest of a Knave*. Uma boa surpresa para quem se liga na musica de Ian Anderson, que, depois do fim do Jethro Tull, andou fazendo um trabalho solo bem inexpressivo. Acontece que Ian volta a tocar ao lado de Martin Barre, o genial e ensandecido guitarrista: a dupla perfeita que representa o coração do Jethro. O trabalho mágico de dois bruxos que ganha realce nas faixas "Budapest", "Mountain Men" e "She Said She Was a Dancer". Nas outras faixas do disco a bateria eletrônica e a concepção dos arranjos mostram que o estilo do Jethro Tull acompanhou a evolução do rock. Ao mesmo tempo que lança *Crest of a Knave* no mercado, a CBS tem a feliz idéia de relançar tres dos melhores LPs do grupo: *This Was* (69), o disco de estreia, *Aqualung* (71) e *Thick As a Brick* (72). Aliás, um toque: o Jethro Tull é como vinho — quanto mais antigo, melhor. Se ligue nos relançamentos.

N. P. Q.

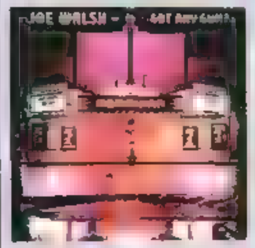
XYZ — Andy Summers (WEA)

Para um guitarrista que desde meados dos anos 60 vem acumulando trabalhos ao lado de nomes como Eric Burdon e Kevin Ayers, e que a partir de 77 passou a integrar um power trio que se tornaria um dos expoentes do cenário pop, já não era sem tempo o lançamento de seu primeiro álbum solo.

Só que, ao contrario do prenunciado em *I Advanced Masked* (82) e *Bewitched* (84) — seus dois LPs com Robert Fripp — a musica de *XYZ* não é nada etérea nem climatica. Nada de "Summertronics".

Andy optou por uma retomada dos tempos do Police: um repertorio de canções pop de sua autoria ou em parceria com David Hentschel, co-produtor do LP. O problema é que Summers jamais foi um compositor com o brilho e o carisma vocal de Sting, o que fica comprovado nas dez fracas faixas de *XYZ*.

C. P.



GOT ANY GUM? — Joe Walsh (WEA)

Joe Walsh faz o tipo do americano boa-praça que não esquenta muito a cabeça e que só quer se divertir com tudo o que o sonho americano tem para lhe oferecer.

Por isso, suas letras são bobas e falam de alegria, canções de rádio, carros rápidos e confortaveis, uma chegada rápida na praia, uma garota difícil de se conquistar, tudo com aquela pose em que uma boa goma de mascar na boca dá o tom definitivo, e o rock'n'roll faz a cobertura do bolo (tipo Califórnia).

Ele já tem quase duas decadas de carreira e, entre outros grupos, fez parte do James Gang e dos Eagles (quer grupo mais americano que os Eagles?). Neste LP ele apenas segue acomodado em sua linha musical.

T. L.

FRANCISCO — Chico Buarque (RCA)

Ele voltou a empunhar seu habitual extintor de incêndio para apagar um fogo tão grande que o passou para trás. O fogo se chama História, madrasta de todas as besteiras. A velha voz fanhosa, os versos surrados, retórica caudalosa, melodias banais são a herança de cinco anos de silencio do Silvio Rodriguez do Brasil. Ele parece fazer musica para cubano. Pena continuar assim o bom compositor do passado, perdido entre karaokés-arranjos e becos sem saída esteticos. Há dois anos ele tentava lembrar o publico de sua existência, lançando sempre as mesmas operas e bales copiados dos modelos brechtianos. Tornou-se patente que Chico Buarque era sinônimo de derrota da MPB folclórica, que alimentava a figura inspirada do autor. As dez faixas desse novo LP tornam a situação apenas mais explícita. Trata-se do epitáfio de um gênero de obra. Vejam bem: ataco aqui o produto, não seu produtor. O patético hit é "Velho Francisco", uma historinha em compasso caribenho tradicional ... da para imaginar Fidel dançando ao som dela). "As Meninas", "Uma Menina", "Todo Sentimento" são semibossas à moda Francis Hime. E "Bancarrota Blues" dá a idéia do que aconteceu. Não aconteceu.

L. A. G.

TUNNEL OF LOVE — Bruce Springsteen (CBS)

Ele já foi o futuro do rock, o novo herói americano, o vigésimo new Bob Dylan e tantos outros adjetivos que a imprensa resolveu lhe atribuir. Mas, no fundo, ele confessa despojadamente numa de suas novas canções que, embora tenha uma casa cheia de Rembrandts, ainda não conseguiu realizar sua paixão. Isso é muito bonito: isso não quer morrer como mito, isso chama-se Bruce Springsteen.

Mesmo que a vã guarda possa desprezá-lo, *Tunnel of Love* (seu oitavo LP de material original) é, indubitavelmente, um dos melhores de 87 ... um atestado sincero de que nada consegue satisfazer a alma de um *outsider*, rebuscando o amor perdido que no fundo é o cerne de todo rock'n'roll.

E o que o *Boss* faz nesse "tunel do amor"? Nada mais que redescobrir, através das bases, o renascimento para um paraíso ainda intocável. Por isso é o poeta da impossibilidade, do desejo consumado, mas nunca pleno, pois seu fogo é maior que o *merchandising* que o envolve. Faixa a faixa, como bem traduz a canção "When You're Alone", parte do óbvio para dizer uma coisa inaudita, ou seja, "quando você está sozinho, você está sozinho". Sua simplicidade é arrebatadora. Este disco é um clássico na história do rock.

Fernando Naporano

A sessão menos cool de BIZZ volta à carga ligeira. Damas primeiro: o LP de **Tânia Alves**, lançado pela CBS, tem rap arranjado pelo indefectível Lincoln Olivetti, frevo e romantismo. Mas não há colcha que se faça dos retalhos da era das cantoras da MPB. ⊗ **Jane Duboc** continua com boa voz e duvidoso senso de repertório. Seu quarto LP (Continental) tem cheiro de anos 70 (composições de Beto Alves e Tunai) e dedo de Lincoln Olivetti (olha ele de volta!). ⊗ **Regina Belle** faz o gênero FM. O LP chama-se **ALL BY MYSELF** (CBS). ⊗ Mate essa: o que é que tem vocal e instrumental do Roupa Nova? O LP do **Hallai** (3M) *Bang-bang*. ⊗ E o que é **Rao Kyao**? Obvio: um flautista luso. Seu LP **DANÇAS DE RUA** (Polygram) cozinha um muzak de baiao (com canja de Sivuca) e melodia lirica portuguesa. ⊗ O LP **WONDERLAND** (EMI-Odeon) é a contribuição do saxofonista **Stanley Turrentine** para a sonorização de elevadores, vertendo canções de Stevie Wonder para o "jazz". Outra mistura grossa: o guitarrista **Kevin Eubanks** com os irmãos Brandford e Wynton Marsalis em **OPENING NIGHT** (CBS). ⊗ **"JAZZ"** (CBS) também dá nome a uma coletânea dupla de **Tony Bennett**, com participaçao de Herbie Hancock, Stan Getz, Count Basie e Art Blakey. Cafona, apesar das feras. ⊗ **REFLEXU'S DA MÃE AFRICA** (EMI-Odeon) fica entre Gil (que compôs uma faixa) e A Cor do Som. Frevo e "não ao apartheid" para turista do carnaval baiano. ⊗ Morro abaixo vem **Marquinhos Sata** em LP pela RCA. Será que alguém ainda acha que pagode renova qualquer coisa? ⊗ Resta os **GREATEST HITS VOL.2** (CBS) dos **Isley Brothers**. A faixa "Harvest of the World" compensa a pobreza das demais. ⊗ E **LIGHTS OUT** (CBS), LP do **UFO** (de 1977), relançado. Confira como a fama do guitarrista Michael Shenker é maior que sua capacidade.

Marcel Plasse

GRAVADORAS INDEPENDENTES: Baratos Afins — *Av. São Joao, 439, Sao Paulo (SP) - (011) 223-3629* / Boas Produções — *Cx. Postal 4562, Rio de Janeiro (RJ)* / Woodstock — *R. Dr. Falcão, 157, São Paulo (SP) - (011) 35 3976*

BOLSA DE DISCOS

Alex Antunes	
Bia Abramo	
Luis Antônio Giron	
Jean-Yves de Neufville	
Marcel Plasse	
Arthur G. Couto Duarte	
Celso Pucci	

Ótimo · Bom · Interessante · Razoável · Lixo

bandido
não é só bandido
herói
não é só herói
moda
não é só moda

VISTA O SEU HIT DOS ANOS 50, 60, 70, 80, 90

BRECHÓ ROUPAS — Universo em Duplex — VENDA-ALUGUEL ACESSÓRIOS

Rua Teodoro Sampaio, 1376 - CEP 04506 - São Paulo - SP

SUSPENSE

ASSASSINATO EM DIA DE SOL (Evil Under the Sun, EUA, 1984)

Direção Guy Hamilton Com Peter Ustinov, Jane Birkin, James Mason, Roddy McDowall, Maggie Smith Globo Vídeo

Mistério de Agatha Christie envolvendo um assassinato e uma porção de suspeitos — todos, claro, com motivos — isolados numa ilha praticamente deserta. Para resolver o mistério, Peter Ustinov mais uma vez veste a pele do detetive belga Hercule Poirot. E, mais uma vez, o público é desafiado a adivinhar quem está mentindo sobre seu álibi perfeito que todos [illegible] sustentam. O problema é que o autor do crime neste elenco *all-star* tem tudo pra ser [illegible] culpado(a) no filme anterior *Morte Sobre o Nilo*, também desvendado por Ustinov e [illegible] por Anthony Shaffer. Querem outra pista? *M.P.*

A MORTE PEDE CARONA (The Hitcher, EUA, 1986)

Direção Robert Harmon Com Rutger Hauer, C. Thomas Howell, Jennifer Jason Leigh, Jeffrey DeMunn América

O jovem Jim Halsey (Howell) é um viajante solitário que dá carona a um desconhecido (Hauer). Este tenta matá-lo. Ele escapa, mas logo descobre que [illegible] é um assassino psicopata, responsável por um rastro de vítimas ao longo da estrada. Assustado, o rapaz tenta recorrer à polícia, que acaba [illegible] pelos crimes. [illegible] se um duelo [illegible] sangrento [illegible] John Ryder, que aos poucos vai [illegible] o jovem a abandonar sua [illegible] pacata e a enfrentá-lo como única forma de [illegible].

Um clima de ameaça e opressão contínua — acentuado pelas locações [illegible] e [illegible] desempenho dos atores [illegible] à esta notável estréia do diretor Harmon. *C.P.*

AVENTURA

HIGHLANDER — O GUERREIRO IMORTAL (Highlander, EUA, 1986)

Direção Russell Mulcahy Com Christopher Lambert, Sean Connery, Roxanne Hart, Clancy Brown América.

Lambert e Connery fazem parte de uma linhagem de guerreiros imortais oriundos da Escócia do séc. XVI, que [illegible] lutar entre si através dos tempos até que reste apenas um deles. Sabendo que o único meio de se matar um imortal é cortar-lhe a cabeça, eles irão brandir suas espadas em plena Nova York dos dias de hoje. Junto a esses momentos, [illegible] intercala belos *flashbacks* das personagens, sob o ritmo dinâmico da direção de Mulcahy (que fez vários dos clipes do Duran Duran, além do longa *O Corte da Navalha*). *C.P.*

ERÓTICO

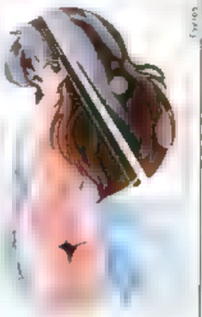
PRIMEIRAS CARÍCIAS (Tendres Cousines, França, 1980)

Direção David Hamilton Com Thierry Tevini e Anja Shute [illegible]

[illegible] na linha primos carinhosos. No verão de 1939, Julien Tevini, um belo adolescente de 15 anos, descobre o amor e o sexo. Ele está apaixonado por sua prima, um pouco mais velha, que, claro, não lhe dá bola. Entre as formações de [illegible] bem com as criadas — todas muito bonitas e safadinhas — e travessuras com a priminha menor, Hamilton se perde com suas fotografias impressionistas mais bonitas do que o tema. *B.A.*

ANIMAÇÃO

AMY MY BABY (Japão, 1985)



Produção de animação Soei Shinsha Company Everest

Amy, uma garotinha que já é quase uma mocinha e, como tal, começa a ficar safadinha, sente um tesão incontrolável pelo irmão adotivo Hiroshi, que a despreza por saber no que isso pode dar. E acaba dando realmente. Certa noite a mãe os pega em flagrante em pleno gozar da vida juvenil e despacha Hiroshi para estudar em Londres, como forma de pôr fim ao incesto. As primeiras carícias de Amy foram as lições sexuais de casa, dadas por Hiroshi. E como o primeiro amor é o que fica, a delicada garotinha tem sonhos molhados [illegible] com seu amorzinho impossível. Para esquecer, Amy afoga as mágoas em drinks [illegible] e o jovem Kono — objeto de sua fantasia sexual. *W.S.*

AS INCRÍVEIS AVENTURAS DE JOE 90 (1982)

Direção Peter Anderson [illegible] Perry, Leo Eaton, Desmond Saunders D.I.

Quem foi criança nos anos 60 arrepia-se até hoje com a palavra *Supermarionation*. Não se fala de nenhum [illegible] identifica uma série de filmes interpretados por marionetes [illegible] superanimados. As personagens mais famosas [illegible], eram os *Thunderbirds*: a trilha de abertura de suas aventuras é um clássico da abobrinha [illegible]. Mas em termos de diversão, nada se comparava às peripécias de *Joe 90*, um garotinho que podia absorver a memória de qualquer pessoa bastando colocar seus óculos, ligados a uma máquina chamada "Tremendão". Mesmo em nova produção, anos 80, Joe continua o menino de uma dezena de anos, ainda aliado a [illegible] Sam (qualquer semelhança [illegible] bombardeia uma base de mísseis soviéticos antes do dever escolar. O absurdo e de gargalhar [illegible] um par de décadas. *M.P.*

TERROR

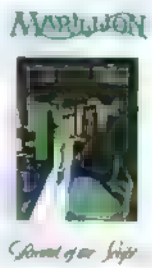
A CASA DO ESPANTO II (House II, EUA, 1987)

Direção Ethan Wiley Com Arye Gross, Jonathan Stark, Royal Dano Poletel vídeo

Uma casa construída sobre um antigo templo sagrado e palco de acirrada disputa por uma caveira de cristal de rocha, que dá o poder da vida eterna a quem possuí-la. Dois [illegible] da casa que [illegible] de outra dimensão [illegible] [illegible] ra. O argumento [illegible] tratamento [illegible] efeitos especiais são [illegible]. Só falta requinte de humor e uma [illegible] no clássico da máquina [illegible] do horror. *[illegible]*

MUSICAL

RECITAL OF THE SCRIPT — MARILLION (GB, 1986)



Direção Martin Bell VTI

Este [illegible] não está para [illegible] rock progressivo. Não bastasse [illegible] calcado no que o Genesis [illegible] vocalista Fish canta como um Peter Gabriel chorão, oito temas de Marillion em noite de gala no Hammersmith [illegible] em Londres [illegible] Fish [illegible] soldado [illegible] pedaço de [illegible] Junte-se a isso uma porção de braços [illegible] característico sinal de [illegible] a impressão que fica é de que o tempo parou há décadas. *C.P.*

DRAMA

AS DUAS VIDAS DE MATTIA PASCAL (Le Due Vite di Mattia Pascal, Itália, 1985)

Direção Mario Monicelli Com Marcello Mastroianni, Laura [illegible], Laura Morante F.J. [illegible]

Adaptação do romance de Luigi Pirandello, *O Falecido Mattia Pascal*, realizada pelo diretor dos engraçadíssimos *Meus Caros Amigos* e *Quinteto Irreverente*. Mattia é um pobre diabo, atormentado pela esposa e pela sogra. Quando ele some depois de uma briga e é dado como morto pela família, começa sua aventura. Ele troca de identidade, muda de cidade mas não consegue fugir do tédio. Monicelli não acertou aqui a mão na mistura de comédia e drama, deslizando ora para o sentimental ora para a frieza. Mastroianni faz um Mattia divertido. Simpático. *B.A.*

A GAROTA DA MOTOCICLETA (The Girl on a Motorcycle, GB/França, 1968)

Direção Jack Cardiff Com Alain Delon, Marianne Faithfull, Roger Mutton Transvídeo

Rebeca (Faithfull), em cima de sua Harley Davidson, correndo pelas estradas, encontra Daniel (Delon), um professor universitário conquistador, por quem se apaixona. Juntos, eles vivem experiências excêntricas neste filme tipicamente anos 60, com efeitos psicodélicos, sexo insinuado e personagens rebeldes e ingênuos.

Marianne Faithfull não chega a impressionar e Alain Delon não convence no papel de professor misterioso, mas assim mesmo é um charme. *L.P.*

DIABO NO CORPO (Diavolo in Corpo, Itália, 1986)

[illegible] Marco Bellocchio Com [illegible] Detmers, Federico [illegible] e Anita Laurenzi Globo Vídeo

[illegible] demais para um filme [illegible]. Bellocchio não transmite o clima de sexualidade [illegible] e paixão descontrolada [illegible] autobiografia que Raymond Radiguet escreveu aos 19 anos. Maruschka é Giulia, a noiva de um [illegible] julgamento e se apaixona por Andrea, um estudante mais jovem que ela. E o velho, universal e encantador tema da paixão que desafia as convenções e arrasta os apaixonados à loucura. Só que Bellocchio envenenou umas relações deslocadas e forçadas — o pai de Andrea era o psicanalista de Giulia, cujo pai por sua vez foi morto pelo novo terrorista — e com a "ajuda" de Pitzalis desenhou um Andrea demasiado frio e "adulto". Vale pela bela Maruschka. *[illegible]*

MARUSCHKA DETMERS

Apesar de sua pequena filmografia, Maruschka Detmers já desponta com ares de grande estrela no panorama cinematográfico europeu. A principal razão disto foi uma feliz conjunção de talento, uma beleza exuberante e uma certa dose de sorte, coisas que nunca faltaram na meteórica carreira desta atriz holandesa de 25 anos.

Maruschka nasceu na pequena cidade de Schoonebeck, em 16 de dezembro de 1962. Aos dezoito anos, mudou-se para Paris, onde em pouco tempo aprendeu o francês e começou a freqüentar o curso Florent, de artes cênicas. Foi lá que, mesmo sem ter tido nenhuma experiência profissional anterior, foi convidada por Jean-Luc Godard para estrelar *Prénom: Carmem*, sua adaptação cinematográfica da ópera de Bizet. Depois do prestígio conseguido nesta sua estréia, logo foi chamada para atuar — desta vez ao lado de seu ex-professor no curso Florent, Francis Huter — em *Le Falcon* (83), de Paul Boujenah. Seus trabalhos seguintes foram nos filmes *La Pirate* (83), de Jacques Doillon — onde contracena com Jane Birkin — e *La Vengeance du Serpent à Plumes* (84), de Gérard Oury — junto ao humorista francês Coluche.

Em 85, por sua atuação no seriado da TV alemã *Via Mala*, foi premiada como a atriz mais popular naquele país. No ano seguinte, foi para Hollywood, onde participou de *Lloyds of London*, filme para a TV americana, de Robert Wagner. Então, foi escolhida pelo diretor italiano Marco Bellocchio para protagonizar a sensual Giulia em *Diabo no Corpo*.

Maruschka diz que utiliza seu trabalho como um meio de auto-conhecimento e superação de seus próprios limites: "É a única coisa que me interessa na vida. É preciso parecer cada vez mais com a sua própria essência. Enquanto eu for atriz, isso quer dizer que não terei encontrado. Não acredito que se ache tão facilmente. Talvez eu seja atriz a vida inteira". Talvez não pela sua vida inteira, mas certamente durante ainda um bom tempo, os fãs de Maruschka vão torcer para que ela continue sua trajetória "em busca da essência perdida."

Celso Pucci

FILMOGRAFIA COMPLETA: *Prénom: Carmem* (82), *Le Falcon* (83), *La Pirate* (83), *La Vengeance du Serpent à Plumes* (84), *Via Mala* (seriado da TV alemã, 85), *Lloyds of London* (filme para a TV americana, 86), *Diabo no Corpo (Diavolo in Corpo, 86, o único disponível atualmente em vídeo)*

prova de fogo

Eles não anunciaram oficialmente o fim, mas estiveram bem próximos dele. O caminho do estrelato tem seus percalços, ainda mais para uma banda que estava próxima de se tornar uma espécie de porta-voz da sua geração. Sônia Maia foi ouvir de perto as histórias secretas da crise

BIZZ — *Que país é este?*
Renato — A Ilha de Vera Cruz
Bonfá — É um país jóia, maravilhoso, as pessoas são legais para cacete, não saio daqui por nada, cara. Tem tanto lugar para conhecer... Putz, as pessoas falam a mesma língua que eu
Renato — Eu não sei. As vezes eu fico achando que as pessoas falam uma outra língua que não a minha
BIZZ — *Por quê, Renato?*
Renato — Ah, não sei. Isso eu senti mais ou menos quando estávamos gravando o terceiro LP. Eu tive uma puta dificuldade de colocar as coisas que eu estava sentindo nas letras. Por isso que a gente parou
Dado — Na verdade, eu, o Billy (*apelido de Renato Rocha*) e o Bonfá — o Renato estava em Brasília, na casa dos pais dele — nos juntamos durante um mês e meio e ficamos fazendo músicas. E saíram algumas coisas legais. Aí o Renato voltou e começou a trabalhar em cima do que a gente estava fazendo. Mas, de repente, a gente parou e disse: "Meu Deus!"
Renato — Tinha saído até uns heavy metal, progressivos loucos. E na hora de colocar as letras eu queria escrever coisas para cima. "Índios morreu, né? Eu queria tirar isso tudo do meu sistema e só falar coisas positivas. Porque eu acredito que toda palavra é carma. Então eu não estou a fim de ficar cantando que tudo está horrível, que todo mundo vai morrer... Eu queria uma coisa para o lado de "Quase sem Querer". "Tenho andado distraído/ Impaciente e indeciso", mas está tudo *bem* (*irônico*). Está tudo jóia, estou acordando bem. Aí... Primeiro eu vi meus amigos, todos reclamando de aluguel, todo mundo usando drogas pra caramba... E isso foi na época (*da prisão*) do Lobão — foi *superpesado* aquilo..., justamente quando eu tá escrever as letras. Porque eu não acho justo você usar o meio pelo qual você se expressa para ficar chorando as mágoas do mundo. Acho que não é por aí. Isso já foi feito. Isso era 77. Acho que estamos numa situação onde ou você encontra uma solução e fala disso ou então você não fala. Eu estava querendo colocar a idéia de disciplina e virtude. Mas, hoje em dia, como eu vou falar disso? As pessoas iriam me apedrejar. Como você vai falar de Deus hoje em dia? Olha, Deus não tem nada a ver com isso, se ele existe. Deus é você. Bom (*desistindo*), fala aí por que a gente decidiu lançar esse disco
Dado — Porque são músicas que a gente gosta, que as pessoas gostam e que, seria inevitável, teríamos de lançar uma hora ou outra. Na verdade, essas músicas deveriam ter sido lançadas entre o primeiro e o segundo LP. Mas a gravadora não deixou
Renato — (*Imitando algum executivo da gravadora*) Não! O primeiro disco ainda está vendendo bem no Nordeste (*irônico*)
Dado — Essas coisas. No segundo LP queríamos gravar um álbum duplo, e dava. A gente tinha muito material, principalmente porque o segundo LP foi feito quase que totalmente no estúdio, 50% dele. A gente tem um arquivo enorme. Mas não, disco duplo não, inviável... E foi besteira. Em pleno Plano Cruzado tá vender horrores
Renato — E tem outra coisa: no projeto para lançar o álbum duplo ficamos com um pé atrás porque todas as músicas antigas eram minhas e, justamente no segundo LP queríamos fazer uma coisa com todos juntos
BIZZ — *E essas mudanças pelas quais vocês estão passando? Como é passar da adolescência para a paternidade* (Dado e Bonfá estão grávidos...)
Dado — Não é somente isso. É uma coisa assim. Uau!" Não sei o que vai acontecer. Está tudo mais tranquilo. Este final de ano para a banda foi assim: a paz, a tranquilidade caíram em cima de nós
BIZZ — *Mas antes da calmaria sempre vem um furacão*
Renato — A gente vai cutucar as feridas
Dado — Vamos. O negócio é o seguinte. A gente gravou o LP *Dois*
Renato — Não gosto nem de lembrar. Imediatamente após a gravação, a gente teve de fazer um show no Morro da Urca sem ter ensaiado nenhuma das músicas novas. E eu, assim, totalmente exacerbado... com coisas... substâncias... a versão Renato Russo *junkie*
Dado — No final foi uma coisa assim, de pegar o segundo disco e falar: passa (*exorcizando*)!
Renato — Ainda não tínhamos assimilado aquele repertório. Imagine você: "Tempo Perdido" (*surpreso*). "Quase sem Querer" (*enfático*). "Acrylic on Canvas" (*mais surpre*

A Legião Urbana, ainda em trio (Russo no baixo), marca sua presença no Napalm. Relâmpago e devastador como o próprio nome, o reduto paulistano acolheu, durante alguns meses de 83, muitas bandas hoje em evidência

sol. "Índios" *(meio surpreso)* Tá dá, "Daniel na Cova dos Leões" Andrea Doria" *(assustado)* saindo do forno e a gente tendo que cantar aquelas coisas. A letra de "Índios" isso eu vou contar mesmo eu escrevi no estúdio, assim *(faz um gesto rápido)*. Música tão linda! Tem coisas bem fortes ali. E eu mostrava para eles *(do grupo)* e eles Legal! Renato *sem dar muita importância)* Gulp! *(engole seco)* E meu coração *ali*. Foi uma coisa muito difícil. Eu queria uma resposta e ela não veio.

Dado — "Índios" foi a última música a ser gravada. Uma coisa meio esquisita — estava no final do disco, fechando, assim *(faz um gesto de desprezo)*, e nem sabíamos o que era aquilo. E aí a gente começou a fazer shows.

Renato — E ar veio aquela coisa messiânica: Oh! Oh! Oh! Oh! *(imita a platéia aclamando)* Heil Hitler!!!!" E as cartas que a gente recebia... Muita gente, muita gente. Todo mundo perdido.

BIZZ — *O que é isso nas cartas dos fãs?*

Renato — Renato, eu preciso de um amigo. Eu me sinto sozinha. Eu não entendo meus pais. Meus pais não me entendem. Eu não sei o que vou fazer da minha vida. A única coisa que vale é quando ouço vocês cantando... " Mas isso era uma coisa que me enchia muito. Até que chegou no ápice, em Brasília. Fizemos uma apresentação muito grande lá, no ginásio de esportes, para vinte mil pessoas. Vinte mil pessoas em Brasília é muita gente! E morreu gente lá. Eu só descobri isso porque fiquei em Brasília. Um belo dia eu estava no hotel e um dos caras de lá chegou e me disse: Eu estava lá e uma menina despencou de cima e morreu". Eu: "O quê?" Depois ele me contou toda a história. Tinha uma garotada dos fascistas — porque em Brasília tem muito — com canivetes, e eles ficavam empurrando as meninas para baixo *(elas estavam num mezanino)*. E as garotas todas apavoradas. Eu sei que chegou uma hora que despencou toda a estrutura que segurava o mezanino e uma menina caiu e bateu com a cabeça no ferro *(Renato aponta a nuca)* e o couro cabeludo dela *(Renato desliza a mão da nuca até a testa)* saiu. Pô, e a gente cantando "Brigar pra quê. Se é sem querer..." Isso foi pra foder com minha cabeça. Principalmente porque não estávamos segurando... não agüentávamos mais olhar um para a cara do outro.

Dado — Vamos fazer *Globo de Ouro*? Não. Vamos, não vamos e pronto. Era um cabo de guerra.

BIZZ — *Enfim, vocês estão juntos desde 84. Como é manter um grupo unido?*

Dado — Não é difícil. Justamente quando estávamos nessa crise existencial, eu chegava e escutava as nossas músicas no rádio e pensava: Pô, é uma coisa tão legal!

Renato — Eu também. Pô, gosto tanto desses caras.

Dado — E tinha muita coisa para ser feita ainda.

Renato — Você gosta das pessoas, mas, de repente, não gosta do que essas pessoas se transformaram por causa do trabalho. Eu era superamigo do Dado, mas não do Dado Villa Lobos do Legião, assim como ele não era amigo do Renato Russo — ele era amigo do Junior ou Renato Manfredini, ser lá. No meio de toda aquela história, não sabíamos mais quem é quem.

Dado — A gente tocando "Ainda É Cedo" dez minutos, no décimo show, e cá já assim, olhando para o relógio, olhando para a cara do cara *(Renato Russo)* secando ele com o olhar... "Eu quero ir embora, já", pensava. Isso quando as coisas estavam realmente ma

Renato — Hoje em dia a gente sabe que foi uma coisa supernecessária parar. O que dava medo é que não estávamos mais trabalhando intuitivamente. Eu havia perdido contato total com a intuição por causa das drogas, por causa do corre corre.

Dado — Eu também havia perdido contato com a intuição.

Renato — É horrível! De repente, só trabalhamos assim porque não somos músicos, não sabemos tocar direito. Se não estivermos bem com a gente mesmo, não sai.

BIZZ — *Você estava falando um tormento das cartas que recebia. Isso de mexer com o sentimento das pessoas é muito pesado ou tem alguma coisa legal nessa história toda?*

Renato — É uma coisa curiosa, porque eu tinha me distanciado muito disso. A última vez que alguma coisa me bateu *realmente* foi quando vieram os Pistols. E, logo depois dos Pistols, Public Image, no começo, e Gang of Four. Eu ouvia Gang of Four e entendia exatamente o que o cara falava — ele estava falando aquilo *para mim*. E isso voltou agora comigo, só que com cinema. Na época *(durante a crise)* eu não percebia isso de forma alguma. Eu não estava conseguindo assimilar nada, e era muita carga psíquica para mim uma pessoa chegar e falar: "Olha, Renato, 'Acrylic on Canvas' é a história da minha vida". E falavam *mesmo*: Andrea Doria, isso aconteceu *comigo*." De pessoas virem agradecer. E não era aquela coisa de tieta, não. Era: "Cara, muito obrigado, obrigado por vocês existirem". E é conhecida, do meio, inclusive. Ficava assim: "?!?!?!". Eu fui ver filmes desse diretor inglês, o Stephen Frears. Um era *Minha Adorável Lavanderia*, que é uma coisa gay, superboba, mas muito bacana. E o outro foi *Sammy and Rosie* que é um filme *muito* bom. Pega um aquela minoria, aqueles distúrbios raciais, mostra a Inglaterra como está hoje em dia — toda rabiscada, aqueles punks que não têm nada para fazer e vivem de pensão do governo. Eu vi aquele filme e fiquei assim: "Putz, quero saber mais" *(batendo com a mão na mesa)*. Eu quero saber o que esse cara estava pensando quando fez isso, por que ele fez, é quero que me explique por que essa porra bateu tanto em mim. Eu quero saber do cara o que ele acha dos personagens dele, para eu ter um ponto de referência para validar o que estou sentindo... E vacilei quando foi comigo. Não ofereci a minha parte de troca para essas pessoas que queriam fazer essas mesmas perguntas pra mim. Eu dispensei. Não foi uma atitude esnobe, arrogante. Foi uma coisa de medo, medo físico. "Eu não vou me envolver com isso, senão eu danço", pensava. Não quero explicar de onde eu tirei "Índios", porque nem eu sei. Se alguém me fizesse essa pergunta agora...

BIZZ — *Por exemplo, eu. Imaginemos que aquelas perguntas que você faria para o Frears eu faço para você em relação ao Legião.*

Renato — As letras e músicas saem da vida da gente, do que a gente sente, dos nossos amigos. Provavelmente, se eu for explicar certas coisas do Legião, vou ter de fazer imediatamente um laço eterno de amizade com essa pessoa que me fez essa pergunta. Esse é o grande problema! Porque, a partir do momento que você tenta explicar o que sente e o que está colocado em certas coisas que a gente fala, vai ser uma coisa pura, de amizade mesmo. E eu não vou poder fazer um pacto de amizade eterna com todas as pessoas. Tem que haver um certo distanciamento, porque senão vai ser uma coisa ruim para quem fez a pergunta, principalmente pelo fato de que a gente nunca vai estar à altura da imagem que ele faz da gente. Eu nunca vou poder entregar tudo para essa pessoa, já que foi uma coisa subjetiva, utilizada por um meio de expressão que, ainda por cima, é um meio de comunicação de massas. São seiscentas mil cópias, zilhões de aparelhos vendo um chip... Quer saber, o que é "Índio"? Vem me dar um abraço *bem forte*. Mas é piegas! Por isso eu não gosto de falar a respeito. Mas eu realmente vacilei. Tudo bem, eu achava que ia ser bom. Eu criei esse monstro e, agora, sai, eu não gosto. Você gosta do monstro, mas eu não gosto. Eu coloquei ele na rua. Não me venha agora trazendo o monstro de volta. "Olha, que linda a criança". Eu não acho e não quero saber.

BIZZ — *Como vocês estão sentindo esse lance de as rádios estarem tocando músicas "bregas"?*

Billy — Parece que eles estão meio perdidos. Tem tanta banda no Brasil e muita porcaria no rádio. Todos deveriam colocar coisas alternativas, e ninguém sabe explicar o quê.

Renato — Quem sabe o brega é alternativo? Aliás, desde o momento que o brega apareceu, ele está sendo alternativo. Se eu fosse uma dessas donas de casa que gostam de Barry Manilow, ficaria puto da vida de ligar o rádio e ouvir "AA UU" *(dos Tuas)*. Assim como *eu* ficaria puto de querer "AA UU" e não ouvir. E aqui no Brasil é assim: não tem dois. E, ou mil ou zero.

Dado — Acho que haverá uma setorização de alguma maneira, não sei.

Renato — Tem uma coisa importante. Pelo menos no Nordeste eles já não estão consumindo lixo do Sudeste. Não é só porque uma banda estourou que eles vão consumir todo lixo que vem na cola dessa banda importante, que faz coisas boas. Nesse momento de crise, o que essas pessoas querem ouvir? "Jairzinho o que é amor." Eles não vão assimilar outro tipo de linguagem. Tem uma música do Fábio Júnior que, cara, eu fiquei... *(surpreso)*. O tipo da coisa que eu escreveria, só que de *outro* jeito. Se você pega "Andrea Dória" e "Índios", por exemplo, o que é? Só que, em vez de eu falar "o que é amor", eu digo "Quem me dera ao menos uma vez/ Esquecer que acreditei que era por brincadeira/ Que se cortava sempre um pano de chão/ De linha nobre e pura seda". Ora, tem gente que não vai querer ouvir isso. Tem gente que quer ouvir solidão.

Maio de 84. Com camisa anti-Globo, calças rasgadas, uma guitarra e uma camiseta pró-rock'n'roll, os garotos de Brasília posam em frente ao Marco da cidade. Estava assinada uma das primeiras cartas de intenções da Legião

"Claro, rock'n'roll é uma bobagem, mas é minha vida, meu trabalho (Renato Russo)"

que rima com paixão e amor com dor. No fundo eu gosto de todo mundo. Só não gosto quando vira moda. Teve um tempo em que o brega era moda — detestava isso. Moda não é por aí. Não deve existir moda em música. Moda é uma linguagem de roupa. Música é uma coisa muito subjetiva e não pode ser categorizada como moda.

BIZZ — *E o Jerry Adriani? Vocês disseram que encontraram ele uma vez.*

Renato — No começo eles ficavam pixando para que a gente fatasse mal do Jerry e ele da gente. Que nada! Ele veio falar conosco uma vez, num programa lá em São Paulo. Ele veio supergarotão, deu a maior força. Foi tão legal! Ele é tão legal! Foi positivo porque no fundo os artistas não brigam entre si — a não ser que haja uma briga pública. Quando você tem problemas com a gravadora, roubos de equipamentos por *roadies* - isso nunca aconteceu com a gente —, sabe, você fala sobre essas coisas com quem faz música também.

BIZZ — *Falem um pouco mais do disco, em termos de sonoridade.*

Dado — Diversos amigos chegaram e disseram: esse disco poderia estar melhor, poderia ter uma produção assim, assado. Que nada, cara! Legião é isso que está nesse disco, nada mais além disso. Essas músicas não podem ir além disso.

Bonfá — Eu gosto desse disco mais que dos outros dois.

Renato — Eu estou gostando mais também. Quer dizer, gosto mais do próximo que ainda não foi feito .. Mas "Será" é imbatível. Acho que tudo que a gente vai falar na vida está naquela música.

BIZZ — *E aquela história de dizerem que o Renato Russo carrega a Legião?*

Dado — Isso é inevitável, ele fala muito e ele canta as letras.

BIZZ — *Vocês estão pensando em lançamento internacional desse disco?*

Renato — A gente teria que ter algumas coisas mais brasileiras.

Dado — Tenho minhas dúvidas se deveria ter algumas coisas mais brasileiras.

Renato — Sim, não vamos sair com uma escola de samba. Mas é curioso porque todas as pessoas de fora que conhecem um pouquinho de rock dizem que o rock brasileiro — porque aqui dizem que é cópia do rock americano, inglês, mas não é — tem uma coisa que dá para perceber na hora. E não é o vocal cantado em português. É uma vibração, um frescor — *freshness* como eles dizem — que lá fora não tem mais. E que aqui tem uma garra, . Este é um país ótimo! Tem o povo mais maravilhoso do mundo. O único perigo é começarem a acreditar nessas besteiras que falam do brasileiro: que a gente é de má índole, que a gente não tem caráter . E esses intelectuais que dizem que a geração jovem não tem caráter? Que papo é esse? Nós somos muito legais. Só que a gente não tem chance de mostrar. O brasileiro adora festas. Mas sua criatividade não está sendo explorada. Estão cortando tudo .. Eu li, numa entrevista da Marina, o Antônio Cícero dizendo que só o fato de eles terem feito o disco já valia. Porque fazer as coisas nas condições em que nós estamos, você continuar trabalhando, continuar acreditando, é uma prova de valor. Acho que continuarmos *existindo* já vale.

Billy — Acho que agora vai rolar a chance de os jovens na faixa dos 21 aos 28 anos — que é a maioria que vota —, elegerem o novo presidente. Mas se os jovens entrarem numas de não gostar de política e virarem as costas.

Renato — Você não pode ser omisso. Não está na hora de ser omisso. O problema não são os fascistas, são as pessoas que não se manifestam. Para citar o exemplo mais conhecido, Hitler subiu ao poder não por causa das pessoas que o apoiavam mas sim por causa das pessoas que não o levaram a sério, não se deram conta e ficaram omissas. Eu mesmo, na época da reclusão, disse: "Vou lavar as minhas mãos e não quero mais saber". E foi importante para mim termos voltado — claro rock'n'roll é uma bobagem, mas é minha vida, meu trabalho.

Dado — Na verdade, eu senti isso naquela época. Seria por puro descaso ou omissão que a gente não faria alguma coisa. Seria uma ferida que não ia cicatrizar tão cedo.

Renato — Um dia talvez a gente acabe com a banda e procure outras coisas para fazer. Mas, se a gente tivesse acabado, iria ser um baita pontapé em todas as pessoas que acreditaram na gente. E em nós mesmos. Aí sim ia invalidar. Aí sim poderiam dizer: "Que papo é esse de cantar sempre em frente, somos todos jovens, e agora vocês me aprontam essa?" Aí sim. Poxa, e tantas pessoas escrevem dizendo: "Pô, todos os conjuntos que eu gostava acabaram. Não acabem, por favor". Provem que ainda é possível quatro amigos manterem a amizade e seu trabalho. É difícil, mas...

Red
THE COMMUNARDS

OS APOLOGISTAS DA "GLASNOST"
NÃO PARAM DE OUVIR, DANÇAR
E CANTAR NA PRAÇA VERMELHA,
PRAÇA DA SÉ, PRAÇA 15
E EVIDENTEMENTE, CENTRAL PARK,
HIDE PARK, E PRAÇA DE MAYO.
OUÇA E SAIBA POR QUÊ.

PolyGram

Por Pepe Escobar, de Paris

Studio Davout, Paris, fim de tarde — lua sobre os neons e sarjetas —, fim de sexta-feira, fim de outono. Fim do mundo, quase; a cidade congestionada com milhões de pessoas histéricas para começar seu fim de semana. Toco na porta quase invisível de frente para o boulevard Davout. Ninguém atende. Uma garota, na calçada, pergunta se quero entrar. Quero. Ela digita a combinação secreta e... Voilà! *Lá dentro, aparece a inevitável e adorável secretária inglesa — daquelas capazes de te fazer sentir à vontade até em trincheira na Nicarágua. Pergunto como é que o povo todo do bairro sabe a combinação secreta do santuário. "Elas estão acampadas aqui há três semanas, desde que a banda chegou", responde, cândida, a adorável secretária. O Studio Davout é a "casa" oficial do Duran Duran no final do outono parisiense, e lá vou eu...*

DURAN DURAN

NOTÓRIOS, MAS SEM MÁSCARA

Passamos pelo útero musical — um estudio como qualquer outro. Aqui, os Duran boys experimentam as musicas de seu próximo álbum. Lá estão eles, na sala principal, quase na escuridão absoluta, os três de violão acustico, sob uma fumaça espectral e, ao fundo, uma ou outra luzinha vermelha da tecnologia digital. Daqui a pouco, os três fazem uma pausa e vem conversar com "BIZZ magazine, from Brazil".

E cá estao eles — negociando um mix de tédio e curiosidade com garrafinhas de água Perrier *à côte*. John Taylor de camisa cacharrel branca e uma calça Benetton qualquer, Mister LeBon de camiseta azul-marinho e jeans — ainda queimado de sol —, e Nick Rhodes, convenientemente pálido como um poeta simbolista, magrinho, de cabelos absolutamente descoloridos. Todos antiglamour — pelo menos em clima de trabalho.

A primeira meia hora de conversa com os notórios é muito curiosa. Se fosse uma entrevista com imprensa européia ou americana, dificilmente estariam tão à vontade. Em poucos minutos, as personalidades estão nitidamente assentadas. John fala, não liga muito para o que fala, mescla didatismo com memórias desencontradas. É o mais acessivel — e faz questão de usar um certo charme. Simon fecha-se como uma concha. Quando provocado, no entanto, reage no ato para expor seu ponto de vista, até mesmo com agressividade. Nao parece habituado a discutir — muito menos a ser contrariado. Nick é magnânimo: reservado, fala pouquíssimo, mas procura sempre situar Duran em um contexto mais amplo. Nenhum deles costuma ser capaz de dizer coisas brilhantes, ou expressar intuições profundas, como por exemplo, Bono ou Peter Gabriel. Ao mesmo tempo, não soam pretensiosos. São, em certos aspectos, até mesmo ingênuos (Simon puxou o tema). Três garotões na casa dos vinte, hipermilionários e *muito* famosos *muito* cedo, que só agora parecem ter a maturidade suficiente para entender o turbilhão que os devorou nos últimos sete anos.

O Brasil, para eles, é uma fantasia remota. Nao sentem uma peculiar atraçao. É mais uma "experiencia", de acordo com Simon. Perguntam sobre as bandas mais populares. Espantam-se com o sucesso de Sigue Sigue Sputnik — "Como será que eles capturaram a imaginação das pessoas?" (Simon) — e do Yes — "Como é que bandas assim ainda sao populares?" (John). Simon anima-se com as possiveis festas do Rio de Janeiro. John entusiasma-se com o sambódromo e com a possibilidade de escutar uma ala percussiva gigante, ao vivo. A Mangueira fazendo backing para "Skin Trade"?

Digo que a garotada, no Brasil pode ser capaz de julgamento de ferro em relação a seus ídolos, caso não confirmem seu carisma ao vivo. Não é um problema para o trio. Não têm motivos para abandonar sua autoconfiança, patente em cada frase. Nao conseguem encontrar razões para explicar seu sucesso. Excluem totalmente o fator "faces de pin-up". Os três fazem absoluta questão de julgar a fama e a glória como conseqüência de sua honestidade e qualidade musical. E o elemento principal, frisado por John: *"A true sense of style"*.

Se fossemos discutir este "senso de estilo" a fundo, ficariamos aqui o fim de semana inteiro. John, Simon e Nick têm uma concepçao muito peculiar de estilo — forma, onde a substancia é secundaria. Para eles estilo, em essência, é uma questao de aparência. Também em politica surgem os problemas. Para Simon, a questão politica é sempre de poder partidos, doutrinação. Nao discutem ou nao querem discutir, o imenso alcance *politico* de um fenomeno como Duran Duran. Tambem aí ficamos o fim de semana inteiro discutindo... Mas por que, por exemplo, Simon faz um discurso politico nos shows, na introdução de "Meet el Presidente"? E por que este "presidente" em espanhol? Duran Duran interessa-se pela politica de poder latino-americana?

Questao talvez meio indigesta para uma multimilionária banda pop, e Simon, claro, nao sabe ou nao quer dar uma razão para o presidente em espanhol e para o discurso. Ou seja o discurso politico de Simon LeBon em um show de Duran Duran é apenas um show — a politica como espetaculo. Ele nao sabe o que fazer do fato de que no Brasil não se vota para presidente há quase tres décadas. Sera, no mínimo, curioso ver Simon LeBon incitando os brasileiros a votar, do seu púlpito pop e à frente de uma bandeira vermelha sob as ondas sensuais de uma noite de verao tropical.

BIZZ — *Como vocês convivem com o fato de sua musica ser absorvida em todo o mundo, e influenciar a vida e as atitudes de tipos humanos os mais disparatados?*

John — It's great.

Nick — Eu não acho que até hoje nós tenhamos feito alguma coisa que pudesse incitar a atitudes negativas.

BIZZ — *Vocês tambem são criticados [illegible]*

Nick — Por quê? Porque nao xingamos outros de "bastards"?

BIZZ — *Não necessariamente.*

Nick — Nos todos somos pessoas muito positivas. Nós começamos do nada e fizemos alguma coisa — muito boa. Nós construimos uma carreira, e as coisas ainda caminham cada vez melhor para nos. Acho que isso em si, é uma grande conquista. Se isso motiva alguem a tentar fazer o mesmo, é uma grande recompensa. Nós recebemos tapes de numeros garotos, e sempre os passamos para as gravadoras. Claro que não temos tempo de ouvir tudo, mas, de qualquer maneira, acho que isso é mais importante do que muitas bandas — nao quero mencionar nomes — com pretensao de "politicas", quando na verdade desde o inicio nunca tiveram nada a ver com politica.

BIZZ — *Quando vocês apareceram no inicio dos anos 80, tudo que significava revolta — politica ou estetica — ja tinha sido absorvido pelo sistema.*

Nick — Ainda há gente com essa atitude "politica" agora. Tudo bem, deixa eles, essa atitude de resmungar e reclamar de tudo. Se eu quisesse fazer alguma coisa nesse sentido, eu seria um militante politico, nao um músico.

Simon — E, se você olha na historia da pop music, todos os pontos de vista relevantes foram totalmente apoliticos, eram só comentarios sociais — que, de todas as maneiras nós sempre fazemos. Prince tambem faz, Michael Jackson um pouco. E alguns "politicos" nem chegam a fazer esse tipo de comentário — eles ficam lá em pé gritando "Temos que votar por determinado partido". Acho que isso é *bullshit*.

BIZZ — *Eu não estava me referindo a politica institucional, de partido. Estava falando de politica no sentido de sublinhar ou alertar as consciencias para um série de temas importantes.*

Simon — Nos fazemos isso! Com a consciencia de alguns, pelo menos.

John — Depende. Os garotos que gostam do nosso grupo, eles tendem a imergir em nós, eles sabem de tudo que gostamos e nao gostamos. Nao tem nada a ver com algo que nós fizemos conscientemente. E que nos encontramos em uma posiçao na qual temos mais influencia sobre as pessoas que nos seguem do que, por exemplo, um determinado membro do UB40 sobre as pessoas que os seguem. Se você tem uma personalidade interessante, e isso "passa" através da midia — e apesar da midia —, então as pessoas se ligam. Eu realmente não sei quanta influencia uma pessoa, em pop music, pode ter. Acho que voce só pode mesmo é alimentar um [illegible] vortex [illegible] um.

Simon — Uma corrente.

John — Uma corrente, um fluxo de imagens que as pessoas seguem. Acho que você não consegue afetar realmente a maneira pela qual suas mentes funcionam. Você pode afetar o jeito que elas se vestem.

Nick — Eu acho que muita gente que ouve certas bandas seria muito boba em tomar suas opiniões como guia.

BIZZ — *E o que vocês acham do conformismo maciço desta epoca em que todos se comportam como corneiros?*

John — Mas você nao pode falar de um garoto de dezesseis anos em termos de conformismo! Ele ainda é muito jovem para ter desenvolvido qualquer tipo de pensamento original. Nós estivemos na mesma situação, eu era fã de muita gente aos quinze anos, até que você desenvolve seu proprio senso de estilo. Veja só, alguns dos garotos que tentam se vestir como nós e tem que andar com essas roupas por certas ruas à noite, sabe, esses nao são nada conformistas.

BIZZ — *Vocês diriam que sao verdadeiramente originais?*

John — Somos os velhos originais. Acho que estamos trabalhando nesse aspecto, estamos chegando lá.

Simon — Acho que estamos. Nos notamos partes de traços supérfluos de atitude que uma pessoa pega do cinema, de algum determinado personagem, e vai levando consigo mas que acabam virando uma coisa original.

Nick — Eu acho que o Duran Duran desde seu primeiro dia teve um som bastante original. Claro que havia elementos tirados daqui e dali, mas nós, como uma entidade, sempre fomos originais.

John — Nós definitivamente estamos em uma escola diferente de pensamento, no meio em que trabalhamos. Não acho que outros grupos trabalhem desta maneira.

BIZZ — *E vocês tambem não se misturam muito com os colegas?*

Simon — E [risadas entre eles].

BIZZ — *O que vocês esperam do futuro?*

John — Nós aprendemos a não esperar nada .. e tudo.

Nick — Temos que esperar para ver. No estágio em que estamos este álbum será um grande passo.

John — Eu lembro de uma vez em que encontrei Tony Smith, o empresário do Genesis, e ele me dizia que

"Se eu quisesse fazer politica, eu seria um militante, não um músico" (Nick)
"Alguns 'politicos' nem chegam a fazer os comentários sociais que nós fazemos — eles ficam lá em pé gritando 'Temos que votar em tal partido'" (Simon)

"Se você tem uma personalidade interessante, e isso 'passa' através da midia — e apesar dela —, então as pessoas se ligam. Você não consegue realmente afetar suas mentes. Você pode afetar o jeito como elas se vestem..." (John)

eles tinham um álbum para gravar, depois uma turnê, depois não sei o quê .. Tinham tudo planejado por três anos. Na época, como eu queria que nós pudéssemos fazer a mesma coisa! Agora, não consigo pensar em nada pior que isso. Você nunca sabe, seu estado mental está sempre mudando. Daqui a três meses nós vamos querer fazer alguma coisa diferente.

Nick — Mas o Genesis tem quinze anos de idade.

Simon — Talvez eles tenham necessidade de ter tudo planejado.

BIZZ — *O que vocês diriam de uma figura como Mick Jagger, nos seus 42 anos, tentando ainda comportar-se como um adolescente, quando ele mesmo sempre afirmava que cantar "Satisfaction" aos quarenta seria no mínimo ridículo?*

John — Ele está em uma posição muito difícil. Ele deu demais de si.

Nick — Ele foi um verdadeiro original. E agora, pela primeira vez, muitos músicos estão começando a saber o que acontece quando chegam a uma certa idade.

Simon (exaltado) — Quem disse que está errado Mick Jagger subir em um palco, cheio de energia e paixão? Não tem nada de errado, absolutamente. Melhor para ele, e ainda bem que ele continua fazendo a mesma coisa, porque ele está mostrando para todo o mundo que não é preciso pendurar a guitarra um dia e ficar vivendo do passado.

"Fazer algo que capture a imaginação de uma geração? É claro que queremos. É por isso que ainda fazemos música"

John — Eu acho que ele tem muito mais dignidade do que muitos artistas ditos novos.

Simon — O que eu sou contra é ver gente que sempre se disse "rebelde" tentando virar respeitável.

John — E isso mesmo! Eu preferiria fazer como Jagger do que virar editor de livros.

Simon — Ou ator. (risadas)

John — É tão difícil alguém dizer que provoca as pessoas, que *liga* as pessoas, que elas estão em suas mãos, e isso ninguém tira.. Essa atitude, cínica, é ridícula.

BIZZ — *Em música, vocês acham que sobreviveu algum rebelde?*

Simon — Depende contra o que se revoltam.

Nick — É, mas os que eu duvido que eram rebeldes.

John (interrompendo) — Não, não diga nomes, não se exponha.

Nick — Não, eu não ia dizer nomes, eu ia falar sobre os que fingiam estar se revoltando.

Simon — E entre esses tem gente com as visões mais conformistas possíveis. Uff!

BIZZ — *Vocês nunca pensaram sobre o fato de que serão ícones para toda uma geração, os Chuck Berrys e Little Richards do ano 2.000?*

Simon — Todo o conceito de "pretensão", para nós, tem cada vez menos significado, de ano para ano.

John — Nós fazemos a *nossa* coisa. O que acontece é decorrência disso. Nós não pensamos no fato de sermos ícones.

Nick — Bem, as pessoas sempre disseram, nos últimos oito anos, "ah, Duran Duran, eles vão desaparecer em um ano".. Quando vemos que oito anos se passaram e nos ainda estamos aqui.

John — Quase... (risadas)

Nick — .. E somos mais populares do que nunca no Brasil. Bem, acho que começamos a estabelecer uma história. Isso é ótimo. Não estamos mais no estágio de nos considerar uma banda nova.

John — O importante é sempre aprender. Seja de Chuck Berry, ou de Mick Jagger. Você tem que ser alguém diferente, quando você tem 35 anos de idade. Só se espera que essas mudanças venham naturalmente. Quando o Who tocava "My Generation", e eles se viram fazendo a mesma coisa vinte anos depois, talvez nada tenha mudado para eles, como grupo, eles viram que era essa a coisa deles .. O mais difícil de tudo, quando você consegue chegar no pedestal, é ser você mesmo. Sabe como é, gravadoras, mídia, todo o mundo quer sempre mais da mesma coisa. Quando você observa um sucesso tão espetacular quanto Mick Jagger, eu não me admiro que ele não tenha mudado em vinte anos. Eu só acho que alguém deve fazer exatamente o que quer fazer.

BIZZ — *Vocês acham que Duran Duran, um dia desses — mesmo por acidente — poderia compor uma espécie de hino para esta geração? O equivalente, por exemplo, do que "Like a Rolling Stone" foi para os anos 60?*

Simon — Talvez.

John — Seria ótimo.

Nick — Só existiram duas dessas canções — hino, não? "Like a Rolling Stone" e "All You Need is Love". Óbvio que houve uma série de canções clássicas como "Satisfaction", mas...

John (intervindo) — Claro! Você quer dizer criar algo que capture a imaginação de uma geração? Claro que queremos fazer isso. É por isso que nos ainda fazemos música.

Simon — Depende, se se divide uma geração por décadas.

John — Não.

Simon — Um hino em rap, então? (risadas)

BIZZ — *Você mencionou rap. O que vocês acham do racismo e da segregação em cima da música negra?*

John — Mas sempre foi assim. Com blues, rhythm'n'blues...

BIZZ — *E ao mesmo tempo o rap já virou uma espécie de mainstream da música comercial.*

John — Sim, mas quando os brancos se apropriaram. Na história desde que os brancos perceberam que os negros faziam a melhor música, é uma exploração contínua.

BIZZ — *Vocês a princípio foram atraídos por um som negro ou branco?*

John — Nós estávamos ligados em uma versão branca de música negra.

Nick — David Bowie.

John — Nós nos ligamos em música mais por estética do que pelo som. Bryan Ferry .. Acho que o mesmo aconteceu para muita gente, você se liga através de detalhes superficiais .. Meu Deus, quando eu penso, nossos três primeiros discos ainda têm um som magnífico.

Nick — É mesmo. Tenho todos os três.

COMO O DIABO GOSTA

Eles têm uma posição no showbiz de Porto Alegre que pesa mais que o próprio som punk/hardcore levado pelo grupo. E daí cava-se a primeira lição: como tirar água de pedra?

OS REPLICANTES

NEM MÚSICOS, NEM CALHORDAS

Muitos acham os Replicantes arrogantes e mal-humorados. Na verdade, todo roqueiro gaúcho — pelo menos desta safra — poderia merecer, numa apresentação rasteira, esses adjetivos. Um olhar mais atento à Porto Alegre ajuda, porém, a esclarecer as coisas. Justamente por estar longe demais das capitais, o Sul brasileiro guarda algumas peculiaridades, como um certo ar distante e introspectivo da juventude. O distanciamento geográfico e a autopreservação são aspectos mais importantes para uma análise de comportamento dos garotos e garotas gaúchos do que qualquer primeira impressão negativa.

Os Replicantes têm sua importância não apenas por serem os pioneiros punks locais, como pela responsabilidade de terem sido um dos fundadores — junto a Miranda, o Merlin dos estúdios e produções musicais do Sul (em breve em nossas páginas) — de um movimento rock totalmente sem antecedentes. Eles trabalharam à beça para criar um circuito dentro do Rio Grande do Sul, alimentado, desde 84, pelas várias bandas de lá. Por essas e outras é que os gaúchos não saem de seu Estado. "Não só perderíamos nossa identidade", diz Gerbase, bateria, "como perderíamos mercado mesmo, sem dúvida. Eu traço até um paralelo com o lance de eu fazer cinema Super 8. Super 8 não tem mercado, não adianta. Existe várias pessoas daqui chegamos a produzir três longas em Super 8 e os três foram pagos em exibições do Rio Grande do Sul — interior, colégios, auditórios... Fomos criando esse mercado, e o resto do país bem está sabendo disso. E com o rock foi mais ou menos isso aí — um circo que tu levanta e sai andando com ele." Gerbase possui uma infinidade de fitas VHS com gravações antológicas dos vários shows ocorridos em Porto Alegre e adjacências. Registros desse vigor, seja em vídeo, seja em fitas K7, não faltam.

O recém-lançado LP dos Replicantes — *Histórias de Sexo e Violência* — surpreendeu. Está vendendo até mais do que o primeiro — *O Futuro é Vortex* —, apesar de bem menos executado em rádios. Uma situação paradoxal que Carlos Gerbase tenta explicar: "Não dá para comparar o que aconteceu com o primeiro LP e o que está acontecendo com o segundo, justamente pelo próprio contexto econômico do país. O rock era *a febre* no ano retrasado. Num show, numa cidade de 20 mil habitantes, mil iam porque as pessoas tinham mais dinheiro, a minha estava muito mais violenta etc. Embora esse disco esteja vendendo mais que o outro (*15 mil cópias em novembro*), a quantidade de shows no ano retrasado era maior. Quer dizer: nem sempre é só o sucesso de um ou outro disco o responsável para que a banda faça mais shows, tenha mais público. O que a gente tem notado", continua ele, "é que nosso público praticamente exige certas coisas de nós, Replicantes. Eles não querem que sejamos comerciais. Se quiséssemos ser comerciais, seria comercialmente bom para nós! Essa postura não significa que não queiramos divulgar o trabalho. Queremos fazer clips? Sim! Queremos fazer vídeo? Sim! Mas essa divulgação tem de ser através de veículos onde a gente possa manter um controle". E aí entra a Subterrânea Produções Musicais, nome da empresa Replicantes, responsável pelo bom andamento da parte burocrática do grupo.

Outro fato pode ter ajudado os Replicantes a se manterem na estrada: a lembrança do hit "Surfista Calhorda" que, não seria exagero dizer, colocou o som punk nas FMs do Brasil. Para quem não sabe, a primeira gravação data de 84, num compacto gravado em Porto Alegre. Além dessa música, o compacto trazia "Nicotina", "O Futuro é Vortex" e "Rock Star". Gerbase tenta explicar o sucesso daquele *anti hit*.

Na época havia uma verdadeira febre de surf por aqui — mais de cem surf shoppings. Quando a música surgiu, aconteceram duas coisas: os surfistas mesmo acharam legal, porque falava dos calhordas que atrapalham eles. Os calhordas jamais se consideram calhordas, então esses não ficaram bravos. E quem não faz surf e considera todos os surfistas calhordas também gostou. É o tipo de letra que não briga com ninguém, mas fala mal de todo mundo. E tem outro lado, também: mexe com o tipo de cara que não tem nada na cabeça, é surfista porque não tem o que fazer, mas amanhã pode estar em Nova York."

O fato é que existe, sem dúvida, um público ligado ao estilo de música que os Replicantes abraçaram, correndo paralelo às FMs, grande imprensa e afins. Os Replicantes fazem punk/hardcore por uma questão de... vício, digamos. Aquela coisa de só conseguir ouvir música energética. "De acordar às sete horas da manhã para ir à universidade e colocar Dead Kennedys no pick-up", como diz Gerbase. "Gosto de Cocteau Twins", continua, "X Mal Deutchland... Sempre gostei dos experimentalistas — Eno, Fripp, essas coisas. Não gosto é de música romântica. E isso talvez seja um 'desgosto' comum entre os Replicantes. Somos incapazes de fazer algo romântico, no mau sentido — adocicado, para ouvir numa boa, com a namorada do lado."

"Sandina", uma das melhores faixas desse LP, poderia ser confundida com uma música romântica caso não viesse das mãos de um certo Jimi Joe, travestido em Athaualpa e os Panques. "O Athaualpa é uma banda tão antiga quanto nós, e que consegue ser ainda mais esculhambada. A letra ('... Todo mundo vai embora/Todo mundo tem sua hora/ Ela me deixou me trocou.Por um sandinista especialista em granada de mão') tem tudo a ver com nosso disco."

Os Replicantes começaram a aprender a tocar ao mesmo tempo que compunham e montavam a banda. "O Heron ficou sabendo que o baixo tinha quatro cordas quando foi na loja comprar. Eu optei pela bateria porque era só bater...", conta Carlos Gerbase, nosso entrevistado. Ele, mais Wander Wildner (vocal), os irmãos Heron e Claudio Heinz (guitarra) e a recém-ingressa Luciana Tomasi (teclados) fazem o tipo de som que ou se gosta ou se odeia. Fora a novidade do teclado — um cassio auxiliado por um pedal *flanger*, que deixa o som ainda mais sujo —, eles já estão trabalhando em novas composições que poderão ser ouvidas nos próximos shows. "A gente não tem muito saco de ficar tocando as músicas velhas. Ficamos até meio indignados..."

Sônia Maia

Fernando Grill/ AJ

Os fãs brasileiros das mais belas pernas do rock podem se preparar: antes de se aposentar dos palcos (mas não da música), elas virão pegar um bronze nas praias brasileiras. Ana Maria Bahiana pegou uma carona em seu avião

TINA TURNER

O FIM DA ESTRADA

Neal Preston

Anna Mae Bullock, do vilarejo de Nut Bush (população: 550 habitantes), Tenessee sul dos Estados Unidos, viveu a vida na estrada do rock'n'roll nem uma nem duas, mas *três* vezes consecutivas. Na primeira, ganhou seu nome, construiu o fundamento de sua carreira e deixou-se marcar por cicatrizes muito profundas: eram os anos 60, e Anna Mae tornou-se Tina Turner, mulher de Ike Turner, estrela da Ike & Tina Revue, princesa funky da América psicodélica no palco, mulher espancada e abandonada fora dele.

Na segunda vez, lutou com unhas e dentes para sobreviver: eram os anos 70, e Tina, sozinha, sem apoio, sem conexões, continuava fazendo o que sabia fazer, cantando e dançando com fúria e abandono mesmo que fosse em biroscas perdidas no meio-oeste americano, ou em sonolentas convenções de gerentes do McDonald's em hotéis de Las Vegas.

Agora são os 80, e Tina é uma rainha: a combinação imbatível de sua voz furiosa, sua disciplina profissional e o taco empresarial de Roger Davies — o australiano que literalmente, a sequestrou de Las Vegas para a glória — fez dela uma estrela consumada, soltaria gema negra num panteão de louras Madonnas. A corte rock'n'roll, de bom grado, lhe presta vassalagem: Mark Knopfler produz seus discos, David Bowie compõe para ela, fez a seu lado um comercial-clip para a Pepsi, patrocinadora de ambos, Mick Jagger e Bryan Adams cantam duetos com Tina, Robert Cray, Phil Collins, Eric Clapton e Jeff Beck lhe emprestam o brilho de seus instrumentos. Discos de ouro e platina cintilam em seu trajeto. O cinema é uma possibilidade bastante real depois do sucesso de *Mad Max 3: Além da Cúpula do Trovão*, onde Tina vivia a poderosa Aunt Entity.

Neste exato momento, como quase sempre, é noite. Tina está enrodilhada no sofá que ocupa quase toda a suíte particular situada na traseira de seu avião fretado — um Viscount 59, barulhento mas seguro e macio turboélice com cara de ponte aérea e com todos os luxos possíveis em sua barriga. Tina está voando de Atlanta, na Georgia, para Daytona Beach, na Florida. Alguns minutos depois, batedores da polícia à frente, um Cadillac preto quatro portas vai depositá-la no palco do Ocean Centre, onde cantará com toda a energia de que é capaz, entregando-se a uma interpretação incendiária de "Proud Mary" com a rotina de dança que fez sua fama — e apresentando a si mesma como "de Nut Bush, Tenessee, eu sou a cantora da banda". Será um show de impecável profissionalismo, com arranjos funcionais, show de luz competente e a notável sabedoria de Tina em cativar e envolver platéias.

Na volta, ela estará ainda mais enrodilhada neste sofá: roupa trabalhada, pedindo para os músicos "darem um tempo" e assistindo, quase sem ver, a *Fome de Viver* no videocassete, o Viscount voando para Tampa, Florida. Mas agora, calça jeans, camiseta branca, jaqueta caqui, pequenas argolas de ouro nas orelhas, uma fila de pérolas no pescoço, batom bem vermelho na boca e Tina quem fala.

BIZZ — *O que você está achando de, finalmente, apresentar-se no Brasil?*

Tina — É engraçado, porque, durante anos e anos, as pessoas me diziam: vá ao Brasil, as pessoas lá vão adorar você, e, por uma ou outra razão, nunca foi possível. Tive várias ofertas antes. Até no tempo de Ike & Tina Revue existiram propostas, mas nunca davam certo, porque eu nunca quis ir para fazer uma apresentação pela metade. Eu queria ir com todo o espetáculo, toda a *entourage*.

BIZZ — *Você tem idéia de que é imensamente popular no Brasil, a ponto de uma atriz (Regina Case) ter interpretado uma "Tina" numa novela de TV?*

Tina — Não, eu não sabia. (*Tina Turner vê muito da descrição da "Tina" de Regina Case em Cambalacho e pede para ver um tape dela*) E, sabe, não está muito longe do que eu era, eu era uma enfermeira que, de noite, mudava de roupa, de nome, punha uma peruca e ia para os clubes cantar. Realmente estou ansiosa para ir. É como um novo mundo: Brasil, uma parte do mundo em que eu nunca estive.

BIZZ — *Você guarda alguma lembrança especial de Evandro Mesquita, com quem você gravou um comercial do Pepsi para o Brasil?*

Tina — Eu me lembro bem: foi essa gravação: havia seis pessoas esperando para gravar comigo, era quase como se fosse uma fila, e eu gravava com cada um deles. E esse rapaz, o brasileiro, ele era diferente, era especial. Porque alguns eram muito difíceis de se trabalhar: a garota francesa, por exemplo, era diva-fama, e o cantor da Masasta, também. Eles estavam exagerando na interpretação, o que torna tudo muito complicado se você está trabalhando em dupla, interagindo com outro artista. Mas esse rapaz foi especial, e eu nunca me esqueci dele.

BIZZ — *E que história é essa de você se aposentar, Tina?*

Tina — Bem, são 27 anos agora, eu estou aqui neste avião pensando meu Deus, fiz isso a minha vida toda! Preciso fazer algo mais, algo diferente, porque tenho feito a mesma coisa por tanto tempo. Por isso quero, agora, por um pouco de lado o que eu já domino e ir procurar o que ainda não controlo totalmente, o que é novo para mim. Quero aprender a estar num *set* de filmagem, sem platéia, só eu e a câmera, aprender a me afinar com ela. Mas isso não significa aposentar-me da música. Vou gravar, fazer vídeos, trabalhar na promoção dos álbuns. Mas tantas viagens

Tina em sua última turnê: "Eu preciso de uma mudança!"

"Uma nova geração está vindo e uma nova música, que nós não conhecemos, surgirá de algum lugar"

não. Agora, neste momento, com 150 datas já cumpridas, eu digo sim, estou me aposentando!

BIZZ — *Como uma veterana de quase três décadas na música, como você vê o cenário atualmente? Por exemplo, será que hoje qualquer pessoa pode cantar, graças à nova tecnologia de samplers e tudo mais?*

Tina — A música é mais livre hoje. E você não precisa ter uma grande voz para fazer um bom disco. Mas você ainda precisa de uma grande voz se você pretende ter uma carreira ao vivo. Essa liberdade é muito boa, permite a qualquer um fazer o que deseja, desde que tenha os contatos certos. Mas espero que as pessoas percebam que isso é apenas um estágio intermediário até a próxima fase. A música, hoje, é uma fantástica mistura de tudo, pop, e rock, e jazz, e disco, e rhythm'n'blues. Tudo está na moda agora! E como as roupas! Não sou especialista em história da música mas .. tenho esse pressentimento de que uma nova geração está vindo e de que uma nova música surgirá de um lugar novo, música que nós não conhecemos, à qual não estamos sequer acostumados. Agora é a mistura completa. Depois... será uma outra música, quase como de outro tempo. E é bom que todo mundo tenha oportunidade de mostrar seu trabalho antes que isso aconteça. Mas, sabe de uma coisa, música de transição não dura, não se torna clássica. Não é o tipo de música que, depois de certo tempo, as pessoas querem ouvir de novo.

BIZZ — *Os anos 60 eram mais interessantes?*

Tina — Os 60 eram os 60. Agora estamos nos 80. A mentalidade daquela época era fantástica, e nos deu tudo o que temos hoje, mas eu não quero voltar atrás.

BIZZ — *Com esse seu sentimento de querer ir adiante, e já cansada da estrada, ainda há alguma coisa hoje, no seu trabalho, de que você goste? Algum momento desse trabalho ainda te dá prazer?*

Tina — Ah, deixe eu esclarecer isso! Estou cansada do ritmo das turnês, não estou cansada do meu trabalho! Cansada quer dizer que a voz não está muito clara e que eu quero tirar umas férias no Brasil. Mas eu ainda tenho prazer no meu trabalho. De verdade. Algumas noites são difíceis — a voz não está boa, sou mulher, meu biorritmo é estranho, algumas noites são muito, muito difíceis. Eu preciso é de uma mudança.

BIZZ — *Quais são as canções em particular que te dão prazer ou emoção?*

Tina — Meu número de abertura eu adoro: "What You Get Is What You See". Não gosto de canções sérias. Minha vida foi tão séria... Gosto de canções divertidas, que façam as pessoas sorrirem, que desliguem a cabeça de tudo, a não ser aquele momento. Assim, para mim, no show, as que eu amo são "What You Get Is What You See"... "Typical Male" está ficando muito forte para mim, "Addicted to Love".. Eu gosto de brincar no palco, de me divertir junto às pessoas. Por isso prefiro as canções que permitam essa liberdade.

BIZZ — *Existe hoje muita controvérsia sobre artistas fazendo comerciais e músicas sendo usadas para comerciais. Você fez vários anúncios para a Pepsi. Isso é um problema para você?*

Tina — Acho que compositores e produtores, pessoas que fazem música, devem se sentir desconfortáveis com isso. Eu sou apenas uma cantora, nunca sou contra nada. Se tivesse composto uma canção e ela fosse usada para um comercial, eu ficaria preocupada. Mas para mim, como intérprete, é só outra forma de música... Quando a Pepsi me convidou, eu disse "claro, já bebo Pepsi há tanto tempo, é mesmo meu refrigerante favorito". Não, não me sinto nem um pouco culpada a respeito disso.

BIZZ — *Você ainda é uma praticante do budismo?* (N. da R.: Tina segue o budismo da seita japonesa Nishiren Shoshu) *Ele faz parte de sua vida mesmo no meio dessa agitação?*

Tina — Sim, completamente. Tenho praticado há mais de dez anos, e quando se está envolvido a esse ponto é como o combustível de um carro: uma luz vermelha se acende quando você não está praticando como devia. Como vou explicar? Quando tudo está indo bem, isso fica num segundo plano, mas se um dia eu acordo estranha, com dificuldade de focalizar meus pensamentos, sei que está na hora de praticar diariamente. Se me perguntarem como funciona, eu não saberia explicar. Apenas responderia que sei que funciona porque vi funcionar em minha própria vida.

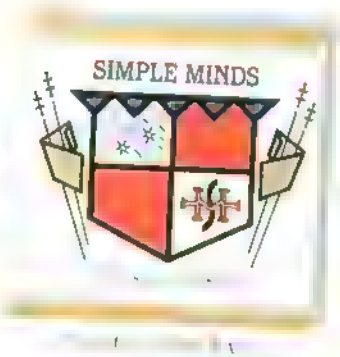
BIZZ — *E quem é essa pessoa "Tina Turner"?*

Tina — É a pessoa que sabe o que quer. Que sabe como quer parecer também, que não está preocupada em atender às expectativas e vontades dos outros, e que não vai abrir mão do que sente que é melhor para si só para atender às vontades dos outros. É uma pessoa autoconfiante principalmente em seu trabalho. Eu olho para trás, para o que já fiz, e tenho a exata dimensão do que sei fazer e do que sei fazer bem. Sou também muito auto-suficiente, o que é um perigo, por isso tento estar aberta, sempre, para críticas — mesmo que eu não as siga. Mas, em resumo, sou uma pessoa que tem o controle de sua própria vida.

hollywood Rock

O MELHOR DO ROCK ...

SIMPLE MINDS



Virgin

... E O MELHOR DO REGGAE

UB40

LIVE IN MOSCOW

EAT IN THE KITCHEN

LABOUR OF LOVE

RCA
Ariola
BMG

Picassos Falsos

PONTO DE FUSÃO

Bomba! Bomba! Foi descoberta uma nova praia no Rio de Janeiro! Lá rola rock dos 60s e 70s, e MPB, em furiosas ondas rítmicas. *Thomas Pappon*, de prancha a tiracolo, foi conhecer de perto a origem do hit "Carne e Osso"

O público aquieta-se hervosamente no Canecão. O Hojerizah acabou seu número e todos aguardam os Picassos Falsos, grande promessa do selo Plug. O guitarrista convoca acordes ruidosos, dissonantes, e o *crooner* entra de pandeiro na mão. Incrédulos olhos de um paulista desconfiado observam. Oba! Killing Joke com Luiz Melodia? Jorge Ben e Cult? Tanto faz, vai rolar o barulho lançado que eu tanto queria para animar outra quente noite carioca...

Humberto, o cantor, fura o ar com os dedos, em ritmo de samba. Gustavo, o guitarrista, lasca um *Fá* (ou seria um *Bá?*) menor com sétima, os tímpanos tremem e o som rasga em ritmo de choque. Que beleza: quatro garotos (média de 22 anos de idade) puxam e esticam um explosivo baile de sons estridentes, cortantes, um caldeirão de rock dos 60's, e 70's (Hendrix, rhytm'n'blues), e MPB (samba, Ben, Melodia, Caetano etc. etc.).

O Rio vai muito bem, obrigado, apesar do espaço restrito para bandas que começam há pouco (o que acontece em todos os centros). Os Picassos têm um ano e pouco de vida, mas suas atitudes musicais já são bem maduras. Talvez não estejam conscientes disso, mas têm um talento excepcional para combinações rítmicas, sem cair em qualquer generalização. "Banda de funk", como já foi dito em algumas publicações? "Acho que o rótulo pintou porque começamos num momento em que muitos tocavam funk, e nós tínhamos um certo balanço", corrige Humberto, que ainda situa o grupo, sem folgas, no Rock Brasil (eles têm um LP lançado há alguns meses pela RCA/Plug): "As pessoas não vão dar muito valor para o disco agora, além de não ser muito bem gravado. Acho que o que fazemos é atemporal. (*O LP*) Tem muita coisa junta que não dá pra fixar num momento".

Nada de mais, se as influências fossem outras e a banda tivesse "estudado" música. Humberto, Gustavo, Abilio (bateria) e Zé Henrique (baixo) ouviram Jorge Ben, samba Novos Baianos, A Cor do Som (?), Hendrix e blues. Ruídos? Hendrix, King Crimson — a matéria-prima de toda uma geração de guitarristas, a origem do ruído *trabalhado* no rock. Zoeira a serviço dos novos tempos.

E essa mistura toda? "É como o que os ingleses fazem: mistura folk com rock", diz Gustavo. "Mas a antropofagia não é teórica", retruca Humberto, justificando ingenuamente que é o que "todo mundo faz". Se fosse assim, eles não estariam na ponta, entre os melhores grupos do Rio. O primeiro LP, lançado em meados de 87, foi e vai bem no Rio, e já constou em listas de discos de rock mais vendidos da semana. Mas em São Paulo, segundo Humberto, "a gente não existe".

Nas rádios cariocas o disco segue tocando, apesar dos defeitos apontados pelo grupo. Humberto: "Éramos superinexperientes". Aparentemente foram deslumbrados pela alta tecnologia. Abilio: "Usamos sampler em todas as músicas, isso ajudou a pasteurizar o som, principalmente o da bateria". Outras impressões apontam as delicadezas do processo de gravação. Humberto: "O pessoal daqui não gosta muito de usar um som primário. O ideal seria gravar com sujeiras e todas as deficiências, e usar a eficiência tecnológica para consertar as deficiências da gravação".

Falando de outras bandas nacionais demonstram entusiasmo pelas de São Paulo, como Gang 90, Patife Band e IRA!. "Não vou julgar a qualidade de certas coisas que saíram do Rio de Janeiro", defende mais uma vez o cantor e letrista, um dos grandes valores do ano, "mas tem coisas que são tão importantes e legais como as que apareceram em São Paulo. Aqui não tem aquela coisa pseudocultural, mais de discurso do que de qualidade musical".

Ainda bem que não tem isso no Rio, onde o ritmo e a música vão dos passos de samba aos de cooper, praticados no calçadão. Em meio à música e toda a confusão do Rio, tinha que aparecer esse incêndio.

No ambíguo território entre o pop e o progressivo já se aventuraram — sempre movidos a sintetizador — muitos grupos. Mas nem todos levaram a tão bom termo o experimento como o Depeche Mode...

DEPECHE MODE

NO RUMO CERTO

Muito se discute, hoje em dia, a respeito dos rumos do (assim chamado) rock progressivo. Para muitas pessoas, esse movimento morreu quando conjuntos como o Yes, Genesis, Pink Floyd e mesmo King Crimson viraram o leme de suas composições para um lado mais pop. Achar que o desvirtuamento de alguns artistas decreta o fim de um movimento é um raciocínio pelo menos imediatista e parcial. O rock progressivo não morreu e deixou inúmeros herdeiros espalhados pelo mundo, em várias facções. Uma vertente ambígua, mas que trouxe bons frutos, foi a do tecnopop. Essa frente surgiu na esteira de grupos como o Kraftwerk, com o som embasado em sintetizadores e ritmos eletrônicos, tendo também como veia inspirada o velho Roxy Music.

Muito lixo foi feito em nome do tecnopop, mas é impossível negar a importância de grupos como o Ultravox, New Order e Depeche Mode. Quanto a esse último, teve alguns discos editados no Brasil, mas até agora ainda não obteve o merecido reconhecimento. *Black Celebration*, o mais recente LP dessa banda inglesa, saiu aqui faz pouco tempo. Nele o conjunto faz questão de provar que continua em franca evolução, inclusive pela presença da música minimalista "It Doesn't Matter Two", lembrando muito as obras de Philip Glass.

É impossível contar a história do Depeche Mode sem falar do responsável pela gravadora que produz seus discos, a Mute Records: esse pioneiro é Daniel Miller. Na metade dos anos 70, Miller era guitarrista de uma banda na escola de arte que frequentava em Guilford. Em 1976 trabalhou como DJ na Suíça, para voltar logo depois à Inglaterra, eufórico com o movimento punk. Em 1979, resolveu inaugurar seu selo independente, gravando um compacto sob o pseudônimo de The Normal, com a música "TVOD". Nela, Daniel tocava sozinho os sintetizadores e todo o aparato percussivo. O compacto vendeu 40 mil cópias, o suficiente para encorajá-lo a continuar. Pouco depois realizou um LP, sob o pseudônimo de Silicon Teens, regravando velhos hits de rock'n'roll com roupagem tecnopop. Foi esse LP que solidificou a Mute de vez.

Em 1981, Daniel produziu um LP com o título *Some Bizarre Album* reunindo conjuntos novatos. Entre eles, estavam: B-Movies, The Fast Set, Soft Cell e Depeche Mode. O Depeche Mode havia sido formado um pouco antes, no verão inglês de 1980, em Basildon, Essex, por Andy Fletcher, Martin Gore e Vince Clarke. Vince, o vocalista, veio de uma dupla de gospel, contando com uma passagem em um grupo mais moderno chamado No Romance in China. Martin era guitarrista num grupo desconhecido, e Andy, baixista na banda Boys Brigade. Quando começaram, Vince, além do vocal, cuidava da *drum machine*, Andy tocava baixo, e Martin, a guitarra e o sintetizador. Em pouco tempo resolveram comprar sintetizadores para todos, inspirados em Human League, OMD e Gary Numan. Só havia um problema: eles sentiram que fazia falta um cantor de peso, que comandasse a parada na linha de frente. O escolhido foi David Gahan, que conheceram num pub, cantando "Heroes", de David Bowie, numa *jam* com um outro grupo.

Foi esse primeiro quarteto que gravou uma fita demo e ofereceu para uma dúzia de gravadoras (entre elas a Rough Trade), recebendo sempre um *não*. O último a ser consultado foi Daniel Miller, que a princípio hesitou em aceitá-los. Mas logo se convenceu que não deveria perder mais tempo, depois de ouvi-los na abertura de um show de Fad Gadget, em dezembro de 1980. Daniel lançou-os no seu LP bizarro a contragosto da banda. Pouco depois, em fevereiro de 1981, o grupo lançou seu primeiro compacto, contendo "Dreaming of Me" como faixa principal. É importante frisar que, para todos os efeitos, Daniel Miller sempre funcionou como um quinto membro do Depeche Mode, principalmente nos dois ou três primeiros anos de atividades. Quanto ao nome do conjunto, adotado depois de vários, Fletcher disse uma vez que "foi tirado de uma revista francesa, porque soava parecido com Depeche Mud" (algo como "lama transitória"). Mais tarde, convencido dos propósitos supérfluos da revista, admitiu que não tinha muito a ver com o grupo.

Em poucas semanas, "Dreaming of Me" alcançou o 57º posto da parada de sucessos inglesa, o suficiente para Daniel Miller convencer-se de que estava no rumo certo. Diversos shows ao longo do primeiro semestre de 1981, incluindo uma honrosa abertura para o Ultravox, colocaram o Depeche Mode na ordem do dia. Mais três compactos foram lançados até outubro (incluindo um que saiu no Brasil, só em 1983, contendo "Just Can't Get Enough"), quando foi editado o primeiro LP, *Speak And Spell*. Aquele LP permitia um diagnóstico do que iria acontecer depois, quando a banda tomaria rumos muito mais conseqüentes. Só para se ter uma idéia, das onze composições presentes, nove eram de Vince Clarke e apenas duas de Martin Gore. Mas "Tora Tora Tora" e "Big Muff", de Gore, eram infinitamente superiores. Resultado: Clarke resolveu cair fora, por sua livre iniciativa, provavelmente desconfiando que não ia encarar o que estava por vir. A saída dele se deu em dezembro de 1981, quando a banda terminou sua primeira grande turnê pela Inglaterra. Vince depois formou o Yazoo que teve vida curta, e em seguida o frustrante Erasure.

Durante um bom tempo, o Depeche Mode seguiu como trio, gravando mais alguns compactos e também o primeiro LP editado no Brasil: *A Broken Frame*, de 1982, com composições mais complexas e um uso mais inteligente do aparato eletrônico (a propósito, vale aqui uma curiosidade: o LP editado no Brasil contém, estranhamente, uma versão instrumental de "My Secret Garden", creditada erradamente na capa como "My Secret Garden II", que saiu na Inglaterra como lado B de "Leave in Silence").

David Gahan foi descoberto num pub cantando uma versão de "Heroes", depois que o DM já estava formado

A Broken Frame inaugurou uma fase esquisita do Depeche Mode, decorada por uma simbologia de difícil decodificação. Por um lado, a camponesa da capa do LP, com uma foice na mão (que faz uma dupla interessante com o operário do LP seguinte, empunhando um martelo) sugere uma tomada de posição ideológica, um flerte com a esquerda. Por outro lado, o visual ficou cada vez mais agressivo, lembrando muito personagens de filmes sobre a Alemanha pré-nazista. As letras passaram do banal para o esotérico. Vejamos um trecho de "The Sun and the Rainfall": "Alguém vai chamar/ Alguém vai despencar/ E se arrebentar no chão/ Sem ao menos ler o texto/ Eu sei o que vem depois/ Já vi isso antes/ Nem dói!"

Construction Time Again, o LP de 83, é o ápice do trabalho do grupo já inserido no chamado movimento industrial. Lamentavelmente não foi editado no Brasil. Em 1985, a Fermata lançou aqui o bom *Some Great Reward*, e depois desistiu do catálogo da Mute Records, que só retorna agora pela WEA. Nesse intervalo, ficamos sem conhecer um LP (dispensável) que reúne os compactos do grupo. E — quase me esqueço de citar —, desde 1983, o grupo tem um quarto membro, Alan Wilder, tocando "sintetizadores, é claro".

Valdir Montanari

Fernando Dias Azul

NEI LISBOA

POP BONFINIANO

Há dez anos Nei Lisboa respira entre palmeiras do bairro símbolo de Porto Alegre. E *Carecas da Jamaica* — que apresenta um dos melhores pops gaúchos — chega cheirando a chimarrão. *Jimi Joe* aproxima as distâncias...

Da janela do apartamento de Nei Lisboa dá para ver a avenida Osvaldo Aranha, centro nevrálgico de um Bom Fim que é, para muitos, um símbolo de Porto Alegre. Nei está acabando de desligar seu violão Washburn. E se declara um compositor de Porto Alegre. Porto Alegre é seu lar. Há dez anos ele não tinha um Washburn, mas já vivia o Bom Fim e as agruras do país, mostrando sua música em bares de diretórios acadêmicos. Hoje ele está no terceiro LP — *Carecas da Jamaica* —, o primeiro saído de uma grande gravadora, a Odeon. O país continua tão mal quanto antes e a música de Nei ainda é uma coisa muito própria.

Transformando seu apartamento — localizado no décimo andar — numa espécie de torre de vigia, Nei Lisboa observa o Bom Fim... e o resto do mundo. Poeta do irremediável, de uma tradição essencialmente *beat*, Nei pinta impressões com suas palavras. Troca a zanga e a ira adolescente do novo rock tupi pela constatação do que existe. E que tende a piorar.

Quem é Nei Lisboa? Ele prefere nenhum rótulo, mas, se for preciso algum, que seja pop. Nei também não quer saber de conversa sobre gerações: "Eu não sou de geração alguma. Faço a minha música. Já passei por coisas como o estigma do blues. Há alguns anos eu saía pela Osvaldo Aranha e tinha um monte de cabeludinhos melecas se agarrando em mim. Mas a coisa evoluiu, mudou, pelo menos para mim".

Essa imagem de bluesman bonfiniano permeou o primeiro disco independente, de 83. Agora, quatro anos depois, Nei diz que faz a *sua* música. E ela pode ser reggae, pop, balada... "*Carecas da Jamaica* tem músicas do tempo do meu segundo disco, *Noves Fora*, até composições deste ano... Me sinto moderno, sim, tanto quanto aquela máquina de escrever na capa do disco", esclarece. Na diversidade de ritmos que forma esse LP, o ponto de união é, mais uma vez, a poética de Nei — a constatação do grande engodo da indústria do rock em "Verão de Calcutá" e a visão (ou antevisão) do nosso futuro atômico (Césio, Goiânia, Angra) são apenas alguns exemplos. Mas ele não acredita que sua música vá mudar alguma coisa. Nem sua poesia. "Eu penso que se eu conseguir fazer mudanças na minha vida administrá-la de forma a impedir que eu me mate nos próximos cinco anos, já é o suficiente."

Ele toma chimarrão e olha a Osvaldo Aranha pontilhada de palmeiras. O que será que as pessoas vão pensar do disco de Nei Lisboa em São Paulo ou no Rio? Pouco importa. Lá embaixo, na avenida, a noite está começando. O bar Lola recebe os primeiros bêbados, exibindo seus vidros com peixes em conserva. O Bom Fim respira. Do alto de seus dez andares, Nei toma o pulso do bairro. Sinais vitais mantidos...

CHRISSIE HYNDE

A VOZ INFLAMADA DE AKRON, OHIO

Por Pepe Escobar, de Londres

Lanquetta/Stills

A pretenders girl foi um dos grandes eventos do final dos remotos anos 70. A mítica amazona que desembarcou de Ohio, com uma guitarra, uma garrafa de tequila e uma roupa de couro para tocar fogo na terra desolada punk. Uma década depois, aos 36 anos, Chrissie chega ao Brasil. Feliz — com sua carreira, seu marido, seus filhos, mas não com "esse mundo" que está aí. Ex-hippie. Vegetariana. Anti-matança de qualquer tipo de animal. Não-feminista, segundo seu conceito. Ligeiramente... paranóica, como toda boa americana (auto-exilada há quinze anos). Conversa mos e tomamos chá no escritório de seu empresário, Paul McGuinness (o mesmo do U2), em Westbourne Park, Londres.

Chrissie Hynde não mais vê seus ex-companheiros de viagem da London 77. A ex-alma dos Smiths agora está em sua banda: Johnny Marr, *the great pretender*... Chrissie Hynde ainda acha que é possível derrubar o *establishment*. O McDonald's é o símbolo de tudo que mais despreza no mundo: o ganância corporativa americana e a matança de animais. Chrissie Hynde também odeia o Vaticano. Ela definitivamente — antes que alguém pergunte naquelas entrevistas coletivas ridículas — "não" vai tocar com Simple Minds, e eventualmente poderá tocar "I Got You Babe", com UB40, no grande palco cênico do verão tropical. Chrissie Hynde só vai começar a viver o Brasil em janeiro, segundo suas próprias palavras. Está preocupadíssima com o destino da floresta amazônica. Antes de nosso chá com madame Hynde, um último aviso: cultores do Big Mac, abstenham-se!

A formação da banda após o último LP, Get Close, que perdeu Robbie McIntosh (o guitarrista, à direita) mas ganhou o ex-smith Johnny Marr (no destaque)

Chrissie — Eu nunca me excito por nada, a não ser na hora em que está acontecendo. Quando eu colocar os pés no aeroporto, vou ficar "tomada". É o jeito que eu sou. Muita gente telefona, perguntando "Ah, você não está excitada em ir para o Brasil?" Digo "Não, ainda não". Esse ano estivemos no Japão, na Austrália... Viajamos muito. No que toca a ideias preconcebidas, acho que tenho no máximo essa idéia de Carmem Miranda, bananas na cabeça

BIZZ — *Mas isso é só mitologia de cinema.*

Chrissie — Não tenho nenhuma idéia formada. Especialmente porque sou americana. Os americanos são os piores para saber alguma coisa de algum lugar. Eu moro na Europa há quinze anos, sou uma ex-americana. Mas os americanos, eles acham que estão no centro do universo, que todo o resto não é real. O resto é um quase-mundo... É uma doença, porque eles aprendem geografia na escola, mas não retém! Eles não parecem saber o que significam "países". Acho que tudo isso faz parte do meu problema. Eu chego a um lugar quando estou lá, fora isso é muito distante.

BIZZ — *Quando você se auto-exilou da América, foi então por causa de diferenças espirituais e morais com o povo e o american way of live? Uma diferença interna?*

Chrissie — Oh, sim. Totalmente. Na verdade, nunca ninguém colocou isso de uma maneira tão clara para mim

BIZZ — *E você tinha uns 21 anos*

Chrissie — Por aí. Deixe ver, eu nasci em 1951, tenho 36 anos, e vim para cá em 73. En-

BIZZ — *22 anos.*

Chrissie — Por aí

BIZZ — *Como você vê a América agora, do ponto de vista de uma nativa auto-exilada?*

Chrissie — Como vejo? Vejo como um lugar muito perigoso, onde as pessoas são muito perigosas. Elas apoiam cegamente o sistema. Elas parecem tão atrasadas em relação à Inglaterra no que toca a direitos dos animais, por exemplo. O que me espanta é que eles não tenham a menor consciência sobre o que significa o sofrimento. Eu cresci na América nos anos 60, e estou firmemente radicada nos anos 60, toda a expansão da consciência psicodélica

BIZZ — *Você participava de tudo?*

Chrissie — Oh, yeah. Na América, nos anos 60, havia uma cerca. Você ou era "cabeça" ou "careta". Eu era "cabeça". Ou hippie, ou o que você quiser. Em 69, eu parei de comer carne. Não posso dizer que sou completamente vegetariana, pois só alguns anos depois eu parei de comer qualquer derivado de carne. Mas era parte da ética hippie, da consciência dos anos 60, abraçar o vegetarianismo, a filosofia oriental, misticismo, tentar saber coisas sobre o resto do mundo, ter uma visão global, saber que nossas ações afetam o resto do mundo. Claro que tomar a decisão de se tornar vegetariana demonstra uma preocupação com o sofrimento humano, doenças humanas, sofrimento dos animais, doenças dos animais, a fome global, e é também uma reação à violência, da maneira que afeta o mundo. Nos anos 60, eu não conhecia pessoalmente alguém que tivesse tomado essas decisões, mas eu sabia que fazia parte de uma larga faixa da população. Agora, quando eu volto aos EUA, dá para pensar que os anos 60 nunca aconteceram. Todo mundo foi para o outro lado. As pessoas vão para o McDonald's com mais voracidade. Eu fico surpresa que amigos meus eduquem seus filhos dessa maneira. Para muita gente, os anos 60 foram como uma moda. So agora eu estou percebendo tudo isso... Essas pessoas não querem se envolver com nada. Elas não acreditam em nada. Elas não sabem a verdade sobre nada. Elas só sabem que carro possuem, o nome dos filhos e do marido. Se cuidam da carreira, dos filhos e do marido, acham que já basta. Para gente como eu, que participa de grupos de pressão, como a liga contra a matança de animais, vegetarianismo, Greenpeace, essas pessoas tornam o trabalho muito mais difícil

BIZZ — *Há uma detalhe importante: muita gente enquadrada em sua descrição faz parte de seu público.*

Chrissie — Bem, esse é meu *feeling* sobre a America. E é algo sobre o qual preciso ter cuidado. Porque os americanos ficaram muito paranóicos. Paranóicos, paranóicos, paranóicos. Se você critica a America para os americanos, eles param. Até mesmo meus amigos. Americanos são muito sensíveis. E o fato de que eles vivem se enfeitando com corpos de animais, a comida horrível, a estupidez... Veja a mídia na America. Provavelmente o melhor exemplo é a revista *People*. Eles só querem saber da superficialidade do estilo de vida das pessoas. Até mesmo o fenômeno dos cristãos renascidos — eles são materialistas. "Ponha suas mãos na televisão e você terá o emprego que procura", "Ponha as mãos na televisão e Jesus irá curar sua doença..."

BIZZ — *Pague vinte dólares e tenha Deus em casa*

Chrissie — É. Não se trata de uma coisa espiritual. É uma salvação do sofrimento material, ao invés de reais preces a Deus. E nenhum deles é vegetariano. Eles sempre sabem como explicar a matança de animais, já que quando Noé entrou na arca, Deus disse que ele podia comer qualquer coisa em movimento. Eles repetem o "Não matarás", e a primeira página da bíblia, onde se lê "Eu vos dou a sua semente, para vós ela será carne". Mas carne é só comida sólida, não significa a carne da matança de animais... Quando eu vou para a America, eu fico com medo.

BIZZ — *Você se protege de encontrar as pessoas, ou de andar pelas ruas e sentir a violência, os excluídos do sonho?*

Chrissie — Oh, não. Mas é que o tom, a mentalidade, me assustam. Se houvesse um cataclisma, e houvera um, um terremoto, um furacão, um acidente em uma usina nuclear, algo vai acontecer

BIZZ — *ELA e URSS acabam de assinar um tratado importante, um caminho para começar a desnuclearizar o mundo. Você acha que é real? Ou apenas um show?*

Chrissie — Eu não quero ser crítica e dizer que não vai adiantar nada. Mas enquanto um deles ainda tiver armas nucleares

BIZZ — *Ainda sobraram 25 mil*

Chrissie — Nós podemos continuar a assinar isso e aquilo, mas o ponto é que as armas nucleares existem. As usinas nucleares existem. E seu produto é o plutônio, a substância mais letal conhecida pelo homem. Nós podemos gastar eletricidade a noite toda, podemos usar lâmina de alumínio, mas o que produzimos é algo que leva dez mil anos para extinguir sua potência. Uma lasca na ponta de um alfinete é suficiente para causar câncer. E nós pegamos centenas de milhares de toneladas e jogamos no mar. É muita burrice. Os líderes mundiais condenam... Mas no que me concerne, todos os líderes mundiais são cheios de merda. Eu ainda acredito que podemos dobrar o *establishment* e mudar o mundo. Mas não através desses canais. Porque eles só falam bobagens, *nonsense*. A única maneira que podemos usar para mudar o sistema e não apoiar as grandes corporações que destroem o mundo. E são essas grandes corporações que pagam as campanhas políticas, que ajudam um presidente a ser eleito. E só propaganda. É outra coisa que me assusta na América. Tudo tem um patrocínio. Tudo é corporativo. Essas corporações são os verdadeiros inimigos do povo. Elas não são ilegais. O comércio de peles de animais não é ilegal. Quinhentos milhões de animais vão ser mortos na Inglaterra esse ano. E isso não é ilegal... Temos que transformar essas corporações em foras-da-lei. Isso é que é importante.

BIZZ — *Qual é o alcance da força de uma artista pop na tentativa de dobrar o* establishment?

Chrissie — A única coisa que posso dizer da minha voz é que ela reflete a opinião de milhares de pessoas. Eu ainda sou parte de uma consciência coletiva. Meus pensamentos não são originais. Eu divido as mesmas opiniões com muito mais gente. Acho que é minha responsabilidade falar tudo isso em público — e outros vão escrever sobre isso. Eu sou apenas uma garota de Akron, Ohio, que era garçonete. Eu sou igual a todo mundo. Mas agora estou em uma posição onde posso dizer

À esquerda, a formação "clássica" do grupo, com o guitarrista James Honeyman-Scott (falecido), o batera Martin Chambers e o baixista Pete Farndon (falecido)

alguma coisa.

BIZZ — *Qual a sua relação com a mídia na América?*

Chrissie — Eu não posso falar sobre a indústria da carne, por exemplo. Eu seria cortada. Seria um black-out. Eu não estaria mais no rádio — McDonald's anuncia em rádio.

BIZZ — *Você acha que a Europa ainda assimila a discussão dos problemas mais sérios que nos afetam?*

Chrissie — A Inglaterra me parece o melhor lugar. Todo mundo copia a Inglaterra. Há alguma coisa mágica. É o tamanho da Inglaterra permite que eu e você possamos nos sentar em uma sala, como o homem e a mulher que começaram a campanha contra a matança de animais, e possamos ter uma visão sobre alguma coisa. Vamos fazer alguma coisa. Se eu e você estivessemos sentados em uma sala de Akron, Ohio, e disséssemos que queríamos fazer alguma coisa, com certeza não ia dar em nada. É importante começar a fazer as coisas *aqui*. O resto do mundo vem e copia. Eu não sei, por exemplo, o que está acontecendo nas florestas da Amazônia.

BIZZ — *Um horror. Pelo menos vinte por cento estão vendidos a corporações multinacionais.*

Chrissie — *Whaaaaat??* E sabe o que sai na TV aqui? Que os estúpidos nativos que vivem na floresta estão vendendo a terra. Eles descrevem a coisa como se os sul-americanos fossem camponeses estúpidos. Eles nunca assumem a culpa. Os brasileiros estão fazendo alguma coisa sobre isso?! *(Faço uma tentativa kamikaze de dar um briefing para Madame Hynde sobre a Amazônia, Brasil, corrupção, etc... Ela fica ainda mais escandalizada, e sugere uma avalanche de propaganda na Europa para fazer pressão sobre o problema).*

Chrissie — Nós somos todos hipócritas nessa sociedade. Nós fazemos coisas que sabemos que estão erradas. O mínimo que poderíamos fazer seria assumir a responsabilidade.

BIZZ — *Pegando esse tema da hipocrisia por outro aspecto, dentro da indústria da música — hoje uma grande operação corporativa. Como você lida com a hipocrisia inerente a este sistema?*

Chrissie — Ah, eu digo para as pessoas pedirem seus álbuns emprestados de amigos, e não comprá-los nas lojas. As pessoas ficam horrorizadas que eu possa sugerir tal coisa. Elas dizem: "Você não sabe que a pirataria privada está matando a música?" E eu digo: "*Bullshit*. Está matando a *indústria* da música, mas não a música!" Eu vou a uma loja e quero comprar um álbum de Bessie Smith, e eles estão todos fora de catálogo! Isso é que é a indústria da música. É um mercado. Gente da minha gravadora ganhou muito mais dinheiro em cima de mim do que eu mesma. A indústria da música virou uma coisa ridícula. Eu pelo menos ainda posso me alegrar pelo fato de estar em uma banda e poder gravar discos.

BIZZ — *Você acha que sobreviveu da melhor maneira possível, nesses últimos dez anos, confrontada com as pressões da indústria?*

Chrissie — Eu nunca tive muitas pressões. Eu fiz exatamente o que queria. Nunca me associei com algum movimento particular. Nunca nos catalogaram. É uma sorte que o que eu faço seja razoavelmente comerciável. Eu sei que está muito na moda cair de pau na sua própria gravadora, se você está em uma banda. Mas nós sempre tivemos uma boa relação. Talvez porque eu tenha lhes dado o que esperavam.

BIZZ — *Em termos musicais, como tem sido o casamento entre Pretenders e Johnny Marr? Quem sugeriu quem?*

Chrissie — Maravilhoso. Quem sugeriu foi Paul McGuinness, nosso novo manager. Eu não era uma fã dos Smiths, andava muito ocupada, e os fãs dos Smiths são pessoas que se envolvem profundamente com a banda. Eu só tinha ouvido um ou dois discos. Sabia que eles tinham feito "Meat Is Murder". Mas eu nem sabia quem era Johnny Marr.

"Encontrar com Johnny Marr foi como se eu estivesse montando minha primeira banda. Foi wild. É como se eu tivesse Jimmy Scott de volta"

"Se uma campanha de propaganda da Pepsi paga a Michael Jackson 15 milhões de dólares por algo que não vale nada, então há algo errado com o mundo"

Eu nem sabia o seu nome.

BIZZ — *Como vocês se encontraram?*

Chrissie – Robbie McIntosh, nosso guitarrista, saiu da banda. Nós nunca realmente discutimos o porquê. Nós respeitamos sua decisão. Ele tem família, e não tinha tempo para vê-los. Robbie é só um músico que queria tocar, ele não estava interessado no "circo" todo. Eu gosto muito dele, é uma honra que tenha trabalhado conosco — participou dos melhores discos. Fiquei muito chocada quando ele foi embora. Até que um dia Paul McGuinness telefonou e disse que Johnny Marr tinha saído dos Smiths, e poderíamos entrar em contato com ele. Eu disse para ele entrar em contato com quem quer que fosse. Uma semana depois, Johnny Marr toca minha campainha. Olhei para ele — eu nunca o havia visto... Falei: "Vamos até o Marquee Club". Fomos até o Marquee, ficamos um pouco no show, fomos para o Soho, fumamos um, demos uma volta pelo Soho, conversamos.

BIZZ — *E a química funcionou.*

Chrissie — Não tem dúvida que funcionou. É como se eu estivesse montando a minha primeira banda. Foi *wild*. E acho que ele sentiu a mesma coisa. Quando ele veio e tocou a primeira vez conosco, foi perfeito... Ele cresceu tocando trechos de Jimmy Scott *(nota: o guitarrista original dos Pretenders, morto em 1982, é homenageado por Chrissie em "Back on the Chain Gang")*. Era um grande fã de Jimmy Scott. É como se eu tivesse Jimmy Scott de volta. Ele é como Jimmy, adora sessões de foto, roupas, como arrumar o cabelo, todas essas coisas que qualquer um em uma banda se amarra. A coisa mais gostosa do mundo é entrar em uma loja, e dizer "Eu adoro aquela jaqueta", e comprá-la.

BIZZ — *Em termos musicais, Johnny Marr, no final dos Smiths, estava partindo para a dissonância — ele que sempre teve um dom para lindas melodias. Ele está continuando nessa com vocês?*

Chrissie – Não tenho a menor idéia do que ele fazia com os Smiths. Eu acho que Johnny adora melodias, mas Morrissey, que era o poeta da banda, sentia-se miserável a maior parte do tempo, em suas letras.

BIZZ — *Ele elevou o fato de se estar miserável a uma forma de arte.*

Chrissie — Era *business*. Aprecio a idéia, muita gente gostava, mas havia uma espécie de choque, porque Johnny não quer saber de se sentir miserável. Não sei sobre os Smiths, talvez eles tenham discordado e cada um começado a tomar outras coisas.

BIZZ — *Vocês tocaram ao vivo, com o U2, na América, há pouco. Qual o resultado, na sua opinião?*

Chrissie – Nós fizemos quatro shows em grandes estádios, dois em Los Angeles e dois em São Francisco. Eu fiquei muito feliz com os shows. Fiquei feliz com a mudança da banda. Minha posição na banda voltou mais ou menos a ser como no original, onde a guitarra rítmica é uma parte marcante do som. Temos a guitarra rítmica e mais uma guitarra, não uma guitarra-solo, fazendo os arpejos e as melodias. Até mesmo nas canções mais antigas, minha guitarra voltou a ter um papel predominante. Nos últimos anos, ela tinha ficado cada vez mais "no fundo". Tudo soava tão profissional.

BIZZ — *Não era um problema de produção?*

Chrissie — É possível. Mas acho que você verá uma mudança no próximo álbum. Será muito mais básico, de novo, justamente o que eu gostaria de fazer. A minha guitarra sempre manteve um tom cru nos Pretenders, mantinha um feeling *punky*. Essa coisa crua passou a ser cada vez mais incongruente no som da banda.

BIZZ — *Você diria que o som dos Pretenders ficou polido demais?*

Chrissie — Não sei. Acho que não. Afinal nós só fizemos quatro álbuns. E quando comparo *Get Close* com o primeiro álbum, acho que este último é muito melhor. Claro que aquela coisa crua do início não existe mais. Mas vamos recuperar, com Johnny.

BIZZ — *Você, neste momento, tem um álbum só de singles dos Pretenders no* Top Ten *inglês. A progressão da banda, nesse tempo, te satisfaz? Você costuma voltar a essas canções dos últimos dez anos?*

Chrissie — Para quê? Acho que é bom de vez em quando voltar a checar quais são seus pontos fortes — eu vou fazer isso um dia. Mas eu não me envolvo em autoglorificação.

BIZZ – *Não, eu digo referência em termos musicais.*

Chrissie – Ah, eu eventualmente chegarei a isso. São referências técnicas que eu posso querer estudar no futuro. Claro que eu não estou cem por cento satisfeita com tudo que fizemos. Além disso, os Pretenders nunca foram uma banda experimental. Nunca tentamos abrir novos caminhos. Eu acho que tínhamos um som original. Um som reconhecível, especialmente por causa de Jimmy Scott. Aquele som de guitarra ondulante, *flamboyant*. Era muito Jimmy Scott. É algo que podemos manter. Nós nunca passamos de um *pop group* tradicional, baseado em guitarras. Um grupo pop-rock.

BIZZ — *O que você acha do comportamento de uma imensa maioria passiva nos anos 80 – gente condicionada, vestida de etiquetas da cabeça aos pés, mas sem nenhuma idéia ou pensamento na cabeça?*

Chrissie — Não que eles não tenham no que se interessar... Sabe, eu não tenho paciência com gente que não fez nenhum tipo de serviço comunitário. Tudo bem se você é um pintor e passa cinco anos só pintando, sem ver ninguém. Mas você teria que passar outros cinco anos fazendo alguma coisa. Sempre que você tem um tempo livre — e essas pessoas têm muito livre —, você deve olhar o mundo em volta e ajudar de alguma maneira. Porque ninguém vai fazer isso por você. Eu não respeito gente que não se envolve.

BIZZ — *Você lamenta o fato de que o* feeling *coletivo dos anos 60 não exista mais?*

Chrissie — Eu acho que ainda existe, mas a polarização da comunidade não existe mais. Existe uma coisa coletiva, mas não é mais tão fácil de perceber. Nos anos 60 era fácil: você estava de um lado ou de outro. *(Menciono Jim Kerr e seu trabalho na Anistia Internacional. Chrissie vai por outro lado.)* Eu acho ótimo que Jim esteja envolvido dessa maneira. Mas eu penso que se nos condenarmos a violência em níveis tão básicos quanto matar animais para comer... Não há mais razão em matar animais do que fumar cigarro. Na verdade, há mais razão em fumar cigarro porque se a única razão pela qual você faz uma coisa dessa é pelo gosto, pelo menos mate somente você mesmo. Bem, eu ainda fumo de vez em quando... Mas pelo menos estou estragando apenas a mim mesma. E todas essas corporações que fazem produtos que não servem para nada? Como a Pepsi-Cola... Se uma taça de Pepsi-Cola vale uma campanha de propaganda que paga a Michael Jackson 15 milhões de dólares por algo que não vale nada, então você vê que algo está errado no mundo.

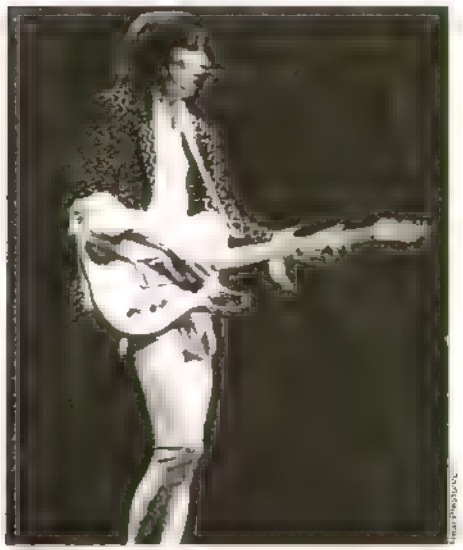
BIZZ – *Quando você se tornou mãe, você não tinha pesadelos sobre como educar uma criança em um mundo como esse?*

Chrissie – A única coisa a fazer é lhes dizer a verdade, sempre. Sobre qualquer coisa. As minhas crianças não vêem televisão. Ou só alguma coisa, que eu supervisiono. Eu não poderia deixar meus filhos saírem com qualquer um da escola, e eles terminarem na companhia da mãe de alguém que leva todos para um McDonald's. Temos que ter cuidado. Nós não nos associamos com quem come carne, para começar.

BIZZ — *Os seus pais lhe diziam a verdade quando você era criança, nos anos 50?*

Chrissie — Os anos 50 foram uma época muito ignorante. As mulheres não davam de mamar no peito, porque não era científico... As pessoas pensavam que se você falava sobre budismo, hinduísmo, ou qualquer outra religião, você era um maluco. Nos anos 50 havia os Beatniks, que era um segmento muito menor da sociedade do que os hippies nos anos 60. Meus pais não tinham nada de Beatniks. Meus pais votaram em Nixon, Eisenhower. São republicanos. Meus pais são as pessoas responsáveis por gente como Ronald Reagan. *(Chrissie entra em um meandro onde exorciza terrores já mencionados*

"Estou feliz com minha vida, meu marido, minhas crianças, meu trabalho, mas não estou feliz com o resto do mundo. Não posso estar cem por cento feliz quando sei que outras pessoas estão sofrendo"



ou não, McDonald's, pastores fundamentalistas e o Vaticano — que ela considera, curiosamente, como o império romano que ainda não caiu. Depois de uma interrupção para uma entrevista por telefone, um complicado pedido à secretária, de brioches sem gordura animal (!) e mais algumas etoquências, está na hora de terminar).

BIZZ — *Aos 36 anos, como performer, esposa e mãe, na vida profissional e na vida sentimental, você diria que se considera feliz?*

Chrissie — Eu estou feliz com minha vida, com as "minhas" pessoas *(pausa para comer um dos brioches, que qualifica de "disgusting", um pouco de chá, reflexão.)* estou feliz com minha vida, meu marido, minhas crianças, meu trabalho, mas... Isso é só uma parte da história, não é? Com certeza absoluta não estou feliz com o resto do mundo. E eu nunca posso estar cem por cento feliz quando sei que outras pessoas estão sofrendo. E os animais estão sofrendo. *(Chrissie continua preocupada com a Amazônia. Faz um longo discurso, onde condena a ganância e os interesses corporativos).*

Chrissie — A maioria das pessoas é um cemitério ambulante. Seus corpos são cemitérios ambulantes. Elas são cínicas, manifestam uma certa emoção quando confrontadas com o sentimento humano... E todo mundo, no fim, diz que não pode fazer nada. O que podemos fazer e nunca mais comprar um hamburguer do McDonald's. Fazer posters em todas as cidades do Brasil, falando do que está acontecendo na floresta. A indústria da carne... é o Vaticano. O império romano que ainda não caiu. A Máfia vive. E eles matam seus próprios líderes.

BIZZ — *Você é uma pessoa religiosa? Não no sentido de seguir uma determinada religião.*

Chrissie — Eu respeito todas as religiões. Meus filhos rezam a "Ave Maria". Eu canto "Hare Krishna" antes deles irem para a cama. Nós somos religiosos. Eles sabem agradecer a Deus pelo que têm. Sabem que não matamos animais... Eu acho que qualquer um que siga os mandamentos é um cristão. Porque está seguindo os princípios cristãos. Todas as religiões dizem que só existe um Deus. As coisas básicas são sempre as mesmas. Nós somos todos culpados pelo que é feito de errado na terra... mas... há seis anos, eu achava que estaria acabada, hoje, no entanto, eu continuo me sentindo cada vez mais inflamada...

DE *UZI* EM PUNHO

PUBLIC ENEMY

Hey, Yo! Quer ouvir o absolutamente Def? A face mais hard do hip hop mais concreto?

Chuck D e M C Flavor-Fave na linha de frente, e seus asseclas no Enemy

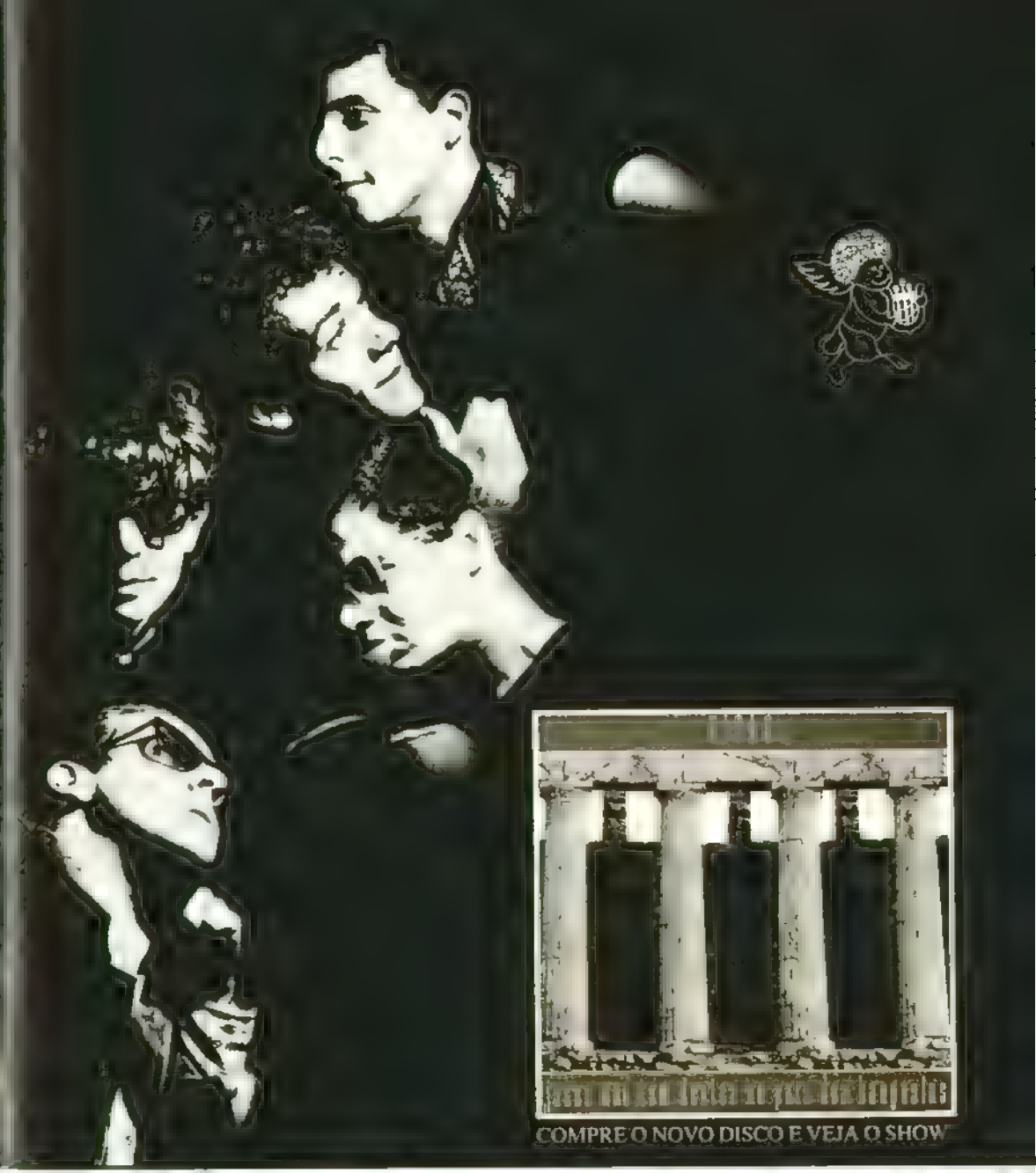
Então caia de boca nas profundezas do *black as hell* no último círculo dantesco do terrorismo cultural. A única saída possível para casos terminais de hip hard hopice letal é Public Enemy — ou Def Jam pós-Run, Beasties e *Electric*, do Cult. Se Run era hard e ficou soft pelo consenso do incenso de público e mídia, Public Enemy ainda não está contaminado por nada. Só pela raiva, filtrada para vinil via *drum machine*, com som de lata velha e línguas afiadas como gilete.

Yo! Public Enemy, em condições "normais", seriam dois caídos de rua. Conhecem — e rapeiam pesado em cima — o X da questão: preto, se não canta, dança ou joga basquete, está na latrina da pirâmide social. Public Enemy (Chuck D e M.C. Flavor-Fave) é puro Bronx e Def Jam "quando a barra pesa". Daqueles que, se você cruza no Harlem, de noite, sozinho, impõem — no mínimo — um estilo... No som é como se dois kamikazes blacks tivessem seqüestrado o avião-pênis dos Beasties e desviado para a terra de ninguém do cataclisma ambiental. Hip hop cristalino, sem diluição, bate como soco ou talagada de álcool Zulu.

No bullshit. Está tudo em *Yo! Bum Rush the Show*, primeiro LP do Public Enemy, lançamento nos EUA em abril de 87, selo Def Jam via CBS (atenção, CBS brasileira!). Noções básicas: hip hop como uma cultura radicalmente antiestablishment. Simplificação sonora — caixa de lata, voz saindo como pirataria de rádio, guitarrinha ameaçadora repetindo intros no *background*. Mensagem de rua, direta para a galera que pega pesado no dia-a-dia. Nada de racismo inverso. Mas o recado é claro: olha aí cara, o branco entasca a grana e te deixa na sarjeta. Olho vivo. Contra-ataque? As mil e uma estratégias de um terrorismo cultural disseminado em diversas atitudes cotidianas, um orgulho da raça, uma luta organizada como uma revolução molecular atrás da outra.

Public Enemy, de acordo com suas próprias palavras, não quer estrelato. Quer é alertar a moçada. Alerta vermelho... De um público de carneiros consumistas e racistas, um *black man* só pode ser inimigo. Hey, Yo! E, como cult especial, o recadinho de "Mi Uzi Weighs a Ton". Uzi é uma metralhadora automática. A de Public Enemy pesa uma tonelada. *Pepe Escobar*

TITÃS



COMPRE O NOVO DISCO E VEJA O SHOW

Jesus não tem dentes no país dos banguelas

ARRIGO BARNABÉ

SOB SUSPEITA

Ele é o primeiro da gangue "os intragáveis" da música brasileira a ser tragado pelas FMs... O que leva um artista tido até então como hermético a atacar nesse território, cada vez mais pantanoso? Marcel Plasse encurralou o moço nos bastidores de um programa de televisão — o de Fausto Silva — para tirar esta e outras dúvidas.

BIZZ — *Você tem se apresentado em muitos programas?*
Arrigo — Comecei esta semana. Fiz Osmar Santos, Bolinha, Caçulinha, Amaury Jr., e tenho um monte de outros programados.
BIZZ — *É a primeira vez que você está com uma agenda assim tão cheia, não é?*
Arrigo — É.
BIZZ — *Então você não sente mais o peso do rótulo de* maldito*?*
Arrigo — Não, eu nunca senti isso. Isso é uma coisa que a imprensa inventa, como aquela coisa de chamar de "vanguarda paulista" o que aconteceu no início comigo, Itamar .. Eu não me sinto maldito.
BIZZ — *Mas, de qualquer forma sua música anteriormente não era veiculada.*

Arrigo — Não veiculava. Se bem que, olha, no meu primeiro disco tinha uma música, "Orgasmo Total", que daria para tocar no rádio. No segundo disco tinha "Kid Supérfluo"... E, no terceiro, "Pô, Amar é Importante". Agora eu tenho muito mais músicas dentro do espírito das rádios. Está muito mais fácil. E tem ainda, é claro, a gravadora empurrando.
BIZZ — *O que te levou a fazer um disco mais acessível?*
Arrigo — Além de uma preocupação em atingir uma faixa maior de público, tem uma mudança de inspiração mesmo. De repente, eu comecei a querer fazer coisas simples, canções que eu conseguisse cantar. Eu sempre falei que gosto do passado da canção brasileira, da tradição dos cantores: adoro Orlando Silva! Fico em casa escutando bossa nova, também. E era uma coisa que eu não tinha o *metier* para fazer. Eu passei oito anos me preparando para fazer um trabalho revolucionário na MPB. E fiz! Fiz *Clara Crocodilo* e *Tubarões Voadores*. Depois desses dois discos, tudo o que eu tentava fazer me soava parecido, igual ao que eu já tinha feito. Comecei a entrar em crise no meu processo de criação. Ao mesmo tempo, eu estava tentando fazer coisas mais simples. Comecei a fazer bossa nova e a entender a forma da canção, utilizando, é claro, coisas que eu já tinha desenvolvido — a maior parte das músicas do novo disco, *Suspeito*, apesar de serem bem acessíveis, tem uma ou duas coisas que são a minha marca melódica ou harmonicamente. E há ainda, o fato de eu ter entrado em contato com o trabalho de outras pessoas, especialmente com a banda Patife, do meu irmão, Paulinho Barnabé. Comecei a ver como é que ele trabalhava com a informação atonal, dodecafônica, dentro da linguagem rock, pop, universal. Cheguei até a compor uma música para a Patife — "Poema em Linha Reta" —, que eles gravaram no meu LP *Cidade Oculta*. Aí, conheci a Virginie *(ex vocalista do Metrô)* que me apresentou Tears for Fears e Sting. Ao mesmo tempo, em 85, quando eu estava voltando da Europa, comprei aquele disco do Miles Davis, *You Are Under Arrest*, que tem uma puta sonoridade pop. Comecei a trabalhar com o Dino Vicente *(produtor do LP)*, que também é muito enfronhado neste meio! E me mostrou uma série de coisas. Quer dizer, eu passei a entrar em outro mundo. Passei a ser menos autista. E agora estou morando com o Hermelino Neder, que também tem um trabalho pop. Fizemos algumas parcerias .. E acabou saindo este trabalho que eu adoro! Tenho lido um monte de críticas pejorativas, mas tudo bem, podem falar o que quiser. Nada me tira o prazer que eu sinto ao ouvir esse disco. E vem mais, viu *(tem tom de irônica ameaça)*!
BIZZ — *O que você está gostando mais na música pop?*
Arrigo — Eu gosto muito do aspecto tecnológico e de sua qualidade universalizante, seu jeito moderno de tratar coisas regionais. É genial você poder "*samplar*" um berimbau e usar como base.
BIZZ — *E quem você gosta no pop nacional?*
Arrigo — Eu conheço pouco, eu escuto pouco rádio .. *(pequena pausa)* Eu gosto da Marina, Lobão, Patifе... que mais? *(longa pausa)* Se você puder lembrar alguém.
BIZZ — *Os mais populares, RPM.*
Arrigo — Já não me atraem tanto assim.
BIZZ — *Como foi que você se aproximou do funk?*
Arrigo — Não fui eu, não. São os músicos que me acompanham! Eu conheço pouco funk. Tem um rap — "O Dedo de Deus" — no meu disco, criado num concurso de rap que eu vi em Londres no começo do ano. Eu anotei as batidas do bumbo e da caixa — que mais me deixaram babando —, e fiz um baixo dodecafônico em cima. Porque no rap você pode colocar o que quiser que o ritmo segura.
BIZZ — *Você tem viajado muito?*
Arrigo — Mais do que eu esperava *(risos)*. No começo do ano estive em Paris com a Virginie, levando um trabalho que eu tinha feito em francês. Agora fui à Bélgica por causa de um festival de cinema onde *Cidade Oculta* foi apresentado.
BIZZ — *Você está planejando outro trabalho em cinema?*
Arrigo — Eu e o Chico Botelho estamos planejando ainda outro roteiro *(o primeiro foi o de* Cidade Oculta*)*. O argumento original é meu. Devemos filmar neste ano mesmo. Ainda não tem nome.
BIZZ — *E você vai fazer a trilha também?*
Arrigo — Eu vou fazer a direção musical, porque escrevi o argumento

"Tô fazendo bossa nova legal, balada, rap, dixieland, tecnopop, rock... F*-se quem não gostar. Acho o máximo fazer isso!"

em cima de um disco já existente de música erudita

BIZZ — *Que disco?*

Arrigo — Ah, não vou falar! Ninguém pode se adiantar

BIZZ — *Como você se vê como ator?*

Arrigo — Eu acho que sou passável! Não comprometo, não *(risos)*. Quando fui ver *Cidade Oculta*, achei que eu estava mal, apavorado... Mas estava enxuto, na medida

BIZZ — *Você tem alguma mágoa em relação à recepção do seu trabalho?*

Arrigo — Bem, a minha geração teve muita dificuldade para se impor. Porque a gente não tinha como fazer a nossa música chegar ao público

BIZZ — *O teu novo disco reúne a maioria das pessoas daquela época da chamada "vanguarda paulista". Algumas carreiras dessa geração realmente não estouraram. Ou, pelo menos, ainda não receberam atenção suficiente da mídia*

Arrigo — Não sei. O Itamar, por exemplo, tem público e vai gravar agora por uma grande gravadora *(a Continental)*

BIZZ — *Mas pessoas como o próprio Hermelino e a Vania Bastos ainda estão à margem do showbiz*

Arrigo — Acredito que a Vânia possa estourar, bem como a Eliete Negreiros. E o Hermelino, então, está compondo umas coisas surpreendentes. Ele tinha o mesmo problema que eu: por ter uma banda *(a Football Music)* e não cantar. Ele teve sucesso através de mim, com a música "Amar É Importante". O problema é que ele ainda não está numa gravadora. Mas eu acho que, de qualquer jeito, eu tenho que entrar no mercado, o Itamar tem que entrar no mercado, e abrir espaço mesmo! Uma coisa que a Tetê poderia ter feito. Porque ninguém vai nos ajudar pela nossa capacidade, talento — muito pelo contrário

BIZZ — *Isso também influenciou na mudança de estilo do novo LP?*

Arrigo — É. Não dá para definir essa mudança como uma coisa única. Eu também comecei a fazer música para mulher, coisa que nunca tinha feito. De repente, me apaixono, faço uma música... Sou fã do filme *A Mulher do Lado*, do François Truffaut, em que a Fanny Ardant tem um caso extraconjugal com Gerard Depardieu e, no final, como não dá certo, ela entra em crise e vai parar no hospital. Aí, ele vai visitá-la e leva um radio de presente. Quando volta e pergunta o que ela tem feito, ela diz: "Tenho ouvido rádio". Ele:

"Que bom, pelo menos você fica ligada com o mundo". Ela: "Não, eu escuto canções banais. Essas canções que todo mundo escuta, que dizem coisas como 'sem você não sei viver', 'quando te vejo a vida é cor de rosa'". Então são várias coisas. Quer dizer, eu criei um estilo novo de composição no mundo, que ninguém tinha feito antes! Podem falar de Frank Zappa, mas ele não fez o mesmo. Pega qualquer maestro para escrever o que eu fiz e o que ele fez. O que eu fiz é completamente diferente de tudo! Depois, eu também consegui fazer valsa muito bem. Não é convencimento, não: *fiz bem!* F* se quem não gostar! Tô fazendo bossa nova legal, balada, rap, *dixieland*, tecnopop, rock... Porra, bicho, eu acho o máximo fazer isso! Sou um compositor — sei compor, e componho *bem!* Dentro do que eu me propus a fazer está tudo muito bem-feito. Isso é uma necessidade de afirmação minha, mesmo. Eu sentia muito preconceito do tipo "Ah, o Arrigo só faz esse tipo de música complicada".

BIZZ — *E você, por falar nisso, ainda pretende trabalhar com informação de música erudita, como em* Clara Crocodilo?

Arrigo — Eu tenho muitas composições guardadas, sim. Se não acontecer uma crise com as gravadoras no ano que vem, eu tenho vontade de fazer um disco instrumental. Mas eu também acho o maior barato fazer o que eu estou fazendo, que é cantar.

Em seguida, Arrigo sobe ao palco e canta. O público dança. E Fausto Silva pergunta se as pessoas acham suspeito.

CABRA CEGA

"Teenager Prostitute", Zappa
Frank Zappa *(rindo)*. Super-reconhecível! Ele trabalha muito com colagem. É rock paca. Clichês de rock sempre presentes. Citações, padrões de rock. Mas um sonzão!

"Is Very Nice pra Xuxu", Mutantes
Não sei o que é. O que é? Mutantes? Eu conheço melhor o segundo disco deles. Que barato! Parece feito agora.

"Arte e Manha", Walter Franco
É brasileiro. Legal *(surpreso)*, muito legal *(pausa em que fica acompanhando a música)*. Uau! De quem que é isso?

"Concerto n.º 3 para piano, Terceiro Movimento", Bela Bartók.
Eu conheço isso aí *(surpreso)*! Esse é o "Concerto n.º 3 para piano", de Bartok. Eu tenho a partitura. Legal para c*. Mas esse não é o começo dele. Deve ser o segundo ou o terceiro movimento.

"Solitude Standing", Suzanne Vega
Gostei *(afirmativo)*. A melodia é meio renascentista. A voz não me é estranha *(escuta quase a música inteira)*. A letra é muito boa. O que é? Ah, Suzanne Vega. A Virginie me mostrou uma fita com outras músicas dela. Gosto muito.

"Alvorada Voraz", RPM
Parece uma coisa meio brega, Sidney Magal. Ou pop japonês.

"Mother", The Police
Legal. Legal *(surpreso)*. Legal. Que legal *(entusiasmado)*! A letra é superlegal também. Um compasso estranho. As vezes cai numa valsa *(cantarola e conta os compassos)*. Dois, e quatro, e sete. Se bem que também parece três, três e um. O que é?

"Garota de Ipanema", Os Cariocas
Os Cariocas, né? Isso é um clássico, puta música genial! Eu escuto Os Cariocas direto *(canta junto)*.

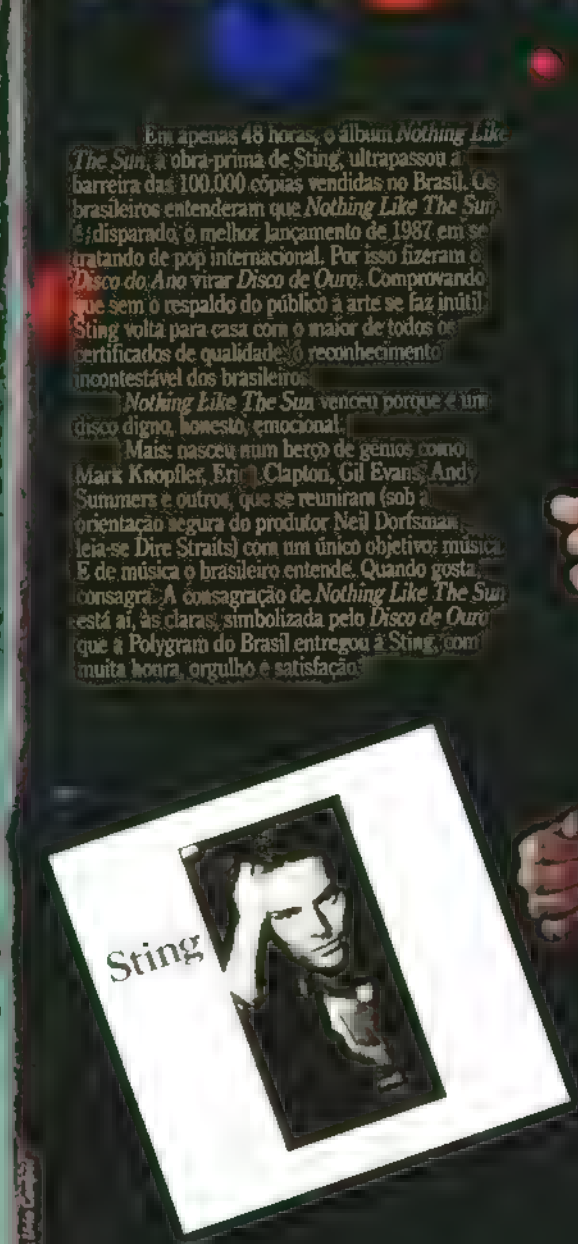
"Everything Is Groovy", Gaye Bikers on Acid
É interessante *(meio desinteressado)*. É punk ou heavy metal?

O Disco do Ano virou Disco de Ouro!

Em apenas 48 horas, o álbum *Nothing Like The Sun*, a obra-prima de Sting, ultrapassou a barreira das 100.000 cópias vendidas no Brasil. Os brasileiros entenderam que *Nothing Like The Sun* é, disparado, o melhor lançamento de 1987 em se tratando de pop internacional. Por isso fizeram o *Disco do Ano* virar *Disco de Ouro*. Comprovando que sem o respaldo do público a arte se faz inútil. Sting volta para casa com o maior de todos os certificados de qualidade: o reconhecimento incontestável dos brasileiros.

Nothing Like The Sun venceu porque é um disco digno, honesto, emocional.

Mais: nasceu num berço de gênios como Mark Knopfler, Eric Clapton, Gil Evans, Andy Summers e outros, que se reuniram (sob a orientação segura do produtor Neil Dorfsman, leia-se Dire Straits) com um único objetivo: música. E de música o brasileiro entende. Quando gosta, consagra. A consagração de *Nothing Like The Sun* está aí, às claras, simbolizada pelo *Disco de Ouro* que a Polygram do Brasil entregou à Sting, com muita honra, orgulho e satisfação.



Em discos e fitas de cromo

PolyGram

METALLICA

A MAIOR BANDA DE GARAGEM DO MUNDO

Foto: Flora Hatfield/Applefoto-Divulg.

É a crítica se curva ao estilo mais odiado de todos os tempos. Por que? José Emílio Rondeau filtra o que há de qualidade na nova geração do heavy metal

Acima, James Hetfield (guitarra), Kirk Hammett (guitarra solo), Lars Ulrich (bateria) e Jason Newsted (baixo). Ao lado, nosso entrevistado.

"Todo dia a gente se encontrava às 6 da tarde começava a beber e metia bronca tocando até as 10 da noite. James trabalhava de dia, eu trabalhava de noite, e aquelas quatro horas eram uma espécie de refúgio de toda aquela babaquice. Nunca houve intenção alguma de se gravar, de se fazer turnês, de se ganhar Discos de Ouro. O barato era estarmos juntos, nos divertindo, tocando *covers* de grupos underground de metal, como Diamond Head e Blitzkrieg. Pelo menos assim tínhamos alguma coisa interessante para fazer." Por mais modesta que possa parecer — *blasé*, até —, a história contada pelo baterista Lars Ulrich é verdadeira e se refere aos tempos em que ele e o guitarrista James Hetfield iniciaram na área da baía de San Francisco, mesmo inadvertidamente uma das bandas mais originais e ferozes da atual geração metálica, o — sem trocadilhos! — Metallica. E aquela velha situação que ocorre em qualquer canto do mundo onde existam adolescentes, guitarras e garagens, mas que, no caso do Metallica, gerou uma faísca especial. Mas, ainda que muitas bandas depositem as memórias desses tempos iniciais num limbo, no esquecimento, o Metallica não apenas retém o frescor da adolescência, como também homenageia a proto-história da banda no recém-lançado EP *Garbage Days Re-revisited*. São cinco faixas arrasa-quarteirão que dizem menos respeito às influências do Metallica do que à atmosfera na qual o grupo foi gerado. "Bem, até certo ponto você pode dizer que este disco é uma geral nas influências do Metallica", explica Lars pelo telefone, de San Francisco, "mas, por exemplo, só ouvimos falar do Killing Joke *(cuja 'The Wait' comparece, sob nova forma, no EP)* muito mais tarde. Digamos que o disco seja mais um tributo àquela era. A faixa de abertura, para você ter uma ideia, é uma das que tocávamos em 81 ('Helpless', do Diamond Head), mas também tem outras coisas um *medley* de duas faixas de um grupo hardcore underground de New Jersey, The Misfits, que acabou em 83; tem 'Crash Course', do Budgie, uma velha banda escocesa dos anos 70... é bem variado... você vê: Killing Joke não é heavy metal mas é heavy e tem vibração."

O entusiasmo autêntico de Ulrich é um dos ases que guarda escondido na manga para apresentar a quem duvide do status do Metallica: uma banda de heavy metal anos-luz à frente da competição descompromissada com os clichês do gênero e de cabeça e ouvidos abertos. Essa característica abertura, somada a uma sonoridade refrescante e diferente da interminável avalanche de metálicos arrivistas e pobres de espírito, rendeu ao Metallica um tipo de admiração e respeito dificílimo de se conquistar fazendo heavy metal: o respeito da crítica. David Fricke, da *Rolling Stone*, enxergou neste novo EP "uma intensidade vulcânica... em *covers* que em alguns dos casos superam as gravações originais". O *Village Voice*, semanário nova-iorquino altamente elitizado, politizado, falou... pasmem — bem do Metallica, quando as palavras que o jornal geralmente reserva ao metal são, no mínimo, de escárnio absoluto. E o *NME*, o templo do esnobismo rock, deu uma de suas capas ao grupo! Sem xingá-lo uma só vez lá dentro. Essa reação ultrafavorável da invariavelmente impiedosa crítica teria espantado Lars?

Espantado? Bom... *(a capa)* não me surpreendeu assim como se fosse o maior barato do mundo, mas, *yeah!* O que posso dizer? É *cool*. Acho que nunca reagimos do jeito que as pessoas achavam que uma banda de heavy metal deveria ser. Somos bastante diferentes de muitas bandas caretas de heavy metal. Acho que é por isso que a imprensa fala bem de nós."

Dificuldades e tragédia não faltaram ao Metallica, durante sua ainda curta carreira. O guitarrista David Mustaine e o baixista Cliff Burton deixaram marcas de início insubstituíveis para, pouco mais tarde, estarem fora do Metallica. David saiu no que parecia uma briga por proverbiais "diferenças musicais" e tornou-se uma das defecções mais comentadas do universo metálico, embora Lars garanta que a beligerância registrada nas revistas e jornais entre Mustaine e o Metallica "seja mais inventada pela imprensa do que real. E não é algo com o que qualquer um do grupo se preocupe". A saída de Cliff Burton, por outro lado, foi mais traumática: ele foi vítima de um acidente com o ônibus da banda em setembro de 86 e foi substituído por Jason Newsted, ex Flotsam Jetsam. É justo no momento em que o Metallica armava um bote em direção ao superestrelato. Tantas cacetadas levariam um grupo, normalmente, a desistir de tudo. Mas este não foi o caso do Metallica. "Não, eu sei que jamais pensamos em desistir", recorda Lars, "e Cliff seria o primeiro a não querer nos ouvir falando sobre uma possível dissolução. Resolvemos levar adiante, até onde conseguíssemos. E a entrada de Jason de alguma forma eu acho que ele nos deu mais unidade... não que antes essa unidade não existisse, mas ele meio que arredondou tudo, deixou nosso som mais amarrado."

Tanto é real esta unidade reforçada que o Metallica está em San Francisco compondo as músicas que farão parte de seu álbum seguinte, a ser gravado em Los Angeles. "Começamos a compor há umas três semanas", disse Ulrich em novembro, "e ainda é muito cedo para avaliar que direção esse novo disco tomará. Só espero que não seja uma coisa que já tenhamos feito nos discos anteriores. Nossa intenção é dar um passo adiante".

ANDY SUMMERS

ENFIM, SOLO...

Ele foi um dos mais importantes guitarristas da new wave. Suas frases econômicas e o timbre tratado pelas pequenas repetições de delay e chorus influenciaram pelo menos 50% dos atuais guitarristas do rock nacional... Mas tudo isso é história, e por isso Summers se recusa a falar sobre o passado. "Me faz sentir como se fosse uma peça de museu", justificou-se ele a Thomas Pappon...

Também não precisava. Seu passado pode ser reconstituído em minutos (uma questão de breves consultas), e o que menos sabemos é justamente sobre seu primeiro LP solo, o A.Z. e a continuidade do Rush Hour. Está com os ceticos pela crítica que acompanhou os poucos espetáculos do grupo por aqui. Mas, ah, *antes* disso, um pouco de história. O inglês Summers começou na música tocando cinco anos de violão clássico. "Toquei todas as peças de Villa-Lobos. Foi uma grande influência para mim. Nessa mesma época aprendi também a tocar bossa nova. Que levada fantástica!" Mais tarde veio a guitarra elétrica e o blues. Começou a fazer nome tocando na última formação dos Animals de Eric Burdon, antes da dissolução deles no início da década de 70. Depois tocou na banda de Kevin Coyne (cantor britânico *mucho loco*, que, aliás, teve discos lançados aqui) e passou a frequentar o circuito londrino de blues e jazz. Em 77, ano do terremoto, foi chamado para substituir Henry Padovani no Police, e o resto é manjado, pelo menos até o fim do grupo em 84.

Summers, assim como seus ex-companheiros Sting e Stewart Copeland, nunca se prendeu ao grupo. Entre férias e momentos ociosos ele gravou dois LPs com Robert Fripp, se dedicou à fotografia (a sua grande paixão) e preparou um vasto material próprio que resultaria no primeiro LP solo. "Fiz o disco em Los Angeles (onde vive atualmente) no ano passado. Na verdade, juntando o tempo em que compus as músicas, fiz os arranjos, etc., levei uns três anos para fazer o disco. Para a gravação, levei quatro meses". Summers gravou no estúdio My House, que pertence aos seus amigos do Devo. A produção foi sua e do tecladista David Hentschel, ex-produtor do Genesis, que também é co-autor de duas músicas. Todas as letras são de Summers, que nos tempos de Police só teve espaço para apresentar umas duas ou três composições suas. Mesmo assim, gozado, algumas músicas de seu LP soam como Police, apesar do método de gravação diverso. "Primeiro gravamos as bases. Alguns bateristas passaram pelo estúdio. Eles simplesmente não soavam tão bem como o ritmo eletrônico. Foi frustrante fazer os tocar do jeito que eu queria, parecia que não dava certo. Acabamos usando apenas a bateria eletrônica. Mais tarde adicionamos percussão acústica, tocada por Michael Fisher, o baixo fantástico de Abraham Laboriel e alguns vocais femininos".

O disco demorou para ser lançado e trabalhado pela gravadora. Summers chegou a fazer uma turnê promocional de seis semanas pelos EUA, mas as coisas não correram como ele queria. "Senti que a gravadora poderia ter me dado mais apoio nos EUA. Fiz bons shows, as críticas foram muito positivas. Mas se as músicas não são trabalhadas nas rádios a coisa fica difícil. Você acaba gastando dinheiro quando vai tocar ao vivo". Pelo menos ele teve o clip de "Love is the Strangest Way" (carro-chefe do LP) bem executado na MTV. O vídeo foi feito em Londres, com direção de Gerry Casale, guitarrista e diretor de todos os vídeos do Devo. A concepção veio de Summers, que se inspirou nos filmes de uma cineasta americana da década de 40, que, segundo Summers, "fazia filmes surreais na California" (ele não conseguiu se lembrar do nome dela). A fita que chamou a atenção do guitarrista foi *Mashes of the Afternoon*, que "tem várias sequências filmadas numa praia, e uma delas tem uma festa estranha'. Foi daí, dessa coisa de falta de comunicação entre as pessoas, que surgiu a ideia de festa no clip".

Com o disco lançado, Summers foi convidado por "um famoso cantor britânico" (não quis revelar o nome) para formar uma banda. "Meu empresário sugeriu então que chamássemos o Stewart para tocar com a gente. O grupo não deu certo, mas a ideia de tocar junto com o Stewart de novo foi grande. Estávamos loucos para subir num palco. Precisávamos de um baixista e Stewart conhecia o Stanley Clarke, que tinha uma turnê marcada para o Brasil. Vimos que essa era a oportunidade que precisávamos para experimentar uma nova banda. Aí chamamos a cantora (Debra Holland), que compõe muito bem". Assim surgiu o Rush Hour, para uns uma surpresa agradável, para outros, uma linha de passe formada por grandes craques que nunca jogaram juntos. De qualquer modo, eles estão apenas no começo. "Tivemos praticamente uma semana de ensaio e demos um duro danado. Só na quarta noite de show é que acho que não houve erros. Mas é isso que considero excitante na música. Nada é definido. Cada noite é uma situação diferente que você enfrenta". Se depender da resposta do público, o grupo vai longe. "Rolou muita energia. O público foi fantástico. Estamos animadíssimos para seguir em frente. De volta aos EUA, certamente vamos começar a pensar em disco".

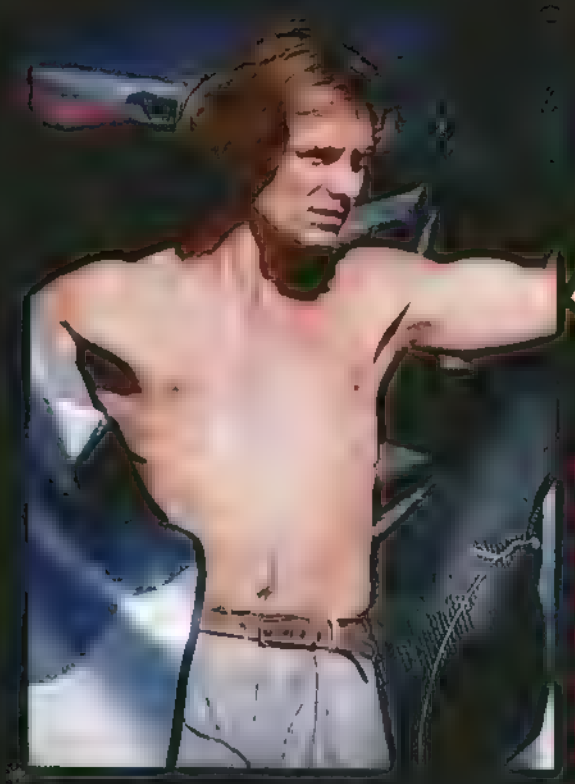
Thomas Pappon

Stamp
U2
MICHAEL JACKSON
CUETO
BEATLES
NOVA CAMISETA!
ALTA QUALIDADE
NOVAS ESTAMPAS!
LANÇAMENTO
CAMISETAS
MALHA ESPECIAL
Preço: Cz$ 960,00 cada camiseta.
Preço válido até a próxima edição da revista BIZZ
ATENÇÃO
GRÁTIS
DESCONTO 10%
Enviando CHEQUE NOMINAL ou VALE POSTAL à STAMP, ganhe 10% de desconto no valor total do seu pedido (qualquer quantidade). Preencha o Cheque ou Vale Postal já com o valor calculado. Para enviar Vale Postal, é só pedir um em qualquer agência do correio e preencher os seguintes dados: AGÊNCIA PAGADORA: SHOPPING CENTER NORTE - CEP 02305 - CÓDIGO 403380 - SÃO PAULO - SP - DESTINATÁRIO: STAMP. Coloque o VALE POSTAL junto com seu pedido dentro de envelope endereçado por fora o endereço da STAMP. (sem endereço no cupom ao lado).
TEL. (011) 299-7478
HORÁRIO: 2.ª a 6.ª das 8:00 às 17:30 hs.
Estou enviando agora junto com este cupom, pagamento à vista em
Cheque
Vale Postal no valor de Cz$
Prefiro pagar ao recebê-los! comprometendo-me a retirá-los no correio ao preço de Cz$ mais despesas postais.
REF
COR
TAM
Nome
End
Cidade
CEP
Envie este cupom ou cópia para STAMP Rua Emb. João Neves da Fontoura 356 CEP 02013 Santana São Paulo SP

STING

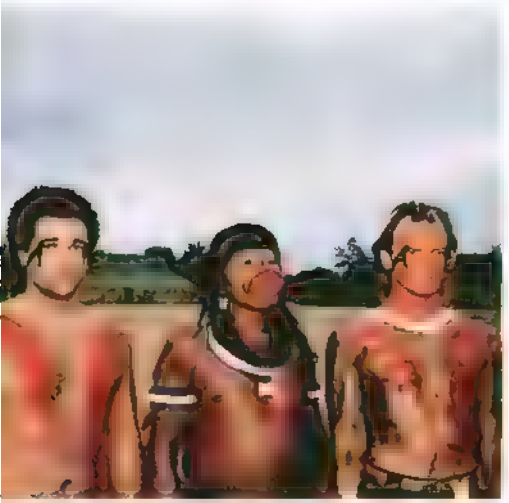
AO VIVO ESPECIAL Globo Concert

BRASIL TOUR 87



Nosso incansável repórter itinerante Jean-Yves de Neufville acompanhou toda a turnê nacional de Sting, e ainda entrevistou o homem, o grupo brasileiro que abriu seus shows com garra e competência — o Capital Inicial — e, de quebra, uma figura muito especial flagrada nos bastidores: Peter Gabriel

No Alto Xingu, Sting (com Mino Cinelu) é recepcionado pelo cacique Raoni: "Foi a experiência mais maravilhosa que eu tive em minha vida"



honesto. Ao final dessa canção, Sting sempre encaixa o refrão de "From Me To You", o clássico dos Beatles. Final da primeira parte do show;

"Roxanne" Na canção mais aclamada em todos os shows, Sting tece uma parceria brilhante com o saxofonista Steve Coleman. Dá para matar saudades dos bons tempos do Police;

"Fortress Around Your Heart", Uma das composições mais fortes do album *The Dream Of The Blue Turtles*, agora totalmente transformada pelas mãos do percussionista Mino Cinelu. Ficou muito mais "Latina"

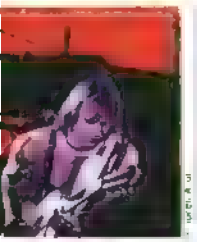
"Consider Me Gone";

"Don't Stand So Close To Me". Mais uma do Police que levantou sistematicamente a platéia em todos os shows. Fim do show

Para fechar o espetáculo, Sting volta sozinho com uma guitarra para interpretar "Message In a Bottle", sua assinatura incontestável

Em todos os shows, Sting provou que é mestre na arte de dosar os momentos de pique com as partes líricas e mais intimistas ("Bring On The Night" é o melhor exemplo), sem esquecer seu talento de ator-sedutor, mostrando como se tira paletó com estilo, expondo seu torso musculoso apenas escondido pelos suspensórios, para o deurio das moçoilas afoitas. Para cativar mais ainda a platéia, ele sempre apresentou suas canções em português, o que raros artistas estrangeiros fizeram em suas apresentações no Brasil.

Apesar de tantas mudanças (provisórias?) de musicos, a musica de Sting não se afasta da fórmula que deu certo com a turnê *Bring On The Night* e o LP que a seguiu. Permanece o coquetel pop/folk/rock com jazz/blues e reggae injetados por mãos negras. A única novidade é o *come-back* aos anos 70 — uma tendência que predomina no rock/pop atual — com a retomada dos tradicionais solos uivados da guitarra Zion de Jeff Campbell, Sting ficando com sua clássica Gibson "Chet Atkins" branca (para interpretar "Fragil", por exemplo) que ele troca por uma Paul Reed Smith preta quando a canção exige mais densidade. Sting ainda recorre a um teclado Roland colocado à frente do microfone para introduzir as bases me-



Sting e a guitarra, para o "Message" final

STING: CÉSIO & IMPRENSA NÃO; XINGU SIM

Na noite de 5 de dezembro, pouco antes de iniciar a primeira apresentação paulista, Sting falou sobre a turnê:

BIZZ — *Você esta numa situação parecida com aquela que aconteceu em 85 quando você iniciou a turnê* Bring On The Night. *Você precisa rodar uma banda totalmente nova, já que apenas Kenny Kirkland permanece fiel ao posto*

Sting — A turnê esta apenas começando. Então, o que tenho a fazer é muita disciplina. O show dura mais de duas horas e os musicos ainda estão se entrosando. Assim, toma um certo tempo até perceber o que funciona, o que não funciona. A cada nova apresentação altero alguma coisa, mudo a ordem de entrada de uma musica, tento equilibrar o ritmo geral do show. É uma experiência muito excitante .. Tantas coisas diferentes acontecem, surpreendem

BIZZ — *Como você avalia o comportamento de seus musicos ate agora?*

Sting — Sei que são as pessoas certas para o show que eu quero fazer.

BIZZ — *Você viajou recentemente ao Xingu*

Sting — Foi a experiência mais maravilhosa que eu tive em toda a minha vida. Encontrei com homens aparentemente primitivos que, no entanto, são mais civilizados que a gente sob muitos aspectos. Eles possuem uma vida espiritual muito intensa. Os índios são uma parte essencial da cultura brasileira. Deveriam dar mais atenção a eles e protegê-los. Eles são patrimônio da humanidade, muito mais que Brasília, por exemplo

Na manhã em que fui embora de lá, fui abordado por pessoas que haviam fugido de Goiânia por causa da radiação. E chamam isso de progresso do seculo

BIZZ — *Você é um dos raros artistas do mundo do rock a demonstrar interesse pela situação dos países do Terceiro Mundo*

Sting — Tenho 36 anos. Não sou mais uma criança. Escrevo canções sobre as coisas que eu acho importantes. Não ligo para carros, namoradas, discotecas , Leio livros, jornais, me interesso por politica, psicologia. E meu trabalho esta diretamente alimentado pelo que acontece no mundo. Não há nenhum conflito nisso.

BIZZ — *Alguns setores da imprensa, aqui em Soo Paulo, criticam sua postura humanista, considerando-a ultrapassada, e suspeitando de um certo oportunismo de sua parte ..*

Sting — O que eles dizem nesse jornal (ele pega a Folha de São Paulo) são conjeturas, suposições. Eles escrevem coisas que acham que sabem, mas na verdade não sabem. Eu me conheço como pessoa. Eles apenas tentam adivinhar Então, não dá para leva-los a sério. Aliás, falando nesse jornal, o que foi que noticiaram da minha viagem ao Xingu? O que escreveram a respeito? Nada! O que esse jornal fez para melhorar o mundo recentemente? Eu gostaria de saber antes que eles me criticassem

BIZZ — *Mudando de assunto, soube que você esta montando sua propria gravadora independente ,*

Sting — Sim. Chama-se Pangea Records. Miles Copeland (empresário de Sting e dono de outra gravadora, a IRS) está me ajudando nisso. É um selo bastante especializado que vai reunir musicos de talento, gente como Steve Coleman, o saxofonista, ou Mino Cinelu, o percussionista. É um *label* que não tem uma vocação diretamente comercial. Eu não assinaria com o Duran Duran, por exemplo... (risos)

BIZZ — *Será totalmente independente? Ou dependerá de outra gravadora maior?*

Sting — Será distribuido por uma gravadora importante. Nos Estados Unidos será a MCA. A pessoa que está organizando tudo isso é Christine Reed, que trabalhava antes para a CBS Masterworks, o departamento especializado em musica classica e jazz daquela companhia.

BIZZ — *Tudo isso é recente?*

Sting — Começamos agora. Os primeiros resultados deverão aparecer já em 88.

ódicas das canções.

O show do Maracanã foi um desafio que deu certo, tanto para Sting como para os rapazes do Capital Inicial, escalados para abrir os shows da turnê brasileira. Deram o recado e saíram aclamados por mais de 100 mil pessoas. O sonho de muitas bandas de rock explodiram.

BELO HORIZONTE, ESTÁDIO SETE DE SETEMBRO (24/11)

A quieta e pacata capital mineira parecia indiferente ao evento anunciado nos cartazes como "o show do século". A rotina dominante acabou contagiando as duas bandas e suas respectivas equipes que chegaram ao estadio, passaram o som e se concentraram nos camarins, tudo no horário certo. Destoava desse ambiente sereno o impressionante esquema policial armado com 750 homens fora e 400 dentro do estadio, revistando todas as pessoas que entravam.

A rotina terminou quando um dos transformadores instalados ao lado do palco quebrou, por volta das 19h30, o que atrasou o inicio do show por 45 minutos. Dinho e sua gangue tiveram que dar um show corrido, espremidos pelo horário. Um *set* rápido que conseguiu levantar as 40 mil pessoas presentes.

A musica de Sting teve uma repercussão forte sobre os mineiros (sobretudo as partes mais líricas), que acendiam uma multidão de isqueiros no escuro. "Fragil", pela primeira vez dedicada aos goianos, em referência ao acidente radioativo, poderia ter sido escrita por Milton Nascimento... Uma ideia que surgiu diante da forte sintonia estabelecida entre a platéia e os musicos, que por sua vez atuaram de forma mais entrosada. No ônibus que levava a banda de volta ao hotel, Mino Cinelu sugere que a "mensagem na garrafa" cantada por Sting no ultimo bis deveria ser mais explicita. Como solução, propõe que os musicos voltem ao palco com verdadeiras garrafas de champanhe

BRASÍLIA, ESTÁDIO MANÉ GARRINCHA (28/11)

Que tipo de recepção reservava a capital política do país ao primeiro concerto de rock [illegible] desse nome a acontecer por ali?

Quando as equipes tecnicas chegaram na [illegible] da quarta-feira 25, foi constatado que o hotel previamente escolhido havia simplesmente "esquecido" de efetuar as reservas, obrigando os viajantes a esperar por uma vaga. Uma espera desgastante que durou para alguns ate as 3 da manhã. O hotel foi trocado por outro no dia seguinte.

No dia do show, o tempo foi uma ameaça constante. Enquanto a rapaziada do Capital Inicial ensaiava alguns acordes após um temporal de 45 minutos que desabou a partir das 17 hs, Sting e banda chegavam dire-

CAPITAL INICIAL: A VOLTA POR CIMA

Loro e Dinho, vencendo o "pavor"

Enquanto Sting escolheu o Rio de Janeiro como base para as suas investidas brasileiras, Dinho, Fê Lemos, Flávio Lemos, Loro Jones e Bozo Barretu sempre voltaram para São Paulo onde teceram alguns comentários a respeito dessa turnê inédita para um grupo brasileiro, que estava chegando ao fim.

BIZZ — *Quais eram suas expectativas antes dessa aventura começar?*

Dinho — Nossa primeira reação foi recusar. Tínhamos tantas duvidas em relação ao tamanho do palco para o show no Maracanã, não tamos poder dispor nem das luzes, nem do P.A, nem do som do Sting. O compromisso era grande demais.

Fê — As condições eram outras. Não foram cumpridas.

Flavio — Eu estava confiante. Nunca imaginava que o show de Sting seria tão bom.

Fê — A grande duvida era como nós iriamos nos comportar e como o público iria reagir.

Loro — Para Sting também a expectativa era diferente. Todo mundo esperava as feras do *Bring On The Night.*

Bozo — Discordo. Os caras que vieram também são feras.

Loro — Deixam a desejar. .

Dinho — Não é o caso de comparar

Fê — Se eu for me comparar ao baterista, não toco mais.

BIZZ — *Contem como foi o show do Maracanã para vocês. .*

Dinho — Um pavor. Foi uma conquista e uma vitoria. A gente venceu os intestinos.

Flavio — Conseguimos segurar O publico pediu bis. A gente se saiu bem.

Dinho — Tocamos para mais pessoas de uma só vez do que em toda a nossa carreira.

Loro — Foi uma experiência muito importante. Aprendemos também com a equipe do Sting. São profissionais de alto nível.

Dinho — Aprendemos a ser pontuais, por exemplo.

Loro — Tudo! Essa eficiência é o resultado de muito trabalho.

Bozo — Quando a chuva ameaçou em Brasília, perguntei se tinhamos lonas para cobrir os intrumentos. Não tinhamos. Em compensação, a equipe de Sting tinha lona suficiente para cobrir o material deles e o nosso.

Fê — Senti inveja do domínio que eles têm dos intrumentos — dá vontade de progredir Mas estamos queimando etapas, já estamos chegando lá. Daqui pra frente, a concorrência não vai ser mais com Titãs ou Legião Vai ser com Bolshoi, Pretenders...

Bozo — Desde o Maracanã, tivemos que encarar a antipatia dos gringos.

Flavio — Eles são muito antipáticos!

Bozo — Meia-hora antes do show, não sabíamos de que infraestrutura a gente ira dispor

Loro — Eles não estavam nem aí. Não davam espaço. Depois do Maracanã, mudou demais. Em Belo Horizonte, eles começaram a respeitar a gente porque viram a reação do publico.

Dinho — Foi grosseria. Ainda bem que mudou aos poucos.

Loro — É uma pena que nos tenham tratado dessa forma. Aos poucos perceberam que o povo brasileiro é amigavel, receptivo.

Bozo — Em Porto Alegre, vieram cumprimentar a gente por ter entrado debaixo da chuva.

Loro — Ai eu pergunto: E eles? entrariam debaixo daquela chuva? Mesmo naquelas condições, demos o recado. Aliás, temos um outro mérito. Quando Sting sobe no palco, ele encontra uma platéia já ouriçada. Nossa duvida era saber se Sting concordava mesmo em ter uma banda abrindo para ele.

Fê — A banda que abre é boi-de-piranha! A queima de um transformador em Belo Horizonte atrasa tudo! É culpa do Capital Inicial!

Loro — Em Porto Alegre, quase danificamos todo o nosso equipamento. Fomos forçados a parar Tudo bem. Atrasamos o show de Sting.

BIZZ — *E como foi o show em Brasília?*

Fê — Foi o pior lugar. Na nossa casa! Me senti mal. Todo mundo chegou atrasado.

Loro — O pessoal de Brasília deu um vacilo. Lá, nunca acontece nada. Quando acontece, o pessoal dá para trás. O publico de lá não entende, não sabe o que é. Eu já tinha essa opinião formada quando eu morava lá.

Fê — Gosto de Brasília. Ao mesmo tempo odeio. É o interior de Goiás

Loro — Uma fazenda asfaltada

BIZZ — *E as reações da imprensa?*

Fê — A Folha de São Paulo afirmou que a gente não deveria ter dado esses shows e sim os Titãs ou os Paralamas. É uma postura fascista: os caras são ruins, têm de ir pro paredão. É triste ver um jornal que se diz democrático ter opiniões de direita. Sobretudo se o show é bom e as pessoas saem satisfeitas...

Torso nu e suspensórios: concessão para as moçoilas

tamente do Rio, aparentemente despreocupados. Para se proteger da chuva, o público (30 mil pessoas) escondia-se debaixo da lona que recobria o gramado.

O Capital Inicial estava com a corda toda. Duas músicas foram acrescentadas ao programa para brindar a terra natal. As 20 hs em ponto, Dinho empunhava o microfone para eletrizar uma platéia conquistada de antemão, que começou a empurrar perigosamente o alambrado que a separava do palco.

Tomando certa distância, era possível perceber que a energia estava toda concentrada em volta do palco. Mais para trás, muita gente passeando, conversando e prestando uma atenção condescendente ao evento. Muitos espaços vazios nas distantes arquibancadas e até no gramado denunciavam o desinteresse. Vazios que não foram preenchidos quando Sting atacou de "Lazarus Heart", iniciando um show impecável de 2 horas e 15. O momento hilariante do show aconteceu quando ele dedicou "Fragil" a todos os goianos. Boa parte do público respondeu erguendo isqueiros. Mas houve quem gritasse "Goiano não! Brasiliense!", indignado.

***

Domingo 29. Enquanto a banda se dirigia ao aeroporto para voltar ao Rio, base de toda a turnê, um taxi aereo levantava vôo em direção ao Xingú. A bordo, Sting, sua mulher Trudy, Mino Cinelu e o cineasta belga Jean-Pierre Dutilleux. Este último é conhecido como autor do documentário *Raoni* (78) e do video *The Rhythmatist*, de 85, inédito no Brasil, com trilha sonora composta pelo ex-Police Stewart Copeland (o mundo é pequeno...).

Uma viagem carregada de simbolismos, rituais e iniciações. No posto Leonardo Villas Boas, alto Xingú, a comitiva foi recebida pelo índio Megaron Txucarramãe e depois apresentada ao índio Sapaim, que deu um concerto ao cair da noite com suas flautas de madeira. Mágico. No dia seguinte, após mil peripécias que expuseram os homens brancos a cobras, aranhas e onças, dava-se na aldeia Iawalapiti o encontro histórico de Sting com os caciques Aritana e Raoni, cercado pelo tradicional ritual de cantos e danças. Raoni afirmou em várias oportunidades que os índios não querem perder sua terra, seus costumes, sua cultura, nem querem guardar dinheiro vendendo madeira ao branco. Sting respondeu que ele nunca tinha visitado um lugar onde o povo fosse tão feliz como esse, e que os homens brancos têm inveja dos que são mais felizes do que eles. Na mesma cerimônia, Sting e Mino Cinelu foram pintados com urucum. Mino improvisou uma percussão com algumas panelas para acompanhar Sting, que cantou "Fragil", assustando os índios que não entendiam como aquele homem branco que não falava português, conseguiu cantar naquela língua.

O quarto show que Sting deu no Brasil foi sem dúvida, o mais fascinante de todos.

PORTO ALEGRE, ESTADIO OLIMPICO (02/12)

No ônibus, Sting conta eufórico sua viagem ao Xingu, repetindo em diversas oportunidades que foram os momentos mais intensos da vida dele. Euforia que contrasta com a tipóia que esta prendendo seu braço e a presença de dois médicos chamados às pressas na véspera para cuidar da articulação inflamada. Nada grave, mas Sting não tem certeza de poder tocar guitarra. Para completar o panorama, um toró desaba sobre a cidade gaúcha no exato instante em que o ônibus da banda chega ao estádio. Não surpreende que o show tenha sido cancelado varias vezes. Enquanto todos aguardam uma definição de São Pedro, eis que o Capital Inicial — que não tem medo de nada — sobe bravamente ate o palco para cumprir sua parte do programa. São 21 hs. A chuva esta cada vez mais intensa, a água começa a cair sobre os instrumentos, o risco de eletrocução e grande. Tudo diante de 60 mil pessoas ensopadas que não acreditam no que estão vendo, e incentivam a banda o quanto podem. Missão cumprida, Dinho e banda recebem aplausos não somente do público, mas também dos integrantes da equipe técnica de Sting, que ate então havia sido bastante fria e distante.

Finalmente a chuva para. Mesmo assim, Sting inicia o show (às 23hs05, levando no bolso um bilhete onde esta escrito o que ele deve dizer em portugues em caso de novo temporal. Felizmente, o tempo vai permitir a banda executar um show do mais alto nível. Tudo terminou às 1h15 da manhã e ninguém entre aqueles que assistiram ao espetáculo pode dizer que deixou de lavar a alma naquela noite.

SÃO PAULO, PARQUE ANHEMBI (05 E 06/12)

Sampa. Metropole. Poluição. Engarrafamentos. Preção. Agressão. Quando Sting iniciava às 15 hs a passagem de som, foi interrompido por uma maré, uma centena de fãs que romperam o esquema de segurança numa das portas de acesso à área. "Vocês me fazem um favor? Voltem para a casa e me deixem trabalhar!", gritava ele em inglês. Ninguém entendia. Pouco depois, trinta seguranças da Fonseca's Gang formava um cordão de isolamento e empurravam a turma para um dos cantos da área. Mas já era tarde. Se cada um dos músicos havia acertado mais ou menos seu instrumento com a mesa de som, a equalização geral teria que ser feita no início do show.

O resto do dia é passado no hotel. Quando o ônibus chega ao Anhembi, o Capital Inicial já está no palco. Por todos os lados os seguranças passam carregando pessoas desmaiadas. No camarim o ambiente é tenso e Mino Cinelu, o brincalhão da banda, tem que se desdobrar para levantar o astral.

Tudo acontece como um ritual burocrático. É fácil perceber que, em relação aos outros shows, os músicos estão desentrosados. Falta aquela centelha que fez a coisa pegar fogo no Rio ou em Porto Alegre. Mas o público parece não perceber. Último bis, "Message In a Bottle", a banda corre até o ônibus. A caminho do hotel, Sting grita. "Afinal, somos ou não profissionais?". Silêncio pesado. Terminado o trajeto, Kim Turner, o *manager*, anuncia: "Todos os músicos estão convocados no apartamento de Sting as 0 h 30. Reunião as 2 hs, Kenny Kirkland, Marvin Smith, Mino Cinelu, Steve Coleman e Delmar Brown saem do hotel sem fazer comentário nenhum. Eles vão a pé até o apartamento de Dinho — que mora a uma quadra — onde esta rolando uma festa memorável.

***

6 de dezembro. Desta vez, a passagem de som foi feita as 11 hs 20 da manhã. Os músicos, que ficaram recolhidos durante o resto do dia, se preparam. Ha uma forte motivação no ar, incentivada pela presença de Peter Gabriel no saguão do hotel. Peter, visivelmente cansado, acompanha a equipe e vai assistir ao show ao lado do palco.

Parece que o pito passado por Sting na vespera deu resultado. Para este último show da turnê brasileira, o cantor acrescentou ao programa "If You Love Somebody Set Them Free" e se permite até então "Get Up Stand Up", o hino de Bob Marley, no meio do quase-reggae "History Will Teach Us Nothing". Musicalmente, uma evolução nunca aconteceu no decorrer dessa série de shows brasileiros. Aos poucos, a percussão e a bateria deram tonalidades cada vez mais latinas, ritmos com fortes influências da América Central, que remetem a trabalhos como o de Carlos Santana, por exemplo. Quando os músicos conseguiram se entrosar como nessa última apresentação, a mistura sempre pegou fogo...

Mr. Sting e banda: Campbell, o cara-pálida; Cinelu, o parisiense; Coleman, o substituto-à-altura, e a "boa de baixo" Tina

PETER GABRIEL: CRUZANDO FRONTEIRAS

Gabriel, nos bastidores: no ritmo da Anistia

Na noite do último show de Sting em São Paulo, Peter Gabriel estava no camarim, cansado da viagem, aguardando o início da apresentação. Era impossível perder aquela oportunidade única de falar com um dos homens mais respeitados do mundo do rock. Com gentileza, ele aceitou responder a algumas perguntas.

BIZZ — *Qual é o objetivo de sua visita ao Brasil?*

Peter — A turnê mundial da Anistia Internacional, prevista para o ano que vem, e que deverá chegar ao Brasil em setembro e outubro de 88, vai ser anunciada aqui em São Paulo na próxima quarta-feira 9. Sting, Youssou N'Dour, da África, Milton Nascimento e eu mesmo estaremos reunidos para apresentar este ambicioso programa a imprensa mundial. Essa turnê em prol dos Direitos Humanos é da maior importância. Ate mais que aquela da qual participei no ano passado com U2, Bryan Adams, Lou Reed e outros. O objetivo é induzir as pessoas a exigirem seus direitos básicos diante de seus respectivos governos. Direitos tais como a liberdade de expressão, e outros como o direito à alimentação, à educação, por exemplo. E isso deve ser visto como fundamental. Essa serie de concertos deve alcançar países como a União Soviética, a China, a África, a India, alem do Brasil. O rock é a primeira forma de expressão moderna realmente universal. As pessoas no mundo inteiro se identificam com ele. Não acredito que possa mudar o mundo da noite para o dia, mas você pode chamar a atenção das pessoas para uma série de ideias que seguem depois seu caminho. É muito excitante.

BIZZ — *Existe uma geração de grupos ingleses que derrubou de vez as fronteiras culturais, de duas maneiras: no campo musical, incorporaram influências e sonoridades do Terceiro Mundo. No campo político, passaram a ter um discurso que diz respeito a um número crescente de pessoas. As fronteiras de seu país ficaram muito estreitas?*

Peter — Eu gostaria que elas fossem totalmente suprimidas. Escuto muitas coisas do mundo inteiro muito interessantes. E ainda acho que conheço poucas coisas. Se você se limitar a escutar apenas uma única formula, a coisa começa a ficar incestuosa, e após um tempo ela se torna muito chata. É um princípio básico da genética. Quanto mais você mistura influências bastante diversificadas, mais o resultado obtido vai ser saudável e vital.

BIZZ — *Assim como você fez em seu mais recente LP, So, repleto de influências africanas e brasileiras.*

Peter — Sim. Alias, a base rítmica da faixa "Mercy Street" foi gravada no Rio de Janeiro.

BIZZ — *Você está trabalhando em um novo álbum?*

Peter — Estou preparando a trilha sonora de um filme bíblico de Martin Scorsese, *A Paixão* (no qual Sting vai interpretar o papel de Pôncio Pilatos), filme que ele esta tentando realizar há muitos anos. É uma experiência muito especial.

BIZZ — *O que você acha da atual situação econômica e política do Brasil?*

Peter — Acho que as coisas aqui estão por demais prostradas. Não consigo entender como o Brasil, que possui tantos recursos e riquezas, tem 70% de sua população passando fome. Acho que o país precisa de algumas reformas radicais para acabar com essa situação.

BIZZ — *Você acha que a música pode mesmo ajudar a mudar essas coisas?*

Peter — Acho que se muitos jovens assistirem a esses shows, uma comunicação essencial acontece. Cada vez mais eles vão sentir que outras pessoas pensam como eles, sentem as coisas como eles. Assim eles podem começar a construir um universo emocional bem maior. As mudanças começam por aí. Não de forma direta e brutal. Uma influência que se dá de maneira lenta e irresistível.

BIZZ — *Você é uma pessoa muito ativa. Não passa uma semana sem que seu nome apareça em alguma lista de artistas participando de alguma atividade beneficiente.*

Peter — É sempre assim... Quando você bota o dedo nessa engrenagem não ha como escapar de mil outras solicitações. Você não para mais. Hoje na Inglaterra existem mais de 300 associações que lutam em prol dos Direitos Humanos sob as mais diversas formas. Tento reservar para mim pelo menos dois meses por ano, mas e muito difícil.

BIZZ — *Quando vamos ter o prazer de ver um show seu no Brasil?*

Peter — Com certeza em 88.

A entrevista se encerra quando Paulo Ricardo surge para cumprimentar o cantor inglês... Emocionado, o líder do RPM se transforma no mais humilde dos fãs.

HOMENAGEM A JACO PASTORIUS

Small Band. Dennard (bateria), Bullock (guitarra) e o tecladista Delmar Brown, ao fundo

Fé na humanidade

Lone Star Cafe (Nova York) 04/11/87

Dizem que o som do baixo não é o mesmo desde que Jaco Pastorius começou a tocá-lo. Que ele deu ao instrumento novas dimensões, possibilidades que ninguém tinha imaginado em 25 anos de rock e muitos mais de jazz. Mas dizem também que Jaco era uma pessoa destrutiva, que dificilmente lidava com o mundo a sua volta e consigo mesmo. Os que o conheciam não ficaram surpreendidos com sua morte. Chocados e pesarosos, mas já esperando por algo assim. Jaco morreu numa briga besta à porta de uma boate, deixando quatro filhos, o mais novo com 5, o mais velho com 16 anos. Para essas crianças, os amigos decidiram dar um show beneficente.

O Lone Star Cafe é um lugar pequeno, que há onze anos consecutivos, todas as noites, apresenta música ao vivo. Muito country e jazz, jazz-rock e algum rock'n'roll. Jaco tocou lá milhões de vezes com seu último trio — Kenwood Dennard na bateria e Hiram Bullock na guitarra. A exceção do pouco espaço, um lugar muito certo para a homenagem. Uma enorme fotografia de Jaco foi pendurada na parede de fundo. A família estava presente. O ambiente era quase religioso.

Claro que o jazz tem uma vitalidade e uma alegria que mesmo um tributo desse tipo depressa ganha animação. A primeira banda, The World of Mouth Big Band, era uma big band mesmo. Mais de vinte músicos se comprimindo num espaço bom para cinco, tocando sem nunca terem ensaiado. Mas a improvisação do jazz torna uma situação dessas interessante. Os trompetes de Jerry Gonzales e Miles Evans (filho de Gil Evans) solaram juntos e separados. Randy Brecker estava inspiradíssimo no trompete. E Will Lee deu uma mostra do que é o baixo pós-Jaco. Mas o melhor estava por vir. A segunda parte do espetáculo foi a Jaco Pastorius Small Band, com os músicos que mais tocaram com ele, inclusive Bullock e Delmar Brown. Kenwood Dennard revezou na bateria com Ricky Sebastian, que aliás foi quem organizou tudo. Vou lhes dizer uma coisa: Dennard é o melhor baterista que jamais ouvi ao vivo. Quando ele pega nos sticks a gente sente imediatamente uma vibração no espaço, mesmo antes de todo o ritmo se desdobrar nos ouvidos. Não é uma questão de tocar melhor ou pior, é algo acima dessa qualidade.

Então, estava eu vibrando quando senti um zum-zum do meu lado. Virei e dei de cara com Sting. Sozinho numa boa, bebendo cerveja e vendo o show num dos monitores de vídeo pendurados por toda parte. Em qualquer outra cidade a aparição de Sting, assim no meio da plebe, deve ser o suficiente para provocar um motim, mas não em Nova York, onde ser cool é indispensável .. E a música lá em baixo corria entre o espetáculo constante de Delmar e a guitarra inacreditável de Bullock.

As pessoas segredavam que Sting iria tocar, mas não aconteceu. Na terceira parte voltou a big band e ele se evaporou. Mas foi uma grande noite. É sempre um privilégio ouvir bom jazz. E pessoas como Jaco Pastorius devem ser homenageadas pelo legado que deixaram. E, finalmente, Sting mostrou que, apesar do sucesso, continua sendo uma pessoa normal — uma coisa dessas, não sei por quê, sempre nos faz sentir que a humanidade ainda não está completamente perdida.

José Nogueira

RUSH HOUR

Trânsito lento

Projeto SP 12 a 15/11/87

Um evento anunciado como a estréia da banda mais impossível do mundo, no espaço mais impossível de Sao Paulo. Esta foi a atração de inauguração do novo Projeto SP. Quanto ao espaço, não era tão impossível assim, haja visto outras casas paulistas que foram inauguradas igualmente semi-acabadas, com problemas de organização e de som.

Quanto à banda, tudo foi possível, ou melhor, permitido. Seu nome é (era?) Rush Hour (?). Quando e como surgiu? É simples: devido às suas vindas anteriores ao Brasil, Stanley Clarke, pilotando seu *lead bass*, conseguiu um verdadeiro séquito de fãs de suas firulas no instrumento. Como ele estava em Los Angeles terminando seu último disco, ao ser convidado para vir novamente para cá, decidiu chamar Copeland (que participava das gravações). Este, de quebra, trouxe Summers e, para os vocais, foi recrutada Debra Holland, uma obscura cantora do circuito local. A expectativa era grande. Como seria a estréia mundial desta banda, na qual figuravam dois terços do finado Police? Um detalhe: tudo isso a uma semana de Sting baixar por estas paragens.

Um ponto baixo do show: a deprimente versão de "Don't Stand So Close to Me", do Police

O aparente oportunismo foi agravado pela frustração que adveio com o show. Motivos não faltaram para isto: o repertório baseado nas fracas composições de Debra e em surrados temas que misturavam ecos do Police com clichês de jazz rock, os vocais limitados e teclados inexpressivos da cantora (quase sempre afogados pelo banho instrumental que levava de seus colegas) e até mesmo as conclamações, dignas de um grupo heavy de arena, que eles dirigiam à platéia, tentando fazê-la cantar e bater palmas.

Stanley assumiu seu papel de *band leader*, usando e abusando de seus malabarismos no baixo. Stewart com discrição, mostrou sua habitual competência e criatividade com as baquetas. Já Andy preferiu travar intermináveis duelos de solos com Clarke, em vez de destacar as harmonias simples e eficientes que celebrizaram sua guitarra nos tempos do Police.

Se o trânsito estava engarrafado pelo grande volume de carros nas estreitas ruas da Barra Funda, na saída do show, lá dentro, em cima do palco, o congestionamento sonoro foi total.

Celso Pucci

RY COODER

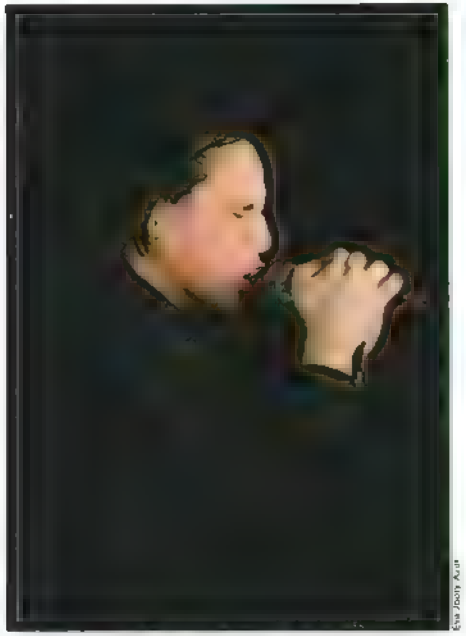
Feras à solta

The Palace (Los Angeles) 29/10/87

O evento era político, parte da campanha *NoOil*, contra a construção de sondas petrolíferas na região costeira de Malibu (limite oeste de Los Angeles). Mas a seriedade da ocasião não impediu que Ry Cooder e sua banda — Van Dyke Parks (teclados), Jim Keltner (bateria), Jorge Calderón (baixo), Flaco Jimenez (acordeom), Steve Douglas (sax), mais os vocalistas Bobby King, Terry Evans, Arnold McCuller e Willie Green Jr — transformassem o protesto numa simples, deliciosa e cintilante celebração da música. No palco do Palace só havia feras de alto quilate, a maioria entrada nos 40 anos mas com um vigor e uma vitalidade de fazer qualquer Gene Loves Jezebel da vida correr de volta para as saias da mãe. Ry — cego do olho direito, coisa que só se percebe ao vivo — trocava de guitarras à medida que o show evoluía, da explosiva abertura, com "All Shook Up" (aquela mesma, do Elvis), aos seus clássicos ("The Very Thing That Makes You Rich Makes Me Poor", "Little Sister"), com direito à participação especial do ator (e cantor bissexto) Harry Dean Stanton em "Borderline".

Blues, guarânias, rhythm'n'blues, rock e mais uma tonelada de ritmos disseram presente àquela noite, enquanto Ry reafinava cada guitarra de acordo com a canção seguinte para — sem estrelismos, sem papagaiada — descascar *licks* após riffs no slide, sempre preciso, sempre emocionante, sempre puro.

J.E.R.



Pierce, o ex-junkie faz agora a linha saúde e muito barulho

GUN CLUB

Franco-atirador

Town & Country Club (Londres) 25/10/87

O Gun Club na primeira fase, início dos anos 80, foi um dos totens da brigada "dark side of the moon", com tons novaiorquinos.

Jeffrey Lee Pierce e seu clube fizeram dois ótimos álbuns — o primeiro, homônimo, e *Miami* —, vários napalms sonoros de respeito, como "Sex Beat", "Fire of Love" e uma pantanosíssima versão de "Run Through the Jungle", imortalizada nos anos 60 por Creedence Clearwater. Temas básicos de Pierce: sexo e "dark side", uma espécie de atualização da sensibilidade bluesística. A Inglaterra tinha Alien Sex Fiend, Sisters of Mercy, Bauhaus. A Alemanha X Mal Deutschland. Os EUA Gun Club.

Egolatrias inerentes ao estilo de vida pop levaram Pierce para a carreira solo. Um desastre. Antes, ele tinha passado por uma fase extra-heavy jazzística, da qual pelo menos saiu uma brilhante trilha sonora para aquelas horas em que a esquizofrenia *made in USA* nos corrói a alma: "The Las Vegas Story".

Quem tem um certo veneno de tarântula por dentro não pode se meter a ser certinho. Pierce, com cara de bom menino pop, era tão improvável quanto ver Eddie Murphy interpretar Hamlet. Tanto por uma exigência de mercado quanto por uma volta às raízes, Pierce remontou o Gun Club.

Se este show fosse em 1980, seria o máximo do hip. Sete anos depois, para efeito "back to the future", fiquei esperando que de repente o fantasma de Peter Murphy se materializasse grunhindo "Bela Lugosi is Dead". Pierce e seu clube de tiro estavam para fazer (muito) barulho. Kid Congo continua na guitarra e no baixo comparece uma fêmea-ser-vente, que atende pelo nome de Kontiki ou similar. Coreana, na aparência. Congo e "Guerra da Coréia" promovem uma devastação sonora de fazer inveja ao Slayer. Pierce, de inevitável preto e blusão de couro, cabelos agora pretos (eram ruivos), mais gordinho, está muito saudável.

Repassam todo o último LP, *Mother Juno*, gravado em Berlim com Blixa Bargeld do Neubauten participando em uma das faixas. Uma fuzilaria indistinguível com segredos de mitologia clássica. Muito se acordo com a semiologia de sexo e raiva controlada privilegiada por Pierce. Que seu clube de tiro siga disparando em paz.

Pepe Escobar

REM

Desarmação

UCI Bren Center (Irvine, Califórnia) 14/11/87

Parem as rotativas! Reservem a primeira página: *o rock morreu!* No lugar do êxtase, temos o circo; em vez do perigo nos dão bom-mocismo; onde antes havia comunhão de idéias e sentimentos entre público e artista, há hoje em dia uma sórdida troca de interesses próprios. Coisa de puta, mesmo. *Seis palmos abaixo do chão com o rock!* Tudo aquilo em que eu e você acreditamos — o poder de redenção, a transformação da sociedade, porra, a revolução! — foi tudo para o brejo. Ou melhor, para o banco.

Deixa para lá, isso é uma conversa velha que já se estende desde os anos 60 e não é agora que vai haver remédio para a linha de montagem que se apoderou do rock, que era o meu e o seu Biotônico Fontoura, o refúgio, a explicação, a arma, a bênção. Falar de rock assim, nos anos 80, ou é delírio ou nostalgia. Ou os dois. Ou é irrelevante. Mas como existem exceções a toda regra, louvado seja o Senhor! Vez por outra um artista ou um grupo rompe esse casulo de cinismo, poses e cifras e embolacha todo mundo com sua veemência, autenticidade de princípios e

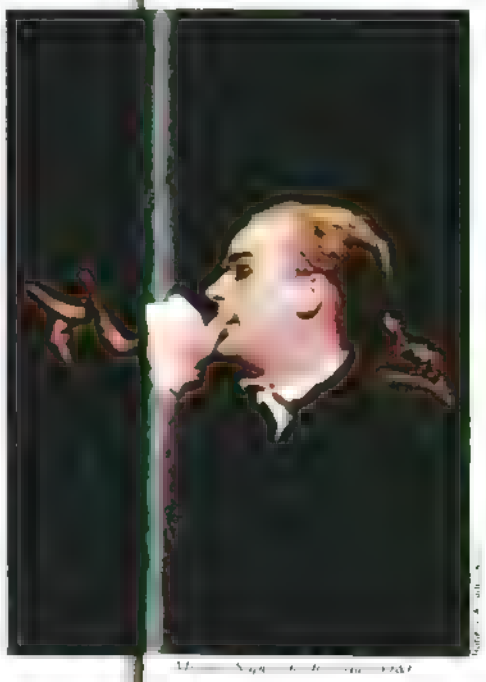
por que não? — mágica. É o caso do quarteto norte-americano REM, parente mais próximo do nosso Legião, em termos de determinação em não abrir as pernas à ganância e em termos de imprevisibilidade.

As regras artísticas do REM são eles que ditam. E o que eles mostram é que ainda há luz no fim desse túnel de muita luzinha e telão para pouco tesão. A passagem do REM pelo campus da Universidade da Califórnia, na cidade de Irvine, a uma hora e meia de Los Angeles, foi um arraso de ferocidade e veemência mais de duas horas sólidas de abandono, suor e epifanias, acionadas pelos espasmos em forma de canção do vocalista Michael Stipe.

Que banda, a essa altura do campeonato, tem peito para assinar uma música como "It's The End of The World As We Know It (And I Feel Fine)"? [N. da R.: É o fim do mundo, como nós sabemos (e eu me sinto bem)]

Que banda, pergunto, tem estofo para fazer três longos *encores*? Que banda vai para o palco sem uma lista rígida de músicas para debater "o que vamos tocar agora na cara da platéia"? Que banda sacaneia o Exército numa época em que o Exército americano anuncia na TV com clips movidos a rock'n'roll? Que banda se recusa a tocar o hit single que está nas paradas, preferindo reinventá-lo com nova cadência e novos significados? Que banda tem um vocalista que passa a maior parte do tempo de costas para a platéia, apontando para sua cabeça e apontando para os filmes absurdistas que rolam no telão (epa!) detrás da banda? Se você ainda não foi apresentado, isso é rock and roll: *risco*.

J.E.R.



FÁBRICA FAGUS

Folias juvenis

Espaço Mambembe (SP) 14/11/87

1987 foi o ano em que o funk invadiu SP. Gangs breaks, grafites e principalmente bandas ocuparam o cenário — entre elas Gueto, Lagoa 66, Máfia, Adeus Homens e Thaíde e sua gang. Fábrica Fagus foi uma das primeiras, depois do Gueto, a trazer de volta a velha música dos bailes para os palcos da cidade.

Fábrica Fagus é: Renato Piccinin (vocal), Will Robson (vocal), Fábio Scattone (bateria), Marcos Kuru (baixo), Marcio Werneck (guitarra). Um ano de palco bastou para formarem os notórios lotadores de casas noturnas, agradando músicos e troianos. Cada apresentação costuma virar uma *jam session* com convidados. O que se viu no Espaço Mambembe foi justamente isso: casa lotada e farra com ilustres *guests*.

A abertura ficou por conta do grupo carioca Ethiopia. Na verdade, eles iam tocar na primeira sessão do dia (às 21 h), mas não havia público. Acabaram aquecendo a platéia do Fábrica com sua nova roupagem funk. Fumaça, comparado ao incêndio dos garotos paulistanos.

O Fábrica entrou de "Important (a música)" cheios de pique e bolas — Renato Piccinin com uma espalhafatosa bombeta de pescador. À exceção de Fábio Scattone, ex IRA!, eles são menores de 20 anos. Ou seja: a energia é proporcional a seu tempo de jogo. São ferinhas no palco, apesar da relativa pouca experiência. Guitarra suja, primitiva e suingada, baixo marcante (Kuru já tem até fã-clube), bateria "serashante" e um duo vocal afiado — a voz de Renato é possante e a performance de Will é a alma do show. "Eu quero ver você dançar o hip hop", comandam. A obediência é cristã.

O baile foi oficializado com a entrada dos convidados, a partir do terceiro número, propiciando a *mix-tura* de tons negros dançantes para além do funk e hip hop. Destaque para o quase reggae de "Cenografia" que Thaíde chama de samba-rock, com a participação percussiva de André Jung (IRA!). James Muller (Mahatê dos saxofonistas franceses), Gille Eduar e Lloyd Bonnemaison (Luni). Sempre se revesando entre as músicas, ainda subiram ao palco Theo Werneck (Luni), Beto Firmino (Gang 90), Skowa (Máfia) e André Abujamra (Mulheres Negras). A maioria tocando em números não combinados ou saindo de surpresa da platéia. Uma farra! Atenção, gravadoras, para o refrão: "Estamos aqui, SP — Brasil". Eis o grupo revelação para 88.

Marcel Plasse

HÜSKER DÜ

Bendita inocência!

Ritz (Nova York) 17/10/87

Primeiro fotos ambientados com um vídeo incrível — música dos Sex Pistols com uma montagem de imagens fantástica. Aí, de repente, o pano subiu e estavam no palco aqueles três caras com um ar completamente sem pretensão, como quem levantou de manhã e pegou a primeira roupa velha que tinha por ali. Mas isto foi só por alguns segundos, porque imediatamente pegaram os instrumentos e a sala se encheu com "New Day Rising". Loucura instantânea. Estes caras têm uma força no palco que deixa a platéia totalmente pirada. Mesmo nos camarotes cá de cima, onde fica a turma cool, se sentia as mesas chacoalhando.

O último LP dos Dü, *Warehouse Songs and Stories* é excelente. Ao vivo é melhor ainda. O espaço se enche de eletricidade, a música entra pela pele. E as letras são inteligentes sem serem intelectualóides, interessantes mas suficientemente superficiais para não estragarem a pauleira.

Lá na frente tem algum *slam dancing* e uns empurrões, mas o que o público estava mesmo era chapado. O Husker Du, juro para vocês, é uma sensação total. A gente fica olhando para aqueles caras pulando no palco, suados e sorridentes, e não acredita como é que conseguem enlouquecer todo mundo e ficar tão na deles. Nada de roupas extravagantes, efeitos de luz espaciais, coreografia ensaiadas: guitarra, baixo e bateria, é tudo o que precisam para a viagem do fundo da cabeça aos baixos do estômago. As músicas se sucediam quase sem interrupção, uma hora e meia de fim do mundo. No final, dois *encores*, que começaram com o cover rapidinho de "Sheena Is a Punk Rocker" e terminaram com "She's a Woman". Uf a!

Claudia Thompson/AJ

Quadris destroncando ao som dos Dü

Na saída — isto é verdade, garanto —, Greg, o baixista, estava na porta apertando a mão das pessoas, como que agradecendo no final da festa, ouvindo comentários. Sem nenhuma empáfia, só curtindo o pessoal. Estes caras são o melhor grupo americano desde os Talking Heads, mas — felizmente — ainda não perceberam! *J.N.*

CAMISA DE VÊNUS

É só o fim!

Parque de Exposições (Salvador) 29/11/87

Elcio Jacobina/AJ

A dívida com os fãs baianos não foi paga: Marcelo Nova substituiu as canções pelo discurso

O clima era de despedida, mas também de muita festa, e não sem razão. Afinal de contas, desde que chegou ao sucesso nacional, o Camisa de Vênus estava devendo um puta show para a galera na sua terrinha. Continuou devendo, por pura burrice.

Com duas horas de atraso, a banda subiu ao palco com o pique alucinante que sempre marcou suas melhores performances — diga-se de passagem, sempre mais para atitude do que para técnica —, e aos poucos contagiou o público de dez mil pessoas.

E os cinco anos de carreira da banda foram passando em flashback, através de sucessos como "Meu Primo Zé", "Silvia", "Só pra Passar o Tempo", "Deus Me De Grana", "Só o Fim" e outros, além de composições mais recentes do álbum *Duplo Sentido*, como "Muita Estrela, Pouca Constelação", "Farinha do Desprezo", a versão para a música de Jards Macalé "País do Futuro" e a bela "Chamam Isso Rock and Roll". Tudo muito bom, muito bem, com a galera totalmente ensandecida, quando o reverendo Marcelo Nova se lembrou que havia chegado a hora do sermão da montanha. É haja saco para suportar o mesmo discurso do mesmo ególatra de sempre.

Durante exatos 20 minutos suas palavras soaram bem para parte da juvenília de coturno, mas totalmente anacrônica e falsa para quem conhece a peça. Marcelo metralhou a mídia e a sociedade baiana, numa montanha-russa de mais baixos que altos, mostrando que o discurso envelheceu e sua desinformação aumentou. Arrotando honestidade e autenticidade, ele só não explicou por que o Camisa de Vênus ao longo de cinco LPs se "inspirou" tanto em bandas estrangeiras, quando não roubou refrões ou músicas inteiras — explícita ou implicitamente —, sem, é claro, dar os devidos créditos aos reais compositores.

Depois do interminável discurso, o show caiu totalmente e, o que é pior (ou melhor?), mexeu com os brios dos axés presentes, que, ao término da apresentação, quiseram dar uns tapas em Marcelo & Cia. Pois é: "Eu sei até que parece sério, mas é tudo armação". *Hagamenon Brito*

CARS

Claudia Thompson/AJ

Paradão e diluído: nem o altão salvou um show frustrante

Ponto morto

Madison Square Garden (Nova York) 29/10/87

Quando o primeiro LP dos Cars saiu, em 1978, foi uma excitação: não é todo dia que a gente se depara com um som novo. A batida sincopada, sempre à beira de um desfecho que fazia correr o corpo para a frente e as pernas atrás, quase caindo, a melodia entre o pop e o camp, a voz leve e incisa de Rick Ocasek... É difícil dizer o que faz um novo som ser novo, mas o dos Cars era, sem dúvida. Não admira que o LP tenha vendido mais de seis milhões e que faixas como "Just What I Needed", "My Best Friend's Girl" e "Good Times Roll" tivessem entre os grandes clássicos.

Mas, sempre que uma banda inventa um som, cai na armadilha de ter que preservar sua identidade e inovar ao mesmo tempo. Quando *Candy-O* saiu no ano seguinte, o desgaste já era evidente. Uma ou duas músicas, como a faixa-título, ainda tinham evidente frescura, mas no todo o LP era inferior à promessa brilhante do anterior. A partir de *Panorama*, em 81, já nem valia mais a pena procurar os restos desse *Boston sound*.

Mesmo assim estava esperando bastante desde show no Garden. Nunca tinha visto o pessoal ao vivo. A personalidade de Ocasek, tímido no alto de seu metro e noventa, tem algo de intrigante. A diversão estaria garantida se eles tocassem várias de suas músicas antigas. Eles tocaram, mas foi uma desilusão total. Há muito que não me lembro de ver um grupo com menos presença de palco. Chegam, tocam e vão embora. E o que tocam é um pop dalado, cheio de sintetizadores fugindo das guitarras, que às vezes quase chega na muzak. Mesmo os sucessos de 78/79 — e que ainda são os maiores, a avaliar pela resposta da audiência — não soam como no LP. Aquele beat suportando a mistura teclados/cordas que marcava o som dos Cars desapareceu. Em seu lugar um melo profissionalmente entregue por cinco caras ali parados, sem uma ponta de emoção.

Dizem que a Blondie também era assim má de palco e que por isso é que dançou. Nunca vi, por que pelo menos em relação a Blondie já estava avisado. No caso do Cars, estou avisando vocês. *J.N.*

PINK FLOYD

Caça-níqueis

Sports Arena (Los Angeles) 26/11/87

Quem prezasse seus rasgados boca-de-sino-com-bata-indiana-juba-imunda-ensopada-de-patchuli tentava economizar todos os possíveis trocadinhos para embarcar num cargueiro com destino a Londres. Alvo principal, um show do Pink Floyd, a experiência suprema de exploração dos sentidos. P.A. quadrifônico cuspindo idiossincrasias e paranóias de Roger Waters num volume ensurdecedor, enquanto porcos gigantes sobrevoavam a platéia, aviões se espatifavam no palco e saraivadas de raio laser varriam as hordas de convertidos. Os shows do Pink Floyd, parafraseando meu primo Fernando, eram "O Cúmulo do Pincaro da Extremidade", uma curra sônica ou uma doce trepada musical (dependendo da canção), o paraíso e o inferno de maos e patas dadas durante três horas dentro de um opressivo estádio de cimento armado.

O Pink Floyd dos anos 80 é composto por três estilhaços do passado. O quarto fragmento vaga paralelo, na estrada, clamando para si a "verdade" do grupo anterior. Com a separação, voltou a célebre pergunta que era feita no início da carreira do grupo: qual deles é o Pink?

Seja lá quem for, Pink não estava presente no Sports Arena. Em espírito, talvez, mas decerto não de fato. O show de luz continua insuperável, centrado em torno de uma bola gigante de pano que levita sobre o palco. Os filmetes "comentando" as músicas também estão lá. O som é de uma potência que faz inveja a qualquer terremoto de meia pataca. E as músicas são retiradas, na maioria, do catálogo de um grupo que se chamava Pink Floyd ("Money", "Welcome to the Machine", "One of These Days").

Mas, por mais sedutora que seja a sensação de estar conhecendo — ou reconhecendo — o monstro sagrado do psicodelismo, por mais que o queixo caia toda vez que um padrão de luz e forma seja desenhado com laser, por mais que a anta careca do David Gilmour sole com especial abandono em musicas — com as quais ele talvez nem concorde —, não deixa de provocar certa desconfiança. Dá vontade de sair atirando moedinhas de 25 cents no palco aos gritos de "Caça-níqueis!", "Caça-níqueis!". *José Emílio Rondeau*

STANLEY KUBRICK

NO FRONT

Depois de sete anos de silêncio, o diretor menos americano dos Estados Unidos volta às telas com Nascido Para Matar, o Vietnam nu, cru e sem lágrimas

O cinema americano em 87 marcou presença com a prata da casa. Francis Coppola com *Peggy Sue — Seu Passado a Espera* Jardins de Pedra (e podemos in luir nesta lista o fabuloso *O Selvagem da Motocicleta*, que, apesar de ser 84, foi lançado em 87 no Brasil). Martin Scorsese com *Depois de Ho as* e *A Cor do Dinheiro*. Brian de Palma com *Os Intocáveis*. E, final iente, o mais independente, idiossin ratico, esquivo, perfeccionista e bri hante de todos: Stanley Kubrick.

Foram sete anos de silêncio desde *Iluminado* (1980, *The Shinning*). A cada filme de Kubrick, a crítica que osta proclama: "É o filme de ... que caba com todos os filmes de ...". Nos ontinhos, cabem todos os gêneros e mas pelos quais Kubrick já enveredou. *Nascido Para Matar* seria o lme definitivo sobre a guerra do etnã? Este é evidentemente um jul amento apressado, mas o filme se npõe pela novidade e pela aborda em inusitada – sobretudo de um te a tão delicado para os americanos uanto a guerra do Vietnam —, con luíram alguns críticos. Outros, con deraram *Nascido...* frio e sem emo o. Perfeito como uma máquina.

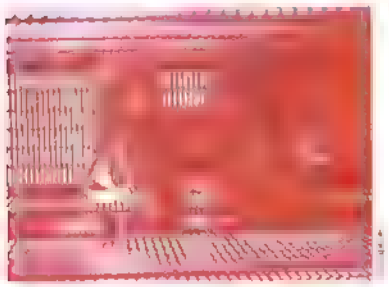
Kubrick é um cineasta que está mpre atrás da imagem não antes ntemplada, mesmo que esta con nha, aqui e ali, elementos já entrevistos. Seu já lendário perfeccionismo — ele se auto impinge a classificação de "demente perfeccionista" —, é nada menos que o esforço de construir a cada cena, uma maneira própria de fazer uma estória. Seus filmes têm, simultaneamente, grandiosidade e uma qualidade sintética. Em *O Iluminado*, o terror não necessita de truquinhos para assustar: a expressão de Jack Nicholson é mais do que suficiente. Milhões de anos de história da humanidade são condensados numa passagem abrupta entre o primata que descobriu a utilização da primeira ferramenta e uma enorme nave espacial em *2001 — Uma Odisseia no Espaço* (1968, *2001 — A Espace Odissey*). Para descrever a relação fria de afetividade e consumista de Alex com as mulheres, em *A Laranja Mecanica* (1971, *The Clock work Orange*), ele filma uma relação sexual em câmara rápida.

Ele controla pessoalmente todos os detalhes de cada filme; desde a escolha do roteiro, os diálogos e até a supervisão das cópias distribuídas pelo mundo todo. Para reproduzir Hue, a cidade em que se passa uma batalha de *Nascido Para Matar*, Kubrick fez uma extensa pesquisa sobre a arquitetura urbana vietnamita. E acabou descobrindo um quarteirão inteiro em Londres que correspondia ao estilo. Para sua sorte, este ma ser demolido e pôde ser utilizado para a filmagem. No lançamento de *O Iluminado* no Brasil, ele fez questão que fosse lançada uma cópia dublada ao lado de uma cópia original. A dublagem foi dirigida por Nelson Pereira dos Santos, outra exigência do Mr Perfeição.

Novaiorquino, nascido em 1928, o jovem Stanley começou sua vida profissional como fotógrafo da revista *Look*. A fotografia e a sessões de cinema, nas quais gastava todo o seu tempo livre, foram sua escola. "Saber fotografar é fundamental para qualquer um que queira fazer cinema", é uma de suas maximas. Já seus primeiros filmes despertaram a atenção da crítica. *Fear and Desire*, o longa de estréia (1953), foi elogiado pelos críticos pela fotografia. *A Morte Passou por Perto* (1955, *Killer's Kiss*) foi o único roteiro escrito inteiramente por Kubrick, no que foi parcialmente fracassado. Kubrick nunca mais repetiu a experiência. Todos os outros roteiros foram escritos em colaboração e adaptados de outras obras. Nesse capítulo, ele marcou mais alguns tentos. Suas adaptações de *Lolita* (1962), o polêmico romance que notabilizou Valdimir Nabokov, e de *Barry Lyndon* (1975), do romancista inglês Thackeray, estão incluídas na categoria das melhores transposições da literatura para o cinema. O caso de *O Iluminado* exemplifica bem uma outra qualidade sua, que é aperfeiçoar uma história originalmente não muito boa. Ele aparou, do conto original de Stephen King, toda a sorte de clichês, de maneira que o próprio autor não gosta da adaptação.

A partir de *O Grande Golpe* (1956 *The Killing*), um quase documentário sobre um assalto, Hollywood, passou a investir em seus filmes. Foi um relacionamento tempestuoso e não muito longo, pois Kubrick nunca se adaptou às condições em que trabalhava, as interferências e às pressões da industria cinematográfica, apesar de ter a sua própria produtora, em associação com James Harris. Ao seu primeiro sucesso comercial de fato *Glória Feita de Sangue* (1957, *Paths of Glory*), seguiu-se um período em que ninguem se interessava por seus projetos. Foi então que Anthony Mann, que estava dirigindo *Spartacus* (1960) — a adaptação do romance homônimo de Howard Fast sobre uma grande revolta de escravos na Roma antiga —, abandonou subitamente as filmagens e Kubrick foi cha-

O escritor de O Iluminado (Jack Nicholson, à direita), o astronauta em 2001... (Gary Lockwood, embaixo à esquerda), o ultraviolento Alex em A Laranja Mecânica (Malcolm McDowell, embaixo à direita): os anti-heróis de Kubrick



mado para substituí-lo. Foi seu único filme em que não teve o controle total, e é o de que menos gosta. Ele não apreciava a adaptação do roteiro feita por Dalton Trumbo (*Johnny Vai à Guerra*) e lhe desgostava não ser o único dirigir os atores, especialmente Kirk Douglas, com quem já tinha trabalhado em *Glória Feita de Sangue*. O resultado é que *Spartacus* é um filme que alterna belas cenas, características de Kubrick, com os clichês de uma superprodução.

A partir de *Lolita*, em 1962, Kubrick passou a morar na Inglaterra — e até hoje ainda está lá. É também depois de sua saída dos Estados Unidos que seus filmes passaram a ser cada vez mais distantes do cinema americano. *Doutor Fantástico* (1964, *Dr Strangelove*) é uma impiedosa e impagável sátira à corrida armamentista. Entre 1968 e 1971, ele realizou os dois filmes que são mais unanimemente reconhecidos como os seus melhores filmes. *2001* quase coincidiu com a chegada do homem na Lua. Era uma época em que se especulava muito sobre o futuro, a tecnologia de ponta e a corrida espacial. O quadro que Kubrick pinta não é dos mais animadores — um computador de última geração ameaça seus próprios operadores. *A Laranja Mecânica* piorava o quadro. Num futuro não muito distante, a violência é a única diversão, a única possibilidade existencial para o jovem Alex. E a violência mais sutil, mais científica, é a forma do Estado manter o controle do indivíduo. Embora bastante distintos entre si, os dois filmes mantêm um diálogo cético em relação ao futuro. Sejam as máquinas, seja o Estado, a evolução da humanidade vai ter que se haver com os monstros de sua própria criação.

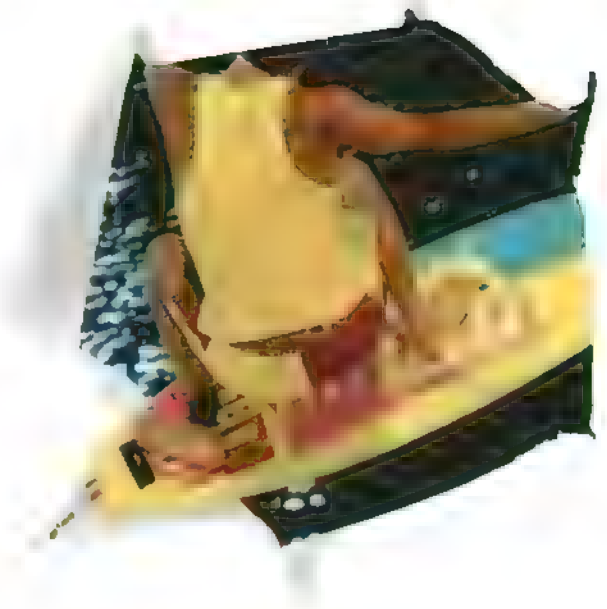
Depois Kubrick avançou no passado em *Barry Lyndon*. Este foi considerado um filme esteticizado e vazio — e depois dos êxitos anteriores foi um fracasso de público. Mais cinco anos e *O Iluminado* veio para fazer uma leitura sem precedentes do terror e do sobrenatural

***

De quando em quando, há uma espécie de onda de filmes com o mesmo tema. 1987 foi o ano do Vietnam no cinema americano e Kubrick fez o filme mais desconcertante e genial. Desde o início, somos convidados a olhar com distância e incredulidade. Ao invés de propor uma espécie de catarse da guerra pela emoção como em *Platoon*, Kubrick nos faz simplesmente olhá-la. O filme começa com o treinamento dos fuzileiros, ainda nos Estados Unidos. Um sargento durão, que fala aos gritos inicialmente é o único que se distingue. Os recrutas parecem todos iguais — e esse justamente é o objetivo do treinamento que estão recebendo. Eles estão ali para se tornarem máquinas de matar, como os fuzis que carregam e embalam, e com os quais dormem. Matthew Modine é o recruta Joker, o único que consegue enfrentar, e com algum humor, o sargento Hartman. Lee Ermey, o sargento, era inicialmente assessor técnico do filme. Acabou, pela sua performance excepcional, ganhando o papel. O treinamento é duro para o recruta Pyle (Vincent D'Onofrio) — gordo e inábil. Vai ficando cada vez mais duro, a medida que o sargento resolve infernizar sua vida. Berros, sarcasmo, absurdas e pornográficas canções que cadenciam a marcha, rezas para o fuzil vão chegando a um clímax de tensão e violência tal que já faz entrever o desfecho.

Do terror em tubo de ensaio na situação do treinamento, a ação passa para o terror ao vivo. Primeiro na retaguarda, onde Joker ainda pode continuar com suas piadas e sua posição de observador — ele é um soldado-jornalista. É a véspera do Tet, o ano novo vietnamita, e espera-se uma trégua. O que acontece é justamente ao contrário — os vietnamitas atacam justamente nesse momento, infligindo uma das mais sérias derrotas ao exército americano. Joker é enviado para cobrir a ocupação de Hué pelos vietcongs. É só aí que estamos realmente no front, na guerra propriamente dita. E é aí que Kubrick mais uma vez surpreende. A guerra do Vietnam — e tudo o que já se disse sobre ela — estão condensados no confronto entre uma pequena patrulha americana, da qual Joker participa, e um franco-atirador vietcong. São poucos tiros, mas são dos mais crus e de efeito mais letal que o cinema já apresentou. A guerra não admite observadores — Joker acaba por realizar aquilo de que se esquivava. Em seu capacete, a inscrição "Born to kill". *Nascido Para Matar* virou o título em português, a léguas de distância da concisão do original *Full Metal Jacket*, a cápsula metálica, a bala que mata. No peito, um símbolo de paz e amor. A guerra não admite observadores — sem apelar para a emoção fácil, sentimental, Kubrick faz a guerra acontecer com toda sua brutalidade no nosso nariz. E sem lágrimas para embaçar.

Bia Abramo



SEA CLUB.
DESTAQUE-SE
NA
PAISAGEM.
SEA CLUB
SURFWEAR

ATRAÇÃO FATAL

Alex (Glenn Close) e Dan (Michael Douglas) — comendo e não gostando

Atração Fatal (Fatal Attraction) foi um ressonante sucesso de bilheteria nos EUA em 1987. O filme de Adrian Lyne, porém, é muito fraco. Não conta sequer com as belas imagens de seus trabalhos anteriores, *Flashdance* e *9 1/2 Semanas de Amor*. O que, então, explica sua enorme popularidade entre os americanos? Pra começar, trata-se de um thriller. Alex Forrest (Glenn Close), uma mulher bastante exótica, executiva e com ego precário seduz um advogado boa pinta (Michael Douglas), que apesar de casado e amar sua esposa (Anne Archer) e filha, acaba passando um fim-de-semana quente com ela. O problema é que sua volta à vida mansa de casado não cola. Logo, telefonemas insistentes e apaixonados se transformam em ameaças de morte. E o clímax, à la *Psicose*, acontece num banheiro com uma faca suja de sangue.

O roteiro é arquetípico: a malvada é "a outra", contra a qual a família precisa ser preservada, sendo o "crime" da relação extraconjugal punido com mais do que culpa [illegible] ameaça de morte! *Você nunca sabe com quem pode acabar indo pra cama* [illegible] moralista que pisca subliminarmente na tela. Todo esse reacionarismo básico é uma delícia para o público médio conservador americano. Lyne, de quebra, enfeita seu filminho careta com doses de suspense e terror e consegue arrancar gritos da plateia com o velho truque do susto final, na linha de *Carrie, A Estranha* e *Sexta-Feira 13*. Será que essa atração fácil vai func[illegible]

M.P.

ISHTAR

Um cantor-compositor sofrível não vai muito longe. Quando é péssimo, nem se fala. Mas dois "artistas" definitivamente irremediáveis em sua incompetência já é dose para javali enfurecido. E onde é que essa dupla atroz pode sonhar em tocar, gravar, fazer sucesso quando nada — nem mesmo eles — está a seu favor? Em lugar algum. Ou, se a dupla é formada por Chuck Clarke e Lyle Rogers, pode acabar em Marrakesh.

As desventuras e os estranhos percalços de Lyle (Warren Beatty) e Clarke (Dustin Hoffman) em busca de um provável sucesso fora do eixo nova-iorquino originou, ao mesmo tempo, uma confusão literalmente das arábias e um dos maiores fracassos cinematográficos do verão norte-americano passado: *Ishtar*. Da estreia à sua rápida saída de cartaz, *Ishtar* colecionou mais desafetos e cacetadas da crítica do que qualquer outro longa na história recente. Muitas vezes o alvo da ira não era a boba trama que envolve Lyle e Chuck numa área em conflito — e os coloca lado a lado com os fascínios e os perigos oferecidos pela revolucionária Shirra (Isabelle Adjani) —, mas sim o fantástico orçamento de uma produção cujos únicos verdadeiros pontos fortes eram os dois atores principais. Vinte milhões de dólares para um filme como *Ishtar* parece um desperdício de bons (Beatty) e excelentes (Dustin) atores num mar de enganos. Não se consegue achar nada verossímil nas trapalhadas de Lyle e Chuck, menos ainda nos meandros políticos em que eles se envolvem. Dá para rir, vez por outra, quando Lyle (Beatty) busca um camelo cego para comprar, por exemplo. Ou quando Clarke (Hoffman) se faz passar por um tradutor num leilão ultrabandidaço de armas. Mas são muito poucos momentos bons num longa-metragem.

J.E.R.

Dustin, Warren e Isabelle, num filme deserto de idéias

SEM SAÍDA

Susan (Sean Young) e Tom (Kevin Costner): um casal delicioso a dois passos da tragédia

A maioria das pessoas pode não se lembrar de *Fandango*, *Silverado* ou *American Flyers*. Mas de Eliot Ness em *Os Intocáveis* todos recordam. Kevin Costner virou celebridade com esse papel. Os produtores de *Sem Saída* (*No Way Out*) apostavam nisso antes mesmo de *Os Intocáveis* ser concluído e seguraram seu filme, foi rodado antes, para contabilizar o prestígio que o filme de De Palma traria ao ator. E se o nome de Kevin Costner garantir a bilheteria também no Brasil, tanto melhor: *Sem Saída* merece ser visto!

Costner vive um herói da marinha dos EUA, o oficial Tom Farrell, que é transferido para o *staff* do Secretário de Defesa (Gene Hackman). Entre festas e intrigas políticas, conhece Susan Atwell (Sean Young, a estonteante replicante de *Blade Runner*), com quem inicia uma *love story*. Ela, porém, tem seus segredos, como todos em Washington. De repente, *tchan-tchan*... um assassinato! E alguém importante demais está envolvido: o Secretário de Defesa dos EUA. Arma-se, então, uma trama dissimuladora, diabolicamente arquitetada pelo assessor do Secretário, Scott Pritchard (Will Patton). O bode expiatório passa a ser "Yuri", um imaginário agente russo que viveria secretamente como americano. Farell recebe o encargo de comandar sua prisão. Entretanto, o que Pritchard não sabe é que Farrell viu o Secretário na cena do crime. E que ele próprio, investigador, pode ser incriminado pelo assassinato.

Com esse roteiro — mix de suspense, espionagem, política, romance, *detetive story* —, baseado na novela *The Big Clock* de Kenneth Fearing, o diretor australiano Roger Donaldson (mais conhecido por seu *remake* — *Revolta em Alto Mar* —, de *The Bounty*, com Mel Gibson) construiu um thriller de tirar o fôlego. Impossível adivinhar onde o filme vai dar! De quebra, ironiza a paranóia americana sobre agentes soviéticos infiltrados e esboça um perfil dos corruptos e fúteis altos escalões de Washington. Não faltam sequer cenas de perseguição e violência, registradas com brilho pela fotografia de John Alcott (*2001: Uma Odisséia no Espaço*), infelizmente falecido após as filmagens. Um *hit* para o verão.

M.P.

OS POINTS SEA CLUB.

REGIONAL BELO HORIZONTE

BELO HORIZONTE: Avenida Homem e Mulher, Lee Importadora, Western, Yankee • BRASÍLIA: Dallas, Livre Importadora, Universal • CORINTO: Jeans Center • IPATINGA: Danni Jeans • JUIZ DE FORA: Credvest, Delmonte São João, Dropa • MONTES CLAROS: Etiqueta Sport, Raio X • PATROCÍNIO: Stock Modas • POÇOS DE CALDAS: Garden Modas, Tutti Modas • SÃO JOÃO DEL REI: Marco Vale Special • TAGUATINGA: Livre Importadora • UBERABA: Minerva Esporte, Tremendão, Ximbica Modas • UBERLÂNDIA: Dom Fernando

REGIONAL CAMPINAS

ARAÇATUBA: To Much • ARARAQUARA: Bonnie & Clyde • ASSIS: Free Jeans • BARRETOS: Maçã Vermelha, Tube • BELO HORIZONTE: Yes • BRAGANÇA PAULISTA: Firenze Magazine • CAMPINAS: Cameron Roupas, Jean Junction, Lamarca, Victory Modas • CARAGUATATUBA: Rossi Surf Shop • CATANDUVA: Juvinho's JEANS • GOIÂNIA: Di George • INDAIATUBA: King Modas • ITAPETININGA: Center Matarazzo • ITAPEVA: Exclusive Shopping • ITU: Hobby Magazine, Hobby Sports • JACAREÍ: Rosvaldo Modas • JAÚ: Fred Jeans • LIMEIRA: Fargos • MOGI DAS CRUZES: Boutique Ver de Perto • PEDERNEIRAS: Estampa Confecções • PIRASSUNUNGA: Verde Boutique • PRESIDENTE PRUDENTE: Jeans e Afins, Star Jeans • STA. BÁRBARA D'OESTE: Etiqueta Modas • SÃO CARLOS: Katita Boutique • SÃO JOÃO DA BOA VISTA: Sallon Jeans, Sercel Modas, Sercel Skate Shopping • SÃO JOSÉ DOS CAMPOS: B.B.C., Rosvaldo Modas, Ver de Perto • TAUBATÉ: Ponto Quatro • TUPÃ: Koisa e Tal • UBATUBA: Casa Ferradas Magazine • VINHEDO: Desce Escada

REGIONAL CURITIBA

ANDIRÁ: Quarenta Graus Boutique • APUCARANA: Cartola • CAMBORIÚ: Aloha Surf • CHAPECÓ: Cesas Vitória • CIANORTE: A Brasileira • CORNÉLIO PROCÓPIO: Cartola • CURITIBA: Fanel Sport, Jeanstock, Vida Livre • FLORIANÓPOLIS: Beco, Joaquina Authentic Surf Shop, Vida Livre • ITAJAÍ: Vida Livre • JOINVILLE: Apolo • LONDRINA: Biboca, Cartola, Sergio Magazine • MARINGÁ: A Brasileira, Lojas Genko • PARANAVAÍ: Chad Modas • RIO SUL: Status Rio • SÃO JOSÉ: Postal do Sol • TUBARÃO: Taiucha • UMUARAMA: Nivaldo Magazine • XANXERÊ: Lorenci

REGIONAL PORTO ALEGRE

BAGÉ: Tempo • CAMAQUÃ: Fardo Confecções • CANOAS: Bronson, Bronson Surf Shop • CAXIAS DO SUL: Fredrizzi • CRUZ ALTA: Trekus • ERECHIM: 107 Surf Shop • IJUÍ: Buraku's • LAJEADO: Lojas Hultmer • NOVO HAMBURGO: Casa Floriano • PASSO FUNDO: Dica Surf, Ecco's, Maré Alta, Via Moron • PELOTAS: Timpano Modas • PORTO ALEGRE: Casa Lu, Huff, 30 Graus Sul • SANTA MARIA: Trapiche, Vento Norte • SANTANA DO LIVRAMENTO: Caggiani Modas, Sayon • SÃO BORJA: Preferida Shop • TAQUARA: B.L. Jeans

REGIONAL RECIFE

BELÉM: Jomag, Lojas Visão, Y... • BOA VISTA: Tentação Modas • CAMAÇARI: Dikam • CAMPINA GRANDE: Troféu's • CRUZ DAS ALMAS: Saci • EUNÁPOLIS: Star Jeans • FEIRA DE SANTANA: Beijo na Boca, H2A • ILHÉUS: D.K. • IMPERATRIZ: Tuny Modas • JOÃO PESSOA: Jean Surf • JOAZEIRO: Padrão Modas • MANAUS: Play Boy • NATAL: Etc e Tal Sport Wear, Love Boutique Surf Shop, Opeste Surf Shop, Parafina • RECIFE: Pacific Shore Surf, Rakes • SALVADOR: Correct Star, Ferramenta de Corpo

REGIONAL RIO DE JANEIRO

CABO FRIO: Loko Maikai • CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM: Boutique Solange • CAMPOS: A.R. Modas, Free Wave, New Sport, Olho, Toni Modas • CARIACICA: Bagage • FRIBURGO: Sensual Fashion • ITAPERUNA: Vila Jeans • NITERÓI: Físico & Forma, Mouvin Jeans • PETRÓPOLIS: Moustache • RIO DE JANEIRO: Alex Bactery, Bolt Shop, Camping Tur, Físico & Forma, Varese • SAQUAREMA: Charte Modas • TEÓFILO OTONI: Peter's Jeans • VILA VELHA: KGB, Liliana Confecções • VITÓRIA: Vila Jeans, KGB • VOLTA REDONDA: Span Modas

REGIONAL SÃO PAULO

GUARUJÁ: Oneill Brazil Pitangueiras, Oneill Navirina, Enseada Oneill Surf, Boulevard • SANTOS: Pant's Jeans • SÃO BERNARDO DO CAMPO: Know How Brazilian Surfer • SÃO PAULO: Dampa Sportswear, Franete Surf Shop, Gal, Gal Lifestyle, Mustabi, Natural Word, Oous Diva, Oahu Surf Shop, Sun Country, Star Point, Tasty Modas • SÃO VICENTE: Gustore

ESCRITÓRIOS REGIONAIS

Telefones Contato

BELO HORIZONTE (031) 225 2244 Sr. Luiz Henrique
CAMPINAS (0192) 51 4811 Srs. Marucci e Melo
CURITIBA (041) 222 5770 Sr. Mieli
PORTO ALEGRE (0512) 22 1522 Sr. Paulo
RIO DE JANEIRO (021) 210 1351 Sr. Marcus Vinicius
RECIFE (081) 224 1533 Sr. Sampaio
SÃO PAULO (011) 549 9144/Sr. Stocco

SEA CLUB SURFWEAR

S.O.S. — TEM UM LOUCO SOLTO NO ESPAÇO

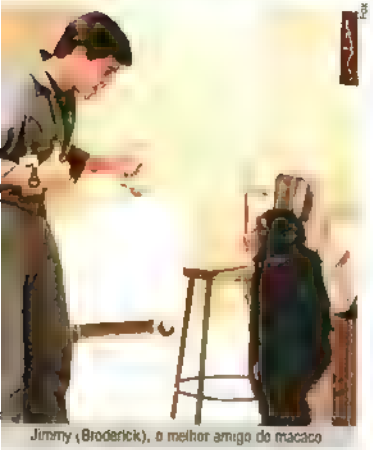
O gosmento homem-pizza, em uma das melhores gags do novo filme de Mel Brooks

Mel Brooks já saturizou com propriedade filmes de suspense (*Alta Ansiedade*) e terror (*O Jovem Frankenstein*), mas nem sempre acertou — sua lição de História em *A História do Mundo* foi trágica. Agora, ele aponta para o espaço e para os filmes de ficção. Seus novos personagens são extraídos de uma famosa saga intergalatica: há uma princesa em perigo (Daphne Zuniga), um herói de aluguel (Bill Pullman) e seu fiel companheiro não humano (John Candy), uma robô dourada (Lorene Yarnell), um sábio anão (o próprio Brooks, que ainda vive o maligno Presidente de Spaceballs), um vilão de elmo negro (o baixinho Rick Moranis de *A Pequena Loja de Horrores*), espadas laser e imensas naves espaciais.

O foco evidente é *Guerra nas Estrelas*, mas não faltam *sketches* referentes a *Alien* (com o ator John Hurt, do *cast* original, repetindo a cena em que "passa mal") e *Planeta dos Macacos*. Algumas gags são realmente engraçadas. A maioria, porem, lembra a cena de alguem tentando contar uma piada engraçadissima, que começa a rir logo no início, contagiando a platéia, mas que se esquece como terminá-la — como é frustrante! Boas ideias não faltaram a Brooks. Nem mesmo um indigesto vilão chamado Pizza The Hut, um ser com pele de muzzarela que se derrete enquanto é comido por um de seus cruéis assistentes... Na verdade, tudo pode acontecer — e acontece — neste filme. A loucura exagerada, linha pastelão, de *S.O.S. — Tem Um Louco Solto no Espaço* (esse título imenso não vai pegar!), a k.a. *Spaceballs*, pode ser cansativa para um público de humor mais refinado. Mesmo assim, sua graça é superior a muita *fast-food* do mercado.

M. P.

PROJETO SECRETO — MACACOS



Jimmy (Broderick), o melhor amigo do macaco

Os macacos sempre nos impressionaram. Tanto que Tarzan adotou um chimpanzé como mascote, em vez do tradicional cachorrinho .. Mas o cinema sensaçao não deixa por menos: basta lembrar o insípido *Pânico em Kilimanjaro* de Raju Patel e o curioso *Link* de Richard Franklin, prêmio especial do júri no Festival de Avoriaz de 1986.

Menos sensacionalista, *Projeto Secreto — Macacos (Project X)*, de Jonathan Kaplan, abre um sério debate sobre a utilização indiscriminada de animais em experiências científicas. A história é simples: Jimmy Garrett (Matthew Broderick, *LadyHawke*), encarregado de um programa de treinamento militar ultra-secreto, descobre que o órgão para o qual trabalha tortura chimpanzés em determinadas pesquisas.

O problema não seria grave se o jovem piloto não tivesse se afeiçoado a esses animais. Em particular a Virgil, um doce macaquinho que sabe comunicar-se através de sinais — técnica ensinada por sua antiga professora, Teri (Helen Hunt, de *Peggy Sue*).

Projeto Secreto denuncia esses abusos explorando momentos poéticos entre homem e animal, cuja força narrativa vem de seus jovens intérpretes e das participações reais de chimpanzés — Willie, o macaco que interpreta Virgil, é um encanto. A história tem uma bela fotografia, sempre bem acompanhada pela boa música de James Horner. *E.T.S.*

Para Você vestir antes de agitar

Peça já e receba mais que depressa

Agora você pode receber, comodamente onde mora, as T SHIRTS da ÚLTIMA MODA UNISSEX DE VERÃO. Um visual novo e com ótimos descontos para você. Sucesso total em todos os pontos de encontro jovem do país. Peça já e entre na moda rapidamente.

oveite esta oferta especial
a agitar logo a sua moda!

APENAS Cz$ 438,00 CADA
2 PEÇAS Cz$ 416,00 CADA
3 OU MAIS Cz$ 395,00 CADA

nviando CHEQUE NOMINAL ou VALE POSTAL
nto com o cupom, você ainda terá 10% de
SCONTO. Faça a conta no cupom ao lado.
u pedido será entregue na agência do correio
is próxima de sua casa. Você receberá um
o do correio para retirar sua encomenda
tro de 10 d as.
é também pode pedir por carta, copiando os
os do cupom. Não tem limite de quantidade.
especiais para revendedores

Qualidade

FÉFER CONFECÇÕES INDUSTRIA E COM LTDA
Rua Laguna, 330 Fone (0474) 22 8560
CEP 1211 89200 JOINVILLE SANTA CATARINA

À FÉFER CONFECÇÕES INDÚSTRIA E COM LTDA
Rua Laguna, 330 Caixa Postal 1211
CEP 89200 - Joinville - Santa Catarina

REF.	TAM. P M G	QUANTIDADE	PREÇO
7001			
7002			
7003			
7004			
7005			
		TOTAL DA COMPRA	
		DESCONTO DE 10% PARA PAGTO. COM CHEQUE OU VALE POSTAL	
		TOTAL A PAGAR	

Estou enviando junto com este cupom, pagamento em Cheque Vale Postal No valor de Cz$
Prefiro pagar ao retirá lo no Correio ao preço de Cz$ mais despesas postais

NOME
END
CIDADE CEP ESTADO

PIL

SEATTLE

John Lydon/John McGeogh/Bruce Smith/Lu Edmonds/Allan Dias

Don't like the look of this old town
what goes up must come down
character is lost and found
on unfamiliar playing ground
get out of my world
(what in the world...)

Shoeboxed around the rifle range
have all your functions rearranged
your mind and body gagged and bound
on a new familiar playing ground
the ordinary will ignore whatever they cannot explain
as if nothing ever happened
and everything remained the same again

(refrão)
What in the world (2 x)
get out of my world
get up get out get up

Open your mouth now
secret signs, knowing looks
these sunny days will cook their books
happy to take the misery
this mortal life can bring to me
don't like the look of this
what goes up must come down
character is lost and found
on unfamiliar playing ground

(repete refrão)

Palaces, barricades
Threats, need, promises.

SEATTLE

Não gosto do visual desta
cidade velha
tudo que sobe tem de descer
o carater é achado e perdido
em parquinhos de brincar estranhos
saia do meu mundo
(o quê neste mundo)

Encaixotado por volta do alcance dos rifles
todas as suas funções são rearrumadas
seu corpo e sua mente amordaçados e amarrados
em novos parquinhos familiares
os ordinários sempre ignoram o que não conseguem explicar
como se nada houvesse acontecido
e tudo permanecesse o mesmo outra vez

(refrão)
O quê neste mundo... (2 x)
saia do meu mundo
levante, saia, levante.

Abra sua boca agora
sinais secretos, olhares de reconhecimento
estes dias de sol vão cozinhar os livros deles
feliz em aceitar a infelicidade
que esta vida mortal pode me trazer
não gosto do visual disto
tudo o que sobe tem de descer
o carater é achado e perdido
em parquinhos de brincar estranhos

(repete refrão)

Palácios, barricadas
ameaças, necessidade, promessas.

Cidade americana, do Estado de Washington
© 10 Music LTD/Virgin Music (Pubs) Ltd. Direitos Controlados no Brasil por Edições Intersong Ltda.

NAS BANCAS

HEART — STING — BON JOVI — A-HA — MARVIN GAYE — TOTO — DURAN DURAN — CUTTING CREW — ICE HOUSE — FRED MERCURY — ECHO — DOORS — CLUB NOVEAU — PINK FLOYD — PRINCE — MICHAEL JACKSON — CROWDED HOUSE — U2 — NEW ORDER — BOLSHOI — LEVEL 42

Paulo com sua "menina dos olhos" no show de Nev Matogrosso,"Pescador de Perolas"

PAULO MOURA

Saxofone e clarineta, Pixinguinha e Beethoven, erudito e popular: este eclético veterano tem fôlego para tudo o que for música

Apesar da falta de tradição de instrumentistas realmente "gigantescos", o sax vai bem, no Brasil. Além de bons bebopers, o sopro lírico do sax de Paulo Moura — herdeiro da musicalidade de Pixinguinha — faz bonito em qualquer lugar do globo. Paulo Moura possui tanto a técnica elaborada quanto a embocadura segura, mas de som doce, dos maiores *saxmen* do mundo. Certamente existem outros velhos músicos empunhando o instrumento inventado por Adolf Sax, mas poucos possuem a experiência e o ecletismo de Paulo, e muito menos são os que podem se orgulhar de tocar há 30 anos.

Se a crença de Paulo de que "música eleva o espírito" é coerente, o que se percebe examinando sua vida é a dedicação — decididamente "elevada" — em fazer existir sua musicalidade serena. A serenidade, em Paulo Moura, se percebe até mesmo nas notas suaves de seu saxofone, e principalmente na sua fala pausada. "Sou filho de um mestre de banda do interior", conta ele, "e a música foi uma opção que jamais deixou de existir na minha vida. Comecei a estudar solfejo aos 8 anos de idade, e aos 17 estudava clarineta, à noite, depois de fechar a alfaiataria em que trabalhava. O resto foi a experiência do dia-a-dia".

Paulo certamente abrevia e simplifica o percurso que percorreu como músico... Os dois Paulos que convivem nele — o erudito, leitor incansável de partituras de Beethoven e Villa-Lobos, e o Paulo popular, que no começo da década de 50 tocou sax-alto em todas as boas boates e "dancings" do Rio — estão em total harmonia. "Eu gosto é de música", diz, "os nomes nunca importam."

Assim, enquanto o instinto de improvisador crescia tocando na noite carioca, o Paulo erudito entrava em 1960 para a orquestra sinfônica do Municipal e em 1963 fazia sua estréia no sax soprano, com um instrumento emprestado da banda dos bombeiros. Hoje, o sax-soprano é talvez o instrumento mais associado a ele, mas um ouvido mais experiente vai reconhecer seus fraseados de clarineta à *la* Benny Goodman saindo de seu soprano.

"O estudante de saxofone deve ouvir muitos saxofonistas antes de escolher o seu tipo de sax. Eu, por exemplo, não curto tenor. É uma questão de sonoridade se adaptar ao temperamento de cada um." Ele diz ainda que a clarineta requer um estudo muito maior, por ter um alcance de mais oitavas, com um dedilhado mais complicado, apesar de semelhante ao do saxofone. Segundo ele, o sax seria bem mais (?) fácil. A clarineta é atualmente sua menina dos olhos, desde que ele voltou a tocá-la, em junho, num show da cantora Joyce. "Depois dos anos 50, em que ainda se utilizava a clarineta em música popular, praticamente ninguém teve a idéia de usá-la. Por isso esse reencontro com o instrumento está sendo muito bonito."

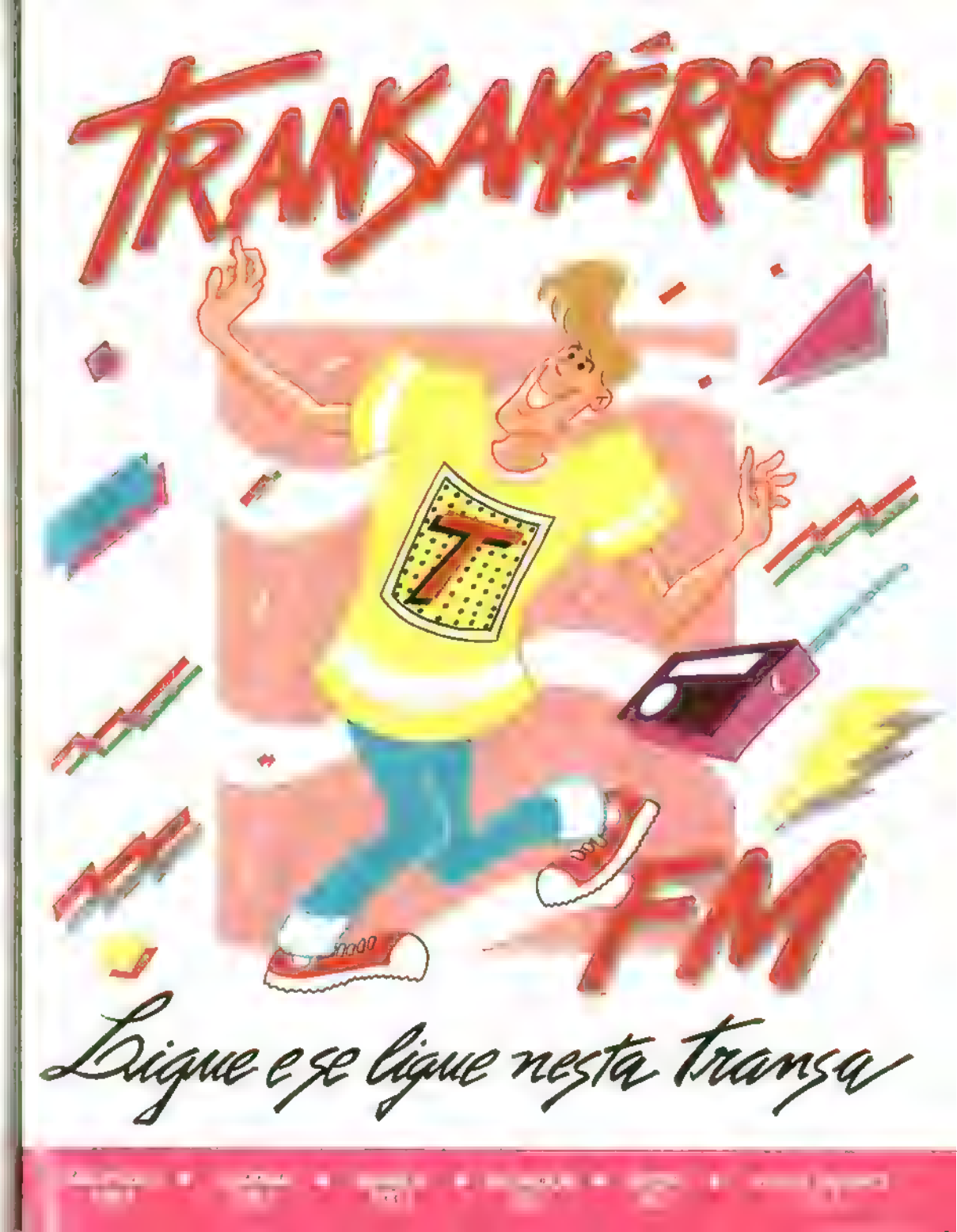
Os planos do multiinstrumentista polivalente — é arranjador e orquestrador também — incluem um disco de músicas de Pixinguinha com Clara Sverner. Do alto do seu ecletismo sereno, o sopro lírico de Paulo Moura vai continuar a bailar, seja em duetos de piano e sax, ou em chorinhos, ou pelas partituras de Villa. Paulo Moura não vive sem o respirar da música.

Alexandre Dines

FICHA TÉCNICA

SONS EQUILIBRADOS

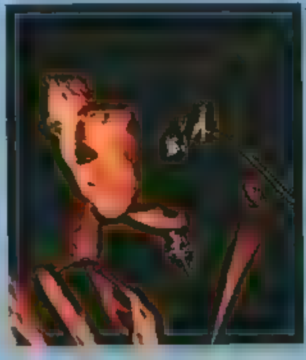
Ele não tem preferência por nenhum tipo de sax, e diz que escolhe o instrumento de acordo com o "equilíbrio de sons" da peça ou seja, de como a sonoridade se adapta à harmonia da música. Paulo Moura tem apenas dois saxs: um soprano Selmer, com boquilha Landoren nº 4, e um alto, também Selmer, só que com boquilha Otto Link. Ele usa palhetas Rico, n.º 2, e prefere o modelo standard. Mas a sua vedete atual é a clarineta de acrílico Kohlert.



DECADÊNCIA SEM ELEGÂNCIA

Pegou pior, mas muito pior do que se os brancos jogassem um míssil, de propósito, no gueto negro de Johannesburg. Foi a "brilhante" (tlim-tlim) idéia dos caquéticos cabeludos do Status Quo (foto): furar o embargo cultural de todos os fronts pop e tocar em Sun City, a Las Vegas sul-africana [illegible] pretexto [illegible] "estrangeiro" (sic) e doar algumas librinhas a escolas infantis. Botou-se a boca no mundo em diversas latitudes. Dezenas de rádios européias boicotaram e continuam boicotando qualquer subacorde do Quo. Ligas de músicos estão impedindo que a banda arrume shows. Little Steven — muito melhor de ativista do que cantando "Bitter Fruit" — voltou a reiterar em todos os megafones [illegible] Artists [illegible] Apartheid [illegible] jogo dos fascistas sul-africanos. Entre os que manifestaram publicamente suas imprecações em cima da palhaçada do Status Quo (também, com esse nome, o que esperar?), encontramos os Bhundu Boys, Terence Trent d'Arby, Housemartins, os eminentes Bono Vox, Jim Kerr, Sting, e por aí vai. A ação do Quo, na verdade, pode ser ligada à sutilíssima (nem tanto) aventura explorativa de Paul Simon no affaire Graceland. Quando se trata de interesse próprio, na indústria pop, a ética desaparece em sua insustentável leveza.

Detalhes muito interessantes na engalfinhante — e única — batalha travada nesse final de década no domínio pop: o *packaging*, embalagem, o aditivo extra do turbo do marketing. Compare-se por exemplo os recentes álbuns solo de George (Wham), Michael e Bryan (Mr Cool) Ferry. Ambos são vendidos como [illegible] pensativos [illegible] poses estudadas [illegible] pressionando as têmporas, sinal de profunda atividade intelectual ou meditação sobre os destinos da humanidade? Vendas do LP? Próxima mansão a comprar? Georginho, em sua nova imagem macho hetero [illegible] de couro, barbinha de três dias [illegible] I Want Your Sex [illegible] compila em seu LP todos os clichês possíveis de soul, funk, rock n roll e até mesmo jazz, passíveis de ser armazenados em um chip [illegible] Ferry [illegible] continua o de sempre [illegible] suave, sofisticado, elegante [illegible] complexo [illegible] repleto de truque-truques [illegible] indulgentes, com um ar de [illegible] das esferas. Como o [illegible] rótulo? Pop adulto maduro [illegible] A quem [illegible] resta mesmo uma maturidade real thing [illegible] uma coleção de LPs da Blue Note.



Desaba um dos últimos mitos remanescentes e ainda em atividade na [illegible] pop [illegible] *New Musical Express*, desde o início dos anos setenta [illegible] pop [illegible] O NME [illegible] "new" a "post-new". O NME [illegible] garras em mais um golpe de [illegible] corporativo [illegible] a esta época. O jornal continua dando cerca de 1,3 milhão de dólares [illegible] caiu pela metade desde 80 [illegible] 88 mil por [illegible] e a influência [illegible] por exemplo [illegible] punk [illegible] que faltas [illegible] Reed International (turnover anual de 3 bilhões de dólares), camaradas de [illegible] [illegible] *Best* [illegible] NME.

Outra maçãzinha que ficou madura e [illegible] do galho é Roddy Frame [illegible] o ex sublime melancólico do Aztec Camera, capaz de aos 1[illegible] anos compor aquela obra-prima dos early 80's, "High Land Hard Rain". Frame maduro ficou apenas igual a 99% do mercado "soul" para a geração CD aaaargh, toquinhos country, backing vocals. "Obvious", o título de uma de suas pérolas pop adolescentes, agora aplica-se ao próprio. Fiquem maduros, garotos, mas não percam a chama interior.

A descabelada diva disco Donna Summer (foto), como se sabe, montou o seu alazão da fama em cima de um fanático público gay na Europa e EUA. Mas a opulenta madona cream chocolate parece que já esqueceu o passado. Andou por aí semeando apocalípticos reoarbativos em relação à AIDS, segundo ela uma manifestação da ira do Divino em cima dos homossexuais. Donninha nem mesmo disfarçou criticando os fabulosos guarda-roupas de seus fãs, que dão um banho no seu, tanto de spotlight quanto de sessão de foto. Referia-se mesmo é a fricção obscena de carne humana. Mexeu com o ninho de vespas errado. Meteram a boca no mundo na América e aqui, rendeu passeata de protesto na frente das grandes lojas de disco e do show de Madame Summer no Royal Albert Hall. Depois dessa, será que ela ainda consegue cantar "I Will Survive"?

E enquanto chegamos aos anos 90, no final dos quais, segundo Nostradamus e o anão abdominal de Mineapolis, será a hecatombe definitivo, os ventos da retroação à barbárie continuam predominando. A censura à música popular escala nos EUA (vide o famoroso caso dos Dead Kennedys e seu LP *Frankenchrist*) e também aqui. As forças da Lei, Religião, Governo e similares pilares da sociedade estão em processo de enquadrar qualquer mínimo movimento de bandas e selos, principalmente independentes. De vez em sempre o BBC bane algum single. A HMV — uma supercadeia do vinil — tem cerca de 40 discos em seu index da Nova Inquisição (bandas heavy metal, Crass, Dead Kennedys, até mesmo uma sátira de Ian Dury). O último escândalo foi a apreensão em Manchester de um LP do Flux editado originalmente há quatro anos. Todos estão sendo processados — a banda, o selo e a loja de Manchester. Tudo por causa de alguns grafismos de mulheres com pênis. Barbárie, barbárie, abre as asas sobre nós.

Serviço ao Assinante

BIZZ

Você tem alguma dúvida sobre sua assinatura?

Utilize estes telefones

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

SÃO PAULO
Das 8:00 às 18:00 (ininterrupto)
Fone (011) 823-9222
RIO DE JANEIRO
Das 8:00 às 18:00 (ininterrupto)
Fone (021) 295-5544
RECIFE
Das 8:30 às 12:30 e das 14:00 às 18:00
Fone (081) 224-0655
SALVADOR
Das 8:00 às 12:00 e das 14:00 às 18:00
Fone (071) 247-1022
BELO HORIZONTE
Das 8:30 às 12:00 e das 13:30 às 18:00
Fone (031) 275-2255
PORTO ALEGRE
Das 8:30 às 12:00 e das 14:00 às 18:30
Fone (0512) 33-9034
CURITIBA
Das 8:30 às 12:00 e das 14:00 às 18:30
Fone (041) 263-3013
BRASÍLIA
Das 8:30 às 12:00 e das 13:30 às 18:00
Fone (061) 226-8963
FLORIANÓPOLIS
Das 8:00 às 12:00 e das 14:00 às 18:00
Fone (0482) 44-7980
GOIÂNIA
Das 9:00 às 11:00 e das 14:00 às 17:00
Fone (062) 261-3511

Você mudou de endereço?
Envie este cupom, comunicando seu novo domicílio, para
EDITORA ABRIL ASSINATURAS
Caixa Postal 11 830, CEP 01139, São Paulo SP

COLE AQUI SUA ETIQUETA DE ENDEREÇAMENTO ANTERIOR.

Novo endereço
Bairro
Cidade
CEP
Estado
Não preencha este espaço
Entrega
Roteiro
BIZZ 30

Camisetas, jaquetas, toalhas de mesa, cartazes e todo tipo de papel ou pano podem agora ter estampada qualquer foto ou ilustração de revistas, capas de disco ou posters que você quiser. Você já imaginou o sucesso que você fará com uma camiseta estampada com aquela ilustração tão linda que você viu na revista, ou na capa do disco com seu ídolo ou grupo musical?
Isso você mesmo pode fazer EM APENAS 1 MINUTO, SEM O USO DE TINTAS E NEM DE PINCEL. A perfeição é inacreditável e a estampa permanece para sempre. Não mancha, nem descora.
CONHEÇA O INÉDITO COLOR FIX!

VEJA COMO É FÁCIL

Você ficará surpreso com a facilidade que encontrará, e a perfeição atingida logo na 1ª vez que executar o trabalho. Não se trata de curso. Você começa a estampar camisetas a partir do momento em que estiver de posse do COLOR FIX.
1º) Você passa COLOR FIX no lado da camiseta em que você quer que apareça a estampa.
2º) Coloca a camiseta sobre a foto da revista, poster ou capa de disco.
3º) Passa o ferro de passar roupas por alguns segundos, como se estivesse passando a camiseta.
Pronto! Não sai nunca mais a estampa, do jeito que está na fotografia.

GANHE MUITO DINHEIRO

Aproveite o segredo do COLOR FIX para ganhar muito dinheiro. Absolutamente sem nenhum capital, você terá seu próprio negócio, ou então poderá multiplicar sua renda mensal, apenas nas horas de folga. É um trabalho para ambos os sexos, bastando ter apenas a vontade de vencer, característica indispensável para quem quer alcançar o êxito, o sucesso e o bem estar.

EXCLUSIVIDADE

Você vai aprender também a fazer aparecer em uma camiseta ou jaqueta, a sua própria foto, no tamanho que você quiser que fique. Tudo isto em apenas 1 MINUTO. É FANTÁSTICO!

ATENÇÃO! Poucas pessoas terão o privilégio de possuir o segredo do COLOR FIX, pois o fornecimento é limitado. DECIDA JÁ! Não deixe para depois e garanta já esta grande oportunidade. Com o segredo do COLOR FIX você fará centenas, milhares de estampas em camisetas, jaquetas, etc. Pense no quanto você poderá lucrar com isto, e aproveite já esta grande oportunidade que a **EXPORT FASHION** está lhe oferecendo.

Envie hoje mesmo o seu pedido e comece a ganhar dinheiro amanhã. Você receberá todas as explicações detalhadas, necessárias para aproveitar ao máximo o incrível COLOR FIX.

PROMOÇÃO ESPECIAL
Adquirindo o segredo do COLOR FIX através de cheque nominal ou vale postal, você terá direito a um desconto especial de 50% e recebe sua encomenda em 10 dias.

CERTIFICADO ESPECIAL DE RESERVA

Senhores EXPORT FASHION [illegible]

CHEQUE NOMINAL Estou enviando juntamente com este cupom, um cheque nominal à **EXPORT FASHION**, com direito a um desconto especial de 50%, portanto no valor de Cz$ 348,00 sem mais despesas.
VALE POSTAL Estou enviando juntamente com este cupom, um vale postal, com direito a um desconto especial de 50%, portanto no valor de Cz$ 348,00 sem mais despesas.
INSTRUÇÕES PARA O ENVIO DO VALE POSTAL
Peça no Correio e preencha da seguinte forma:
Ag. Pagadora: Agência Central, Cód. 400009, CEP 01051, São Paulo, SP
A favor de: EXPORT FASHION, CAIXA POSTAL 7758, SÃO PAULO, SP
REEMBOLSO POSTAL Pagarei somente ao retirar o segredo COLOR FIX no Correio, no valor de Cz$ 696,00, mais as despesas postais.
BIZZ 30

COLOCAR O VALE POSTAL

EXPORT FASHION
CEP 01051 Ag. Central
São Paulo SP

Nome
End. Nº
Bairro Cidade Est.
CEP Data Assinatura

GRACE JONES
NIGHTCLUBBING (1981)

Grace Jones é um buraco negro no universo pop. Os mais variados projetos artísticos sucumbem à imensa força sedutora dessa mulher mais que fatal. Já estamos em outra dimensão: aqui só interessa as aparências, todas as atitudes são simuladas e a jogada de marketing tem mil vezes mais importância que qualquer vestígio de autenticidade. Grace Jones é um produto perfeito (ela canta: "Eu não sou perfeita, mas eu sou perfeita para você"), um personagem que usa e abusa da mídia para a felicidade geral de seus consumidores. Seus discos são absolutamente descartáveis e, por isso mesmo, geniais.

O mérito da música pop não é a ousadia ou o experimentalismo, mas sim a busca de um lugar-comum ideal. Portanto, a discoteca foi o paraíso: repetição *ad infinitum* de uma mesma fórmula musical, levando ao delírio massas dançantes de todo o planeta. Nesse momento, Grace Jones saiu das passarelas de moda parisienses (também um território governado pelo efêmero) para competir com Donna Summer pelo título de "Godiva Disco". Como todo bom modismo, o reinado das discotecas teve vida curta. Jones "The Rhythm", sem querer deixar o palco, juntou a seu redor um outro time de músicos e artistas plásticos, produzindo uma nova fase de seu personagem e, pelo menos, mais dois discos perfeitos: *Warm Leatherette* e *Nightclubbing*.

A capa de *Nightclubbing* é o máximo em termos de hiper-realidade. O corpo de Grace Jones é uma escultura de Jean-Paul Goude, que inventou seu novo estilo de cabelo e maquiagem, fotografando o resultado. Tudo é artificial, até mesmo a cor da pele, muito mais negra do que "realmente" é. Quem cuida da produção musical e da contratação dos instrumentistas é o dono da Island Records, Chris Blackwell, ajudado por Alex Sadkin, também produtor de Bob Marley. Grace Jones volta a seu país de origem, a Jamaica, utilizando o reggae como alternativa pós-disco. Mas não confundir com uma procura de raízes: em *Nightclubbing*, o reggae deixa de ser "autêntico" para assumir sua forma mais comercial e cosmopolita. Nada a ver com Jah.

O time de músicos é um capítulo à parte. A banda é comandada pela "melhor cozinha rítmica do mundo", o baterista Sly Dunbar e o baixista Robbie Shakespeare (que já tocaram com Bob Dylan, Manu Dibango e Black Uhuru, entre outros), e pelos teclados econômicos mas certeiros do africano Wally Badarou (o produtor do novo disco dos Talking Heads). O trabalho de estúdio ainda é insuperável, dando uma sofisticação inédita ao *dub*, imitada em vários outros discos, influenciando até o reggae "de raiz" — se é que isso existe. A voz "chique" de Grace Jones não podia estar em melhor companhia.

O glamour é fundamental. Cada faixa é escolhida com enorme cuidado, não exatamente por suas qualidades melódicas ou harmônicas, mas para "criar clima". "Nightclubbing" é uma composição de David Bowie e Iggy Pop, a celebração do mistério da vida noturna nos grandes centros urbanos. "Demolition Man" foi um presente — de grego, só salvo pela performance de Grace e banda — de Sting. "Libertango", de Astor Piazzolla, ganhou uma letra em francês e inglês. "Pull Up to the Bumper" é considerada pelo próprio Sly Dunbar como a sua mais irretocável atuação na bateria. "Walking in the Rain" é o retrato da cantora enquanto total narcisista. "Use Me", o hit de Bill Withers, deixou de ser mais uma ironia amorosa e passou a significar isto mesmo: *use-me*. Grace Jones sabe que sua ordem será obedecida. Não temos escolha.

Quem escuta *Nightclubbing* se transforma imediatamente em mais um escravo do ritmo, do ritmo *de* Grace Jones. Para que resistir? Somos apenas pobres mortais.

Hermanno Viana

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

BIZZ

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor de Grupo: Carlos Arruda

REDAÇÃO
Editor Chefe: Alex Antunes
Editor Executivo: Roberto Wagner Pereira Perucci
Editora Assistente: Bia Abramo
Redação: Celso Salles Pucci, Thomas Pappon
Reportagem: Sônia Maia
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan

ARTE
Editor: Rodolfo Tucci
Chefe de Estúdio: Deise Bitinas
Diagramadores: Maria Amélia de Azevedo, Paulo Fernando Zahorcsak
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia

Atendimento ao Leitor: Marisa Adán Gil
Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), José Nogueira (Nova York), Pepe Escobar (Milão), Cesar G. Lima e Silvano Michelino (Paris), Eva Joory (Londres)
Colaboradores
José Augusto Lemos (consultor), Antonio Querino Neto, Alexandre Dines, Arthur G. Couto Duarte, Carlos Albuquerque, Eliana Thome de Souza, Eugênio Bucci, Fernando Naporano, Hagamenon Brito, Jean-Yves Neufville, Leopoldo Rey, Livio Tragtenberg, Lou Ramos, Luiz Antonio Giron, Marcel Plasse, Marisa Adán Gil, Nico Pereira de Queiroz, Tom Leão e Walter Silva
Arte: Angelo Assan, Renato Yada (diagramação)
Fotos: Claudia Thompson (Nova York), Eva Joory (Londres), Fabiana Figueiredo, J.R. Vivanco, Mauricio Valladares, Rui Mendes, R. Tucci
Revisão e Preparação de Texto: Crivo Editorial Ltda.

Diretora Responsável: Liege de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araújo
Gerente: Julio Cesar Ferreira
Contatos: Lidia Camarate (Rio), Márcia Andrade (São Paulo)
Produção Gráfica Publicidade-Gerente: Paulo Luchesi

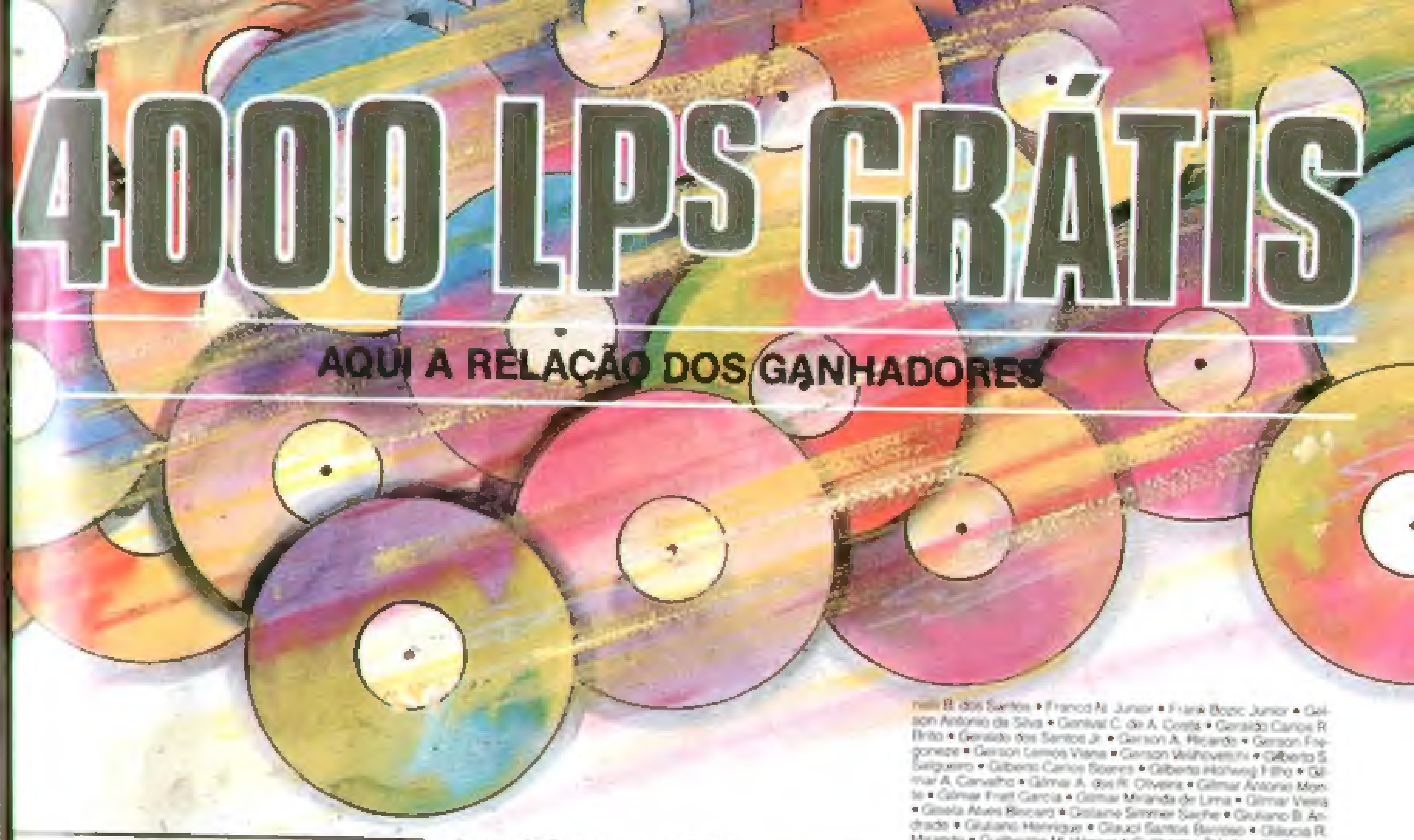
SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press: Judith Baroni (gerente). **Escritórios - Milão:** Rita de Luca, International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone: 02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano, Telex: 313585 e 332609. **Nova York:** Odilo Licetti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex: 237879, Phone: (212) 557-5990/5993. **Paris:** Pedro de Souza, 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris, facsimile: 42.66.13.99, Phone: 42.66.31.18, Telex ABRILPA 660731
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Auta Rojas Barreto - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Baldanno
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Promoção: Vani de Pieri (SP), Fernando Mendonça (RJ)

EDITORA AZUL
Diretores: Carlos Arruda, Nivaldo Montingelli, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes
Diretor Escritório Rio: Carlos Alberto F. de Araújo

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel. (011) 826-6777. **Telegramas:** Editabril Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8º ao 11º andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8282, Telex (021) 22674. Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** Cz$ 1.560,00 a vista. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isto tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total anteriormente pago, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das OTNs verificada no período. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 03. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.



... nome está na relação dos ganhadores, fique li... Rádio Cidade (a da sua cidade) que o seu nome ... chamado.
... você não escute o seu nome no ar, ligue para a rá... ...tirando os seus discos.
... sua cidade não tem rádio Cidade, retire seu prê... ...distribuidor local da revista Bizz.

...mpos • Acácio J. C. Alves • Adilio Silva • Adelmar Cas... • ...ilson F. Batista • Adelson Iole • Admir Celazzini • Adriana ... • Adriana Alves Flores • Adriana Aparecida Rizzari • Adriana ... • Adriana Ribeiro Foerth • Adriana Rio B.N. de Gouvea ... Zanafiotta • Adriane Farias Simões • Adriane M. Oliveira ... Oliveira Xavier • Agnaldo Martins Vieira • Alan Alves da ... • ...an Christian L. Vital • Alberto Alves de Araujo • Alberto ... • Alceu Moura B. M. Ribeiro • Alcio Fernando • Ales... ...angeiro • Alessandra Ferreira • Alessandra Morita • ... Marçal Bandeira • Alexander M. P. Gomes • Alexander ... • Alexandre Alves de Sá • Alexandre Antonio Pereira • Ale... ...de Oliveira • Alexandre C. M. de Barros • Alexandre ... • Alexandre de O. Brano • Alexandre de O. Peixoto • Ale... ...de P. Fernandes • Alexandre F. Costa • Alexandre Gomes • Alexandre N. da Silva • Alexandre R. Guimarães • Ale... ...nho • Alexandre Seixas • Alexandre Silva Dantas • Ale... ...z Machado • Alfredo M. Cardama • Aline O. G. dos San... ...r C. Reis Filho • Alonso A. M. dos Santos • Aluiz Antonio ... • Aluizio R. Santos • Alvaro Mariano da Penna • Alvaro ... • Ayra R. Serafim • Amauri Terdog • Ana Beatriz F. de Souza ... Montenegro • Ana Claudia L. Lima • Ana Claudia Lima ... Ermada • Ana Cristina Ferrari • Ana Cristina Roc... • Ana Cristina V. Bejar • Ana Elizabeth dos S. Launes • ... F. da Cunha • Ana Lucia G. Souza • Ana Lucia Uto • ... M. Rezende • Ana Margarida de Moura • Ana Maria S. ... • Ana Maria Tonetti • Ana Neri de A. Gomes • Ana Paula ...galhães • Ana Paula R. Carvalho • André da Costa Leite ... Lira Perobia • André Fernandes Lopes • André Gustavo ...hota • André Julio R. Guimarães • André Luiz Abrantes ... M. Martins • André M. Tavela • André Plácido Vianna ... Rodrigues Naggy • André Schelbe • Andréa Chen Sales ... Scovaria • Andréa Magrian • Andréa Vidal Furtado • An... ...de P. Junior • Anis Saliba Filho • Anna Carla dos S. Ro... ...nio A. dos S. Alves • Antonio A. M. Claudio • Antonio A. ... • Antonio C. de Araujo • Antonio Cabral • Antonio Car... • Antonio Carlos de Carvalho • Antonio Carlos P. Alves ...de A. C. Junior • Antonio Dias • Antonio Donato Z. Neto ... Eduardo Gregori • Antonio Ferreira Dias • Antonio Gus... ... • Antonio Jorge Reis • Antonio K. L. Paiva • Antonio ... de Lima • Antonio Marques Fernandes • Antonio Mau... • Antonio N. da Sena • Antonio R. de Lima Filho • An... ...o F. Batista • Antonio S. Lopes Paiva • Aparecida Serra ... da Silva Matos • Aquiles A. C. Albano • Argeu B. Lima ... M. de Lemos • Armando Rocha da Silva • Arnaldo Hen... • Arthur Alberto Somalheiro • Artur Leite Vinhole • Ase... ...los Santos • Atila O. M. e Silva • Aira Sacramento • Au... A. F. Filho • Aurea R. Kanashiro • Aurelio Calheiros Junior ... M. Cardama • Aurelio Resede Santos • Auteno Oliveira ... M. de A. Graça Jr. • Alyssa Sakihama • Bárbara Barbosa • Benedito Augusto L. Marques • Benedito V. Zamboni Jr. ... da Costa • Carla C. Dall'Olio • Carla C. P. do Nasci... ...Cristiana • Carlos A. S. Mosan • Carlos A. Vieira • Car... Campero • Carlos Alberto de Oliveira • Carlos Alberto • Carlos Alberto dos Santos • Carlos Alberto Rodrigues ...berto Silva • Carlos Augusto Sandrin • Carlos Basilio • ...ntino • Carlos Corado Rodrigues • Carlos E. C. Ribeiro • carlos Eduardo Lopes • Carlos G. B. de Mello • Carlos G. de A. Gomes • Carlos G. Vasconcelos • Carlos H. de O. Fonseca • Carlos H. G. P. de Caro • Carlos H. Romão Paiva • Carlos José P. M. Patrício • Carlos Lopes • Carlos M. C. Korter • Carlos M. K. de Matos • Carlos Massanobu Obara • Carlos Santos • Carlos Silva • Carlos Silva P. Guerra • Carlos Yassuo Sato • Carmem Regina Garcia • Cássio Resende Nardon • Cécius B. F. Araujo • Cátia Cilene G. Ferreira • Celso Vargas • Celso de Almeida Ficara • Celso Tadashi Yoshid • Celso Tardioli • Cenira Braga Barros • César Denicote Barbi • César dos Santos • César Vilela • Chantou Papakyriakou • Cícero Lopes dos Santos • Cícero M. Yamazaki • Cidinéia F. A. dos Prazeres • Cinthia S. Tazo • Claudemir Baptista • Claudia C. O. D. dos Santos • Claudia da C. de Medeiros • Claudia E. Francisca • Claudia Maria • Claudia Raimunda • Claudia Tomoko Abe • Claudia V. de S. Lima • Claudimar G. da Cruz • Claudinei de S. Lima • Claudio A. Gaieno Boscetta • Claudio Annunziato • Claudio C. Reitberger • Claudio Jr. • Claudio L. M. Cunha • Claudio Luis M. Abud • Claudio Pereira • Claudio R. dos Santos • Claudio Soares de Carvalho • Claudio T. Okano • Claudio T. Ribeiro • Claudio Tupinambá • Cleonice P. de Souza • Cristiana Maria Souza • Cristiane Hirota Moreira • Cristiane M. Aosonuma • Cristiane Martins • Cristiane R. Correa • Cristiane T. Pinto • Cristine D. S. Affonso • Dalço Patez de Souza • Dalema Lucia de U. Carneiro • Dalton Fricke • Daniel Castro • Daniel Costa L. Lopes • Daniel Cunha • Daniel de O. Macedo • Daniel Marcos da Silva • Daniel Renato Bottoni • Danieta F. Martins • Danyella N. Annunciação • Davi Braz da Silva • Davi Monteiro da Silva • David Sala • Décio Marques Soares • Denilson de Araujo Gama • Denis Viviani • Denise Casado Machado • Denise Vargas Moraes • Denison V. Moraes • Devanir Magi • Diana Mussolin • Diego Romero de Godoy • Domingos da Silva Santos • Dorlomi Albuquerque • Dorival José • Douglas William Magalhães • Eder Araujo de Assis • Edgar Sacchi Correa • Edilberto Lima • Edilouza R. de Paula • Edilson Pedrini Ramos • Edilton de Lima Leão • Edinaldo Lima • Edinaldo Souza Santos • Edmário J. de Souza • Edmilson L. Ferraz • Edmilson Ribeiro dos Santos • Edna Massuia de Oliveira • Edneuza Lucia dos Santos • Edson Gomes Tavares • Edson Holanda de Araujo Jr. • Edson Marcos F. Carvalho • Edson S. Kagohara • Eduardo A. Sada de Carvalho • Eduardo C. Gonçalves • Eduardo D'Oliveira • Eduardo Fuller • Eduardo H. Gomes Rodrigues • Eduardo Luiz da C. Gomes • Eduardo Mendes Costa • Eduardo Monturi Castro • Eduardo P. Berger • Eduardo P. Cancellotti • Eduardo Pereira • Eduardo S. Mendes • Edvaldo C. de Araujo • Edvanteon T. dos Santos • Elaine R. Oliveira • Elayne Franzolim • Eliam F. Bianchi • Eliam Fernandes Bianchi • Eliana de Oliveira • Eliana S. Santos • Eliana Silva Miranda • Eliane B. de Andrade • Eliane Fernandes Deliberali • Eliane Simeão • Elisabetta Garavaldi • Eliza Hiromi Aoki • Elizabeth de C. Simplicio • Elson Mendes Bonfim • Emerson Disuka • Erasmo Fontes Filho • Ercilio J. S. Filho • Erica M. dos Santos • Erika Izumi Oyama • Erika Santos • Erika V. M. da M. Coimbra • Erivaldo Pedrosa Santos • Esthelviane B. Nunes • Estina Komatsu • Eugênio Beltrão • Evaldo Ribeiro • Evaney Martins da Silva • Evandro Leão • Evanildo Carlos dos Santos • Fabiana Santos Ferraz • Fabiano T. G. Liporini • Fábio de Paula da Silva • Fábio Hirota Moreira • Fábio Issamu Obata • Fábio Porto de Paiva • Fábio Rocha Tussinari • Fábio Rodrigues Rios • Fábio Souza e Silva Cunha • Fabricio Salter • Fabrizio Vieira Franco • Fernando Watanabara Jr. • Fernanda Barbosa Takai • Fernanda Gomes Pinto • Fernanda Sá Amorim • Fernando da Veiga Torres • Fernando F. S. Monteiro • Fernando Fanton • Fernando Malheiros Jr. • Fernando São Paulino • Flávia Adriana de Mendonça • Flávia Bercellos Dola • Flávia M. C. Pimentel • Flávio Cardoso Pereira • Flávio F. de Almeida • Flávio Marques de Oliveira • Flávio R. de P. Xavier • Flávio Takemoto • Flávio Ulisses • Francisco • Francisco Antonio L. Almeida • Francisco Eduardo Monteiro • Francisco Jair Ramos • Francisco José da M. Neto • Francisco Pereira da Silva • Francisco R. M. de Castro • Franci...nelo B. dos Santos • Franco N. Junior • Frank Bozic Junior • Gelson Antonio da Silva • Genival C. de A. Costa • Geraldo Carlos R. Brito • Geraldo dos Santos Jr. • Gerson A. Ricardo • Gerson Fregonese • Gerson Lemos Viana • Gerson Velhovetchi • Gilberto S. Salgueiro • Gilberto Carlos Soares • Gilberto Horlwig Filho • Gilmar A. Carvalho • Gilmar A. dos R. Oliveira • Gilmar Antonio Monte • Gilmar Fratt Garcia • Gilmar Miranda de Lima • Gilmar Vieira • Gisela Alves Bincaro • Gislaine Simmer Sache • Giuliano B. Andrade • Giuliano Henrique • Glauci Santos Barroso • Gláucia R. Miranda • Guilherme M. Werner • Guilherme Toledo • Guilherme A. Benitez Jr. • Gustavo André Lesiczynski • Gustavo B. F. Pacheco • Gustavo Ferreira Dias • Gustavo M. Bittencourt • Gutemberg L. da Silva • Haroldo G. Aranteu Filho • Hélcio F. dos Santos • Heleno M. de Moura • Hélio N. Guimarães Filho • Hélio O. da Silva • Hilton Aisemberg • Horácio M. da Silva • Hudson da Cunha Moura • Humberto J. Kajiwara • Humberto Oliveira Junior • Ibraima de J. C. Tavares • Ieide de Araujo Cunha • Isabel Damiani Couto • Isnaque Silva Souza Junior • Ivone da Silva Moreira • Ivonete Pedro • Izabela P. R. de Matos Souza • Jacira Marques de Souza • Jaime de Andrade Pedroso • Jairo Costa E. Silva • Jamerson Moraes de Alencar • Jandira Mota Silva • Jane Inês Rufo • Jane Palumbo • Janete da S. Oliveira • Jarbas Luiz L. de Aragão • Jayme Rodrigues Monteiro • Jeferson de A. Pereira • Jesse Nilto de Oliveira • João A. Ferreira • João B. de Queiroz • João Batista Shimolo • João Carlos C. Santos • João Carlos F. de Oliveira • João Carlos Rocha • João F. de A. Martins • João Lucas F. Jr. • João Paulo M. Lucchesi • João Paulo P. Barreiros • João Ricardo N. Pontes • Joaquim Gomes da Silva • Joaquim Lopes Monteiro • Josquira de O. Vargas • Jobert L. do Nascimento • Jocen de Oliveira Cargas • John Herbert • Jones dos Santos Junior • Jorge André C. Medeiros • Jorge Céu Soares • Jorge L. R. Fernandes • Jorge Luiz da Silva Guimarães • Jorge Luiz José Maia • Jorge Luiz Teixeira Paiva • Jorge Minoru Oyama • José A. da Silva • José A. K. S. Moraes • José A. Monteiro dos Santos • José Alexis da S. Braga • José Antonio da Silva • José Antonio R. Reis • José Antonio S. da Costa • José Carlos S. Mannheiro • José Claudio A. dos Santos • José Darcy G. C. Filho • José E. de Souza • José Erlei da C. Medeiros • José Fernando A. Gonçalves • José Fernando de O. Diehl • José Ferreira de F. Junior • José G. de M. Germany • José G. F. da C. Lancellotta • José G. O. Sobrinho • José Ian Reznik • José Jacob Netto • José Luiz Mendes • José Luiz Morelli • José Manuel P. Oromar • José Marcos Paulino • José Marcos Rodrigues Serra • José Mauricio L. de Matos • José Mauro B. Netto • José Paulo Sandrin • José Renato G. Junior • José Renato M. da Silva • José Ricardo Rezende • José Roberto Bodo • José Wilson da Silva • Josemar Pires • Josevaldo R. de Oliveira • Juan B. Bellando • Juliana D. R. Martins • Julio César G. Duronn • Julio César L. da Silva • Julio de A. C. Maia • Julio Kouzo Higa • Junior Lopes • Jurema P. R. de M. Souza • Jurema Soares Duarte • Jussara M. R. das Neves • Karl Estephan • Kátia C. R. de Jesus • Kátia K. Borrego • Kioko Jakavino Higa • Kleber Wanderlei • Klinger M. Bastos • Kraft Studio

CONTINUA

CARTAS E SERVIÇOS

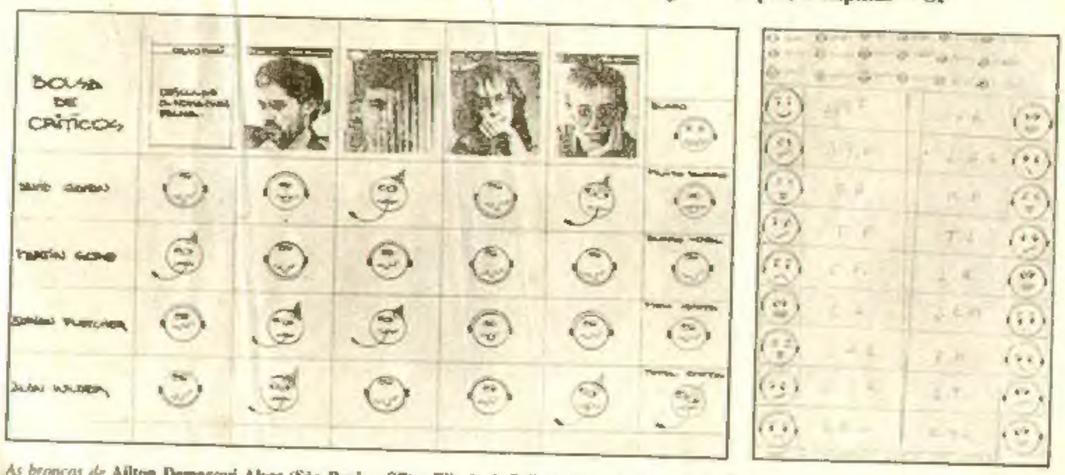
FALL & FELT

Gostaria de saber a discografia do Fall e do Felt. Além disso, queria que vocês falassem sobre os próximos lançamentos da Eldorado. **Ivo Augusto, Fortaleza — CE**

Vamos lá, Ivo. Em 88, o selo Stiletto/Eldorado deve colocar no mercado 25 novos títulos — começando agora, em janeiro, com os LPs If You Want to Defeat Your Enemy Sing his Song, *da banda The Icicle Works, e* Night Time Shadow, *do Kalima. Estão previstos ainda LPs do Joy Division, Cabaret Voltaire e This Mortal Coil, entre outras pérolas. Para quem conhece o Fall apenas pelo* Bend Sinister, *lançado recentemente pelo selo Stiletto/Eldorado, uma triste notícia: a banda de Manchester tem uma vasta discografia, ainda inédita por aqui. Depois de participar com duas faixas da histórica coletânea* Short Circuit: Live at the Eletric Circus *(78) ao lado do Warsaw, mais tarde conhecido como Joy Division — o grupo de Mark E. Smith grava seu primeiro LP em 79:* Live at the Witch Trials. *Seguem-se* Drugnet *(79), o álbum ao vivo* Live Totale's Turns *e* Grotesque, *ambos de 80. Em 81, é lançada a coletânea* Early Years 77-79, *reunindo os primeiros trabalhos do grupo. Ao EP* Slates, *lançado em 81, seguem-se* Hex Enduction Hour *e* Room to Live, *lançamentos de 82. Mais gravações ao vivo:* A Part of America Therein *(82) e* Fall in a Hole *(83), gravado na Nova Zelândia. O álbum* Perverted by Language *(83) marca a entrada da guitarrista e vocalista Brix Smith, esposa de Mark. 84 é o ano de* Wonderful and Frightening World of the Fall, *seguido pelo EP* Call for Escape Route, *do mesmo ano. Os LPs seguintes são a coletânea* Hip Priest and Kamerads *e* This Nation's Saving Grace, *os dois lançados em 85. Três EPs precedem o álbum* Bend Sinister, *de 86:* Couldn't Get Ahead *(85),* Hey Luciani *(86), e* Mr. Pharmacist *(86). A formação atual do Fall inclui, além de Mark (vocais e guitarra) e Brix, o baterista Karl Burns — único remanescente da formação original —, o tecladista Simon Rogers, o baixista Stephen Hanley e o guitarrista Craig Scanlon. As notícias mais recentes dão conta de que Brix Smith, depois de lançar alguns compactos ao lado de amigos, sob o nome de Adult Net, resolveu reformular o grupo para uma série de apresentações ao vivo, chamando para isso nada menos do que três ex-Smiths: Adam Rourke, Mike Joyce e Craig Gannon. No caso do Felt, existem três lançamentos anteriores a* Ignite the Seven Cannons: Crumbling the Antiseptic Beauty *(82),* The Splendour of Fear *(84) e* The Strange Idols Pattern and Other Short Stories *(84). Depois de* Ignite..., *que é de 85, o grupo lançou* Let The Snakes Crinkle their Heads to Death *(86). Com a formação atual — Lawrence (vocais e guitarra), Martin Duffy (teclados), Marco Thomas (baixo e guitarra), Gary Ainge (bateria), Neil Scott (guitarra) e Tony Willé (guitarra) — o Felt lançou, no ano passado, o LP* Poem of a River, *seu trabalho mais recente. Falando em discografias, aproveitamos para registrar dois erros tiranossáuricos cometidos na BIZZ 28. O primeiro disco do T. Rex é* My People Were Fair...*(68), e não* The Beginning of Doves, *como foi publicado. Outro deslize: Marc Bolan formou o grupo, em 67, com Steve Peregrine Took. Mickey Finn só passaria a integrar o T. Rex a partir do LP* A Beard of Stars, *lançado em 70. Sorry...*

CONQUISTANDO O EXTERIOR

Escrevo esta carta para mostrar o meu descontentamento em relação ao entrevistão da BIZZ 27. Nessa reportagem dupla, pude constatar a diferença feita entre os Paralamas e o Cólera. Já na abertura, a foto dos Paralamas é maior — o que se repete nas entrevistas, com mais fotos e texto para os Paralamas e menos para o Cólera. Ora, não é pelo fato de ser uma banda menos acessível, menos tocada e consumida, que o Cólera deve ser tratado de forma desigual. **Thiago Lopes, Campinas — SP**



As broncas de **Ailton Demarqui Alves (São Paulo - SP)** *e* **Elizabeth R.F. Vivian (São Paulo - SP)** *para com a seção mais polêmica de BIZZ: Lançamentos/Bolsa de Discos*

VERÃO EM BOA FORMA

- PREPARE SEU CORPO PARA O VERÃO
  Um roteiro completo para entrar em forma com pique total.
- AERÓBICA LIGHT
  Candice Copeland, uma das melhores professoras dos Estados Unidos, dá uma aula de exercícios leves.
- ACADEMIAS & PAQUERA
  O novo ponto de encontro de gente bonita e saudável.
- MODA & NOVIDADES
  Moda praia, acessórios e novidades em artigos esportivos.
- GUIA DO ATLETA
  Exercícios dicas e atualização para todos os esportes.

Nas bancas.

EDITORA AZUL

CARTAS E SERVIÇOS

CLUB DO RÁDIO

O Club do Rádio surgiu para registrar e reunir todos os programas dos anos 60, 70 e 80, nos mais variados gêneros musicais. Sua principal meta é mantê-los como patrimônio histórico do rádio brasileiro. Por isso, estamos solicitando a todas as emissoras do Brasil — AM ou FM — qualquer tipo de material. Agradecemos desde já. Escreva para: **Club do Rádio, A/C José Nogueira, Caixa Postal 14411, CEP 02199, São Paulo — SP**

PEDINDO BIZZ

Vendo as edições de BIZZ números 1, 2, 7 e 10. Compro as BIZZ 8 e 9. **Jorge Luiz Dantas, Rua Jacutinga, 4674, CEP 59080, Natal — RN**

Vendo as revistas BIZZ do número 10 ao 21. **Cláudia Ferreira, Avenida Padre Gregório Mafra, 12F, CEP 08200, São Paulo — SP**

Compro as edições de BIZZ do número 8 ao 16. **Celso Rondon, Rua Almirante B. das Neves, 637, CEP 78860, Diamantino — MT**

Compro as revistas BIZZ do número 1 ao 6 e a Ídolos do Rock 9-A. **Silvana Selvalhos, Rua Coronel Niederauer, 608, CEP 97015, Santa Maria — RS**

Compro a BIZZ 9, ou troco pela BIZZ 16, que tenho à disposição em ótimo estado. **Kleber Lage, Quadra 16, Conjunto C, Casa 14, CEP 73000, Sobradinho — DF**

Compro os números 2 e 3 da BIZZ. **Emerson Duarte, Rua das Figueiras, 88, CEP 13470, Americana — SP**

Compro as revistas BIZZ 3, 4, 7 e 9 **Eduardo Lopes, Umuarama — PR**

FÃ-CLUBES

Camisa de Vênus *Metástase*, A/C André, Avenida São Paulo, 300, CEP 58000, João Pessoa — PB

Capital Inicial *Fã-Clube Oficial Balacobraho! Ltda.*, Rua Japurá, 274, CEP 01319, São Paulo — SP

Legião Urbana *Fã-Clube Legião Urbana*. A/C Sílvio Júnior, Rua 2, Quadra 3, Lote 14, Redenção, 2ª Etapa, CEP 76660, Itaberaí — GO

Nau *Fã-Clube Nau*, Rua Thereza 1937, Edifício 1, Apartamento 202, CEP 25635, Petrópolis — RJ

Nina Hagen *Nossa Senhora Maldita*, Rua Maria Judith Lins, 531, CEP 53130, Casa Caiada — PE

Paralamas do Sucesso *Paralamanicos*, A/C Paulo Drumond, Rua Ge. Dias da Silva, 509, CEP 35060, Governador Valadares — MG

Plebe Rude *Unidade Plebe Rude Oficial*, Rua Marquês de São Vicente 348, CEP 22451, Rio de Janeiro — RJ

Sex Pistols *Sex Pistols Fan Club*, Avenida Rio Grande do Sul, 374, CEP 85590, Dois Vizinhos — PR

U2 *U2 Fan Club*, Rua João Cândido, 15/215, CEP 91360, Porto Alegre — RS

Uriah Heep *Uriah Heep Fan Club*, A/C Marcelo Thebald, Rua Tereza, 1937A, Bloco 8, Apartamento 101, CEP 25625, Petrópolis — RJ

Rita Lee *Babilônia Fã-Clube*, A/C Roberto Lee, Rua Visconde do Rio Branco, 781, CEP 95940, [illegible] roio do Meio — RS

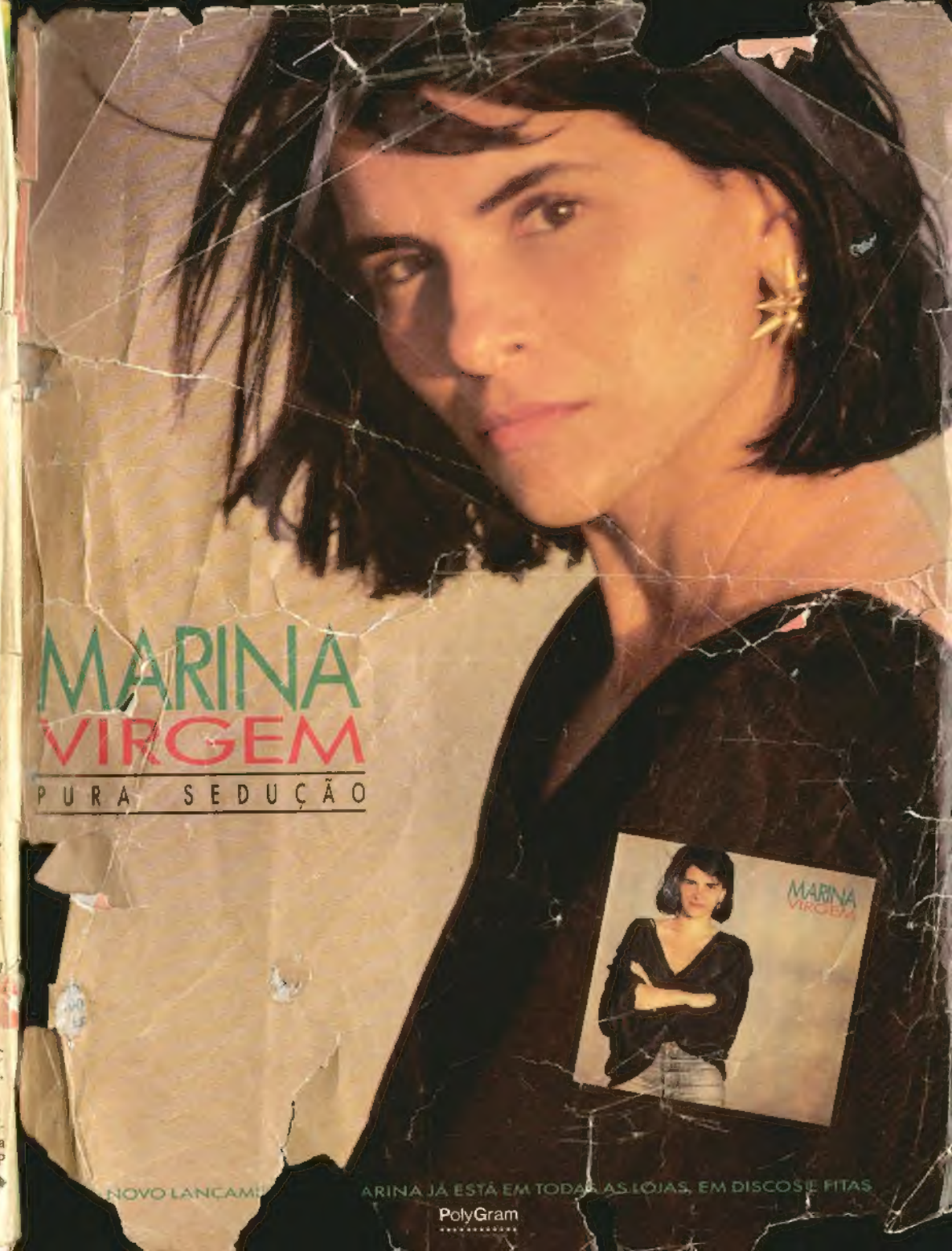
A-ha *A-ha Fan Club*, A/C Deise, Avenida Sapopemba, 5743, CEP 03374, São Paulo — SP

Capital Inicial *Fã-Clube Capital Inicial*, A/C Makrei, Rua Gervásio Bonavides, 26, CEP 11015, Santos — SP

Michael Jackson *Forever Michael Fã-Clube*, A/C Eraldo Br[illegible]sta, Rua Heráclito, 317, CEP 227[illegible] Jacarepaguá, Rio de Janeiro — RJ

Raul Seixas *Raul Rock Club*, A/C Sylvio Passos, Caixa Postal 12106, CEP 02098, São Paulo — SP

Culture Club/Boy George *Multicultural Club*, A/C Bruno Marques, Rua Barão do Rio Branco, 2732, CEP 60025, Fortaleza — CE



Los Angeles volta a tremer!

Afinal, o novo Lp do Supertramp nasceu lá. Depois de ficar trancado um ano nos mais sofisticados estúdios da Califórnia, o Supertramp entregou ao público o Lp Free As A Bird, um trabalho bombástico que fez a velha L.A. tremer. Provando que quem é rei não perde o trono, o Supertramp já desembarcou o seu novo trabalho no Brasil. Agora é com vocês.

Em discos e fitas de cromo

PolyGram